

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-**  
**BRASILEIRA**  
**PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**PETI MAMA GOMES**

**MULHERES EM ASSOCIAÇÃO NA GUINÉ-BISSAU: GÊNERO E PODER EM**  
***BABOCK E BONTCHE***

**REDEENÇÃO**

**2019**

PETI MAMA GOMES

MULHERES EM ASSOCIAÇÃO NA GUINÉ-BISSAU: GÊNERO E PODER EM  
*BABOCK E BONTCHE*

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Antropologia.

**Linha de pesquisa:** Diferença, Poder e Epistemologias.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Susana Alem Abrantes

REDENÇÃO

2019

Gomes, Peti Mama.

G612m

Mulheres em Associação na Guiné-Bissau: gênero e poder em *Bobock e Bontche* / Peti Mama Gomes. - Redenção, 2019.

111f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Acadêmico Em Antropologia Ufc/unilab, Mestrado Em Antropologia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Susana Alem Abrantes.

1. Mulheres. 2. Poder. 3. Associações de Mulheres. 4. Epistemologias. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 305.42

PETI MAMA GOMES

**MULHERES EM ASSOCIAÇÃO NA GUINÉ-BISSAU: GÊNERO E PODER  
EM BABOCK E BONTCHE.**

Dissertação apresentada ao Programa Associado De Pós-Graduação Em Antropologia- PPGA, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Antropologia.

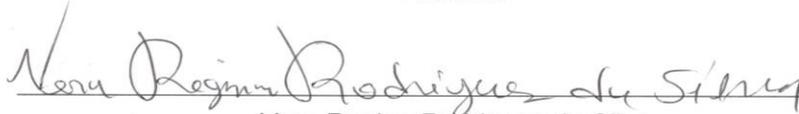
Aprovada em: 02/08/2019

**BANCA EXAMINADORA**



---

Carla Susana Alem Abrantes  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)  
Presidente



---

Vera Regina Rodrigues da Silva  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)  
Examinadora Interna ao Programa



---

Artemisa Odila Cande Monteiro  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)  
Examinadora Externa ao Programa

---

Participação por Videoconferência

Patrícia Godinho Gomes  
Università degli Studi di Cagliari  
Examinadora Externa à Instituição

Este trabalho foi motivo de reencontros mais que especiais. Dedico esta dissertação à minha família, Nantu Gomes, Blandim Mendes e Aissatu Mendes, por tantos sacrifícios que fizeram e continuam fazendo; à minha sobrinha, Alda Gomes da Costa, pela luz que trouxe à nossa família; aos amigos e interlocutoras, que contribuíram para que a realização do trabalho de campo em Canchungo e Bissau fosse uma realidade; ao João Manuel Vaz, à Mira, à Joselina e aos meus sobrinhos pela atenção e carinho.

## AGRADECIMENTOS

Aos **ancestrais** e todos os anjos que me guiaram pelos caminhos desta pesquisa!

Em primeiro lugar, é preciso dizer que devo, em grande medida, a conclusão desta dissertação, ao apoio carinhoso e o suporte intelectual de muitas professoras e professores, sempre presentes, em particular à minha orientadora Carla Susana. Este trabalho se deve muito ao seu auxílio. Muito obrigada, não só pela orientação, mas, também, pela confiança e amizade estabelecidas que, tenho certeza, continuarão a existir para além da finalização desta pesquisa. Agradeço também aos professores Artemisa Monteiro Candé, Segone Ndangalila Cossa, que estiveram presentes na banca de qualificação. É gratificante poder contar com vossa orientação sem mencionar os materiais facultados durante o período de escrita, muito obrigada! À Marina Mello, por apoiar meus primeiros passos na academia ainda na graduação - minha profunda admiração e meu respeito. Vera Rodrigues e Patrícia Godinho Gomes pela disponibilidade de avaliar o trabalho.

Agradeço à Unilab, pela bolsa de mestrado concedida nesses dois anos, sem a qual não poderia ter me aventurado nessa viagem para Guiné-Bissau.

Ainda que esta dissertação é resultado de um esforço por mim realizado, sua finalização não seria possível sem o auxílio de diversas pessoas, até porque nenhuma pesquisa antropológica faz-se possível sem o trabalho de colaboração existente entre o pesquisador e seus interlocutores. Aos que me apoiaram no processo de seleção do mestrado e que de alguma forma fazem parte da construção disso tudo.

Aos professores e colegas que tive durante estes dois anos que passei dentro da Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Assim como minhas parceiras\interlocutoras desta pesquisa, as mulheres de Canchungo e São Paulo, Capital - Bissau que permitiram que eu ouvisse suas histórias tão particulares e convivesse no momento ímpar de suas associações.

Aos meus colegas de turma, assim como meus futuros Mestres em Antropologia, deixo meus sinceros agradecimentos pela amizade, convivência e troca de ideias, experiências e opiniões que se deram tanto no ambiente acadêmico quanto nos *shoppings* e

passeios. Obrigada por terem organizado a minha despedida para Guiné-Bissau, na pessoa da Bruna, Flávia, Gabriela, e Rafael, meu muito obrigada!

O caminho que trilhei em busca deste título de Mestre em Antropologia iniciou-se há alguns anos, devo a muitas pessoas! A coragem e força para realizar esta grande mudança em minha vida, devo ao constante e irrestrito apoio que recebo diariamente dos meus pais e irmão – além de fornecerem os meios financeiros para a consecução deste projeto, ofereceram-me fundamento emocional para que minha estadia em casa fosse harmoniosa. E que, acima de tudo, nunca duvidassem de minha capacidade para enfrentar os desafios que esta decisão me impôs. Com eles, pude aliviar as saudades e as tristezas, viver as alegrias e os dissabores que esta aventura implica. Agradeço imensamente pela convivência diária, cumplicidade e apoio moral que me deram para realizar este trabalho.

Também, agradeço ao departamento de sociologia lusófona na Guiné-Bissau pelo espaço cedido durante o período de estágio e, principalmente, pelo o acolhimento e atenção que tiveram comigo, na pessoa do Professor Diamantino Domingos Lopes. Assim como a receptividade do professor Júlio Có de Antropologia, a secretária e professora do departamento de ciências de educação, Fatumata Baldé - sempre muito simpática e extrovertida, muito obrigada pelas conversas e curiosidades. Assim como, o Magnífico Reitor, Prof. Doutor Rui Jandí, pela assinatura dos documentos burocráticos, meu muito obrigada! Enfim, a todos os que, de uma forma direta ou indireta, contribuíram para esta dissertação.

Aos amigos e amigas que conheci aqui no mestrado - Flávia Oliveira, Bruna Araújo, Gabriela Alves, minhas parceiras de biblioteca, e, claro, Rafael de Mesquita pela sua escuta e seus abraços apertados. Ao George, irmão que este mestrado me deu, querido, obrigada pelo companheirismo nos trabalhos desenvolvidos, pelo carinho e pelo bom humor de sempre, te amo. Aos docentes PPGA da UFC\UNILAB pelos conhecimentos, atitudes, palavras e exemplos que com certeza aprendi e influenciaram a um novo olhar sobre as coisas simples e grandes da vida pessoal e profissional. Aos colegas de “Primeira Turma” do PPGA da UFC\UNILAB, foi gratificante inaugurar o programa com cada um e uma, muito feliz e grata pela convivência e trocas.

Por último, não menos importante, agradeço profundamente aos meus primos: Farã Vaz, João Manuel Vaz, José Manuel Vaz, Yama Mendes, André Junior, Aldair Velez, assim

como, colegas e professorxs da UNILAB (minha segunda casa), **GRATIDÃO** a todxs, “é tudo nosso”.

Chegou a sua terra! Peti Mama Gomes veio a *Babock*. A filha da terra chegou à sua terra. Levantamo-nos e vamos recebê-la com carinho, pois a filha de *Babock* à casa retornou! Recebemo-la com carinho<sup>1</sup>! (Música de boas-vindas em meu primeiro encontro com *Mandjuandadi*, Amizade de *Babock*, 17 de agosto de 2018)

---

<sup>1</sup> Tradução Imelson N'tchala Cá

## RESUMO

Esta dissertação é fruto de um trabalho antropológico sobre duas associações de mulheres em Guiné-Bissau – *Mandjuandadi Amizade de Babock* na região de Cacheu, setor de Canchungo, e *Cooperativa Bontche* no bairro de São Paulo, capital de Bissau. A pesquisa procurou trazer reflexões voltadas para outras formas de conceber a experiência feminina, bem como suas respectivas epistemologias, a partir de uma perspectiva assumidamente africana - em especial guineense. Entende-se, neste trabalho, que há outras e variadas maneiras de pertencer e se identificar ao gênero feminino. Por isso, os termos *Mandjuandadi* e *Cooperativa* procuram situar e problematizar essa identificação a partir das relações sócio-político-ideológicas, inseridas em redes de mulheres que lhes conferem poder simbólico em Guiné-Bissau e dão suporte aos seus trabalhos de agricultura, comércio e costura. A etnografia foi escolhida como método de inserção e compreensão do campo de investigação, o que nos permitiu observar os modos de organização social feminina e descrever os elos que as mantêm unidas e lhes conferem poder.

**Palavras-chave:** Gênero feminino. Poder. Associações de Mulheres. Epistemologias.

## RÉSUMÉ

Cette thèse est le résultat d'un travail anthropologique mené sur deux associations de femmes en Guinée-Bissau - la manduration de l'amitié de Babju dans la région de Cacheu, dans le secteur de Canchungo, et la *Cooperativa Bontche* dans la capitale Bissau, à São Paulo. La recherche visait à amener les réflexions centrées sur d'autres manières de concevoir l'expérience féminine, ainsi que leurs épistémologies respectives, dans une perspective supposée africaine - notamment guinéenne. Il est entendu dans ce travail qu'il existe d'autres manières d'appartenance et d'identification du genre féminin. Par conséquent, les termes *Mandjuandadi* et *Coopérative* cherchent à situer et à problématiser cette identification a partir des relations socio-politiques-idéologiques, insérées dans des réseaux qui leur confèrent un pouvoir symbolique en Guinée-Bissau, soutenant le travail de l'agriculture, du commerce et de la couture. L'ethnographie a été choisie comme méthode d'insertion et de compréhension du champ de la recherche, qui nous a permis d'observer les modes d'organisation sociale des femmes et de décrire les liens qui les unissent et leur donnent du pouvoir.

**Mots clés:** Gener feminino. Poderes. Associações de Mulheres. Epistemologias.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa regional.....	15
Figura 2 – Mulher com Bacia de água na horta de legumes e verduras.....	66
Figura 3 – Diversos legumes e verduras.....	66
Figura 4 - Alguns legumes e verduras retiradas na horta pronta para ser consumida ou vendida nas vizinhanças e no mercado central de Canchungo.....	67
Fig.5/6 – Vestido bordado e mochilas unissex.....	71
Fig.7/8 – Bolsas feitas apenas de pano com tamanhos e cores diferentes.....	71
Fig.9/10 – Mulheres na tecelagem.....	72
Fig.11/12– Homens na lavoura e mulheres na plantação.....	78
Figura 13 – Tabela de atividades anual de duas associações.....	80
Figura 14 – <i>Mindjeris na rinka arruz</i> (mulheres colhendo arroz) .....	81
Figura 15 – O solo pronto para ser plantado.....	81
Figura 16 – O solo pronto e arroz para ser plantado.....	82
Fig.17/18 – Semeando arroz.....	82
Figura 19 – Membros da <i>Cooperativa Bontche</i> .....	84
Figura 20 – Comércio.....	85
Figura 21 – Ilustração da imagem cabaz.....	87
Figura 22 – Mulheres de <i>Mandjuandadi Amizade de Babock</i> na roda de Tina.....	88
Figura 23 – Rainha Tina Gomes de Amizade Babock.....	93
Figura 24– Sábado Lima Mendes.....	94
Figura 25– Ivone Gomes.....	97

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
GB	Guiné-Bissau
PAIGC	Partido Africano de Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PLCP	Projeto de Luta Contra a Pobreza
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONGS	Organizações Não Governamentais
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	14
<b>1</b>	<b>A CONSTRUÇÃO DE UM OLHAR ETNOGRÁFICO.....</b>	21
1.1	Ferramentas teórico-metodológicas.....	21
1.2	Construindo o objeto fora de casa.....	26
1.3	Os vínculos estabelecidos na volta à casa.....	30
1.4	Por uma nova observação participante.....	32
<b>2</b>	<b>OS DEBATES SOBRE A EXPERIÊNCIA FEMININA.....</b>	37
2.1	Discutindo as fronteiras do gênero em diferentes perspectivas.....	38
2.2	Visões sobre a mulher africana.....	42
2.3	As mulheres em Guiné-Bissau.....	49
<b>3</b>	<b>MULHERES EM ASSOCIAÇÃO NA GUINÉ-BISSAU.....</b>	53
3.1	Notas de uma memória pessoal - Um diálogo possível.....	58
3.2	<i>Mandjuandadi</i> na Guiné-Bissau.....	61
3.3	As Mulheres na <i>Mandjuandadis de Amizade Babock</i> .....	63
3.4	Mulheres em <i>Cooperativas</i> em Guiné-Bissau.....	70
3.5	Cooperativa <i>Bontche</i> no bairro de São Paulo - Bissau.....	73
<b>4</b>	<b>TRAJETÓRIAS DAS MULHERES EM ASSOCIAÇÃO .....</b>	77
4.1	O papel de mulher no trabalho agrícola.....	77
4.2	Os encontros organizados.....	89
4.3	Lideranças em associações.....	93
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	104
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	107
	<b>APÊNDICES.....</b>	111

## INTRODUÇÃO

Este trabalho veio de longe. Ele não é fruto de uma experiência acadêmica recente e individual, mas de uma vivência que resulta também de uma memória coletiva tradicional. Talvez, por eu ter nascido no Norte de um país (Canchungo, Guiné-Bissau), onde as mulheres trabalham junto aos homens para manter o sustento da família, eu não tenha tido a compreensão da dimensão que envolvia a concepção de gênero e suas dinâmicas como mais tarde acessei ao chegar ao Brasil. Portanto, neste trabalho, relato as trajetórias femininas que balizam a minha própria história de vida, por eu ser uma dentre onze filhos de duas mulheres guerreiras, trabalhadoras<sup>2</sup>, residentes em Petabe – *tabanca*<sup>3</sup> de Canchungo – Guiné-Bissau.<sup>4</sup>

Essa necessidade de ir mais além, de não acreditar apenas no senso comum mas permitir buscar inspirações na antropologia e com ela ir além na compreensão das narrativas das mulheres na Guiné-Bissau, originou-se dos últimos anos na Unilab, quando eu ainda estava na graduação em Humanidades e acompanhei grandes debates em torno das questões de identidade de gênero e representações sobre a mulher na sociedade guineense<sup>5</sup>. Nesse esforço de acompanhar os debates dentro da universidade, compreendi, ao ler, em geral, alguns/as autores/as, que “gênero” não é uma categoria pronta e estática, mas em constante construção (SCOTT, 1989). Ainda que sejam de naturezas diferentes e tenham

---

<sup>2</sup>Sou filha de uma família poligâmica. A poligamia é a união entre um homem e duas ou até mais mulheres. Assim, quando falo de duas mulheres incríveis nesta dissertação, refiro-me, sim, a elas como minhas mães, uma biológica e outra *Cumbossa*. Ainda é importante dizer que não sou eu apenas que considero a primeira mulher do meu pai como mãe, mas todos os filhos dessas duas mulheres também. Estou ciente de que seria um estudo mais profundo para entender tudo isto, porém, este não é o objetivo desta dissertação.

<sup>3</sup>Aldeia. *Tabanca* é um conjunto de *moranças* formadas de diferentes famílias que residem em um determinado espaço ou região. *Morança* é o conjunto de casas familiares rodeadas por um círculo ou em forma triangular, cujos moradores são da mesma família paternal ou descendentes de um avô. (INTIPE, Bernardo Alexandre, 2017)

<sup>4</sup>Cabe informar os critérios de grafia para esta dissertação: a grafia utilizada neste texto marca as aspas para conceitos e citações, como é usual, além de relativizar alguns termos ou identificar conceitos. O itálico é utilizado para termos em língua estrangeira, para categorias locais e nomes de grupos locais que merecem destaque por serem centrais para esta pesquisa como é o caso da palavra *Mandjuandade*. O negrito é utilizado para as minhas ênfases necessárias ao longo da argumentação.

<sup>5</sup>Refiro-me, em especial, às situações ocorridas entre 2014 e 2017 na UNILAB do Ceará e que foram objeto de debates entre alunos, nas salas de aula, nos contextos de grupos de pesquisa e assembleias em que pautas de reivindicação trouxeram à tona a questão das mulheres no continente Africano.

especificidades próprias, gênero como categoria analítica permite entender sentidos e características partilhadas, mas também dinâmicas, construídas e passíveis de transformação, conforme também vemos em Louro (1992). Assim, com curiosidade, comecei a ler, também, alguns estudos sobre gênero na perspectiva africana de forma a entender essa construção social e histórica no plural, ou seja, nas suas mais variadas perspectivas. Central para este argumento é a ideia de que, infelizmente, “somos levados, às vezes, a acreditar que a mulher africana está sempre no lar” cuidando do marido e das crianças (AYESHA, 2013)<sup>6</sup>. Porém, as identidades de gênero não são únicas nem fixas (constantes), muito menos universais. Em alguns momentos, pode haver semelhança sobre a concepção de ser masculino e ser feminino em muitas sociedades e grupos sociais, mas pode também haver diferenças. Cabe lembrar que, independentemente dos espaços sociais e diferenças no modo de conceber o gênero, todos são válidos. Ou seja, a “vida humana, as suas experiências são múltiplas e bem mais complexas do que os modos como as classificamos e interpretamos” (GOMES, 28, p. 2016).

É neste ensejo que fui impulsionada a querer saber mais sobre associações de *Mandjuandadi* e de *Cooperativa de mulheres* constituídas por pessoas que mantêm uma ligação social harmoniosa e que estabelecem entre si laços de amizade, parentesco, vizinhança e/ou profissão, independentemente de classe social ou etnia. A escolha por esses grupos pode estar ligada ao fato de eu ter passado três fases da minha vida em uma comunidade onde a mulher detém o poder enquanto sujeito (ao produzirem mercadorias capazes de assegurar a autonomia pessoal) e conseqüentemente são responsáveis pela metade da economia do país. Ou seja, como sugere Odete Semedo (2011), as mulheres guineenses dominam o setor informal da economia do país, Guiné-Bissau.

Mas não se pode perder de vista que vivemos em uma “sociedade” (guineense) onde a exclusão do gênero feminino está presente na maioria das estruturas de poder. É justamente nesse cenário que encontramos esses grupos de mulheres que se organizam de forma voluntária e “igualitária” em associações que partilham dos mesmos interesses e onde podem ter uma voz ativa na comunidade onde estão inseridas. Assim, esta dissertação tem como objetivo fazer uma investigação dessa existência feminina que possui voz, força econômica, autonomia pessoal e identidade própria. O exercício aqui será, portanto, o de

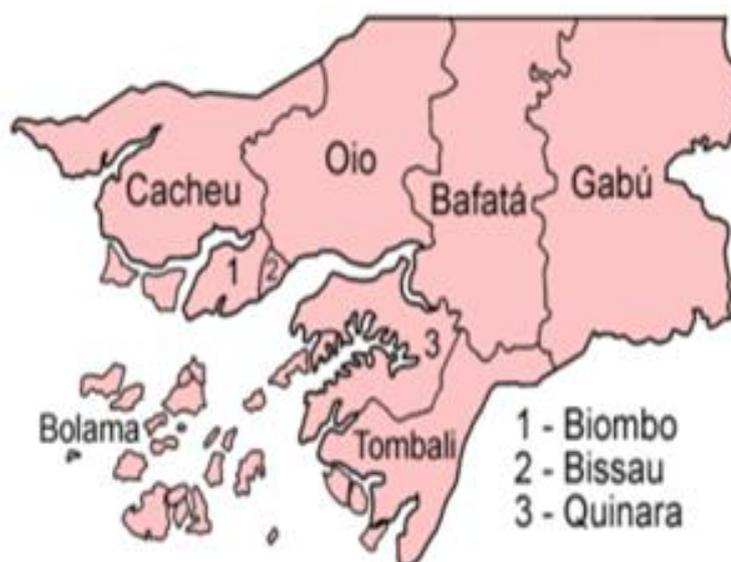
---

<sup>6</sup>Ayesha Imam é uma ativista nigeriana de direitos humanos, coordenadora de um BAOBAB, uma organização de defesa das mulheres nigerianas em questões legais.

explorar as condições de possibilidade do ser mulher africana tomando como ponto de referência as mulheres guineenses, organizadas em grupos denominados como *Mandjuandadi de Amizade Babock* e *Cooperativa Bontche*. Procuramos observar os modos de organização social feminina nessas duas organizações da Guiné-Bissau e descrever os elos que as mantêm unidas e lhes conferem poder.

Tomando como base dois grupos diferentes: 1) coletivo de *Mandjuandadi Amizade de Babock*, localizado numa região chamada Cacheu, concretamente no setor de Canchungo, em uma tabanca (aldeia) chamada Reno; 2) grupo de mulheres denominado *Cooperativa Bonche*, localizado na capital Bissau, em um bairro chamado São Paulo. Deste modo, é importante apresentar brevemente o mapa do país escolhido para desenvolver este trabalho. A Guiné-Bissau está dividida em oito regiões administrativas (Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali) e um setor autónomo (Bissau).

**Figura-1** Mapa regional



**Fonte:** Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guiné-Bissau#/media/File: GW-regions.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guiné-Bissau#/media/File:GW-regions.png)

Cada região subdivide-se em setores com um administrador e estes se subdividem em seções sob a regência de um administrador, também. As seções, por sua vez, reúnem diversas *tabancas* e em cada *tabanca* existem vários bairros formados por diversos

moradores. Canchungo, um dos locais onde se realiza este trabalho de campo, é um dos setores administrativos da região de Cacheu (GOMES, 2016).

Segundo o Guia Turístico (2015, p. 58), a Região de Cacheu, onde está localizada a primeira associação de mulheres desta pesquisa, fica situada ao norte do país e tem cerca de 185 000 habitantes rodeadas pelo mar. Cacheu é a cidade mais antiga da Guiné-Bissau e fica junto do rio com o mesmo nome, tendo crescido devido ao tráfico negreiro. “Na época, a região de Cacheu ficou conhecida como o caminho de escravos, porque os escravos comprados nos arredores eram embarcados em Cacheu e levados para fora” (BENZINHO\ROSA 2015), assim, ela também foi capital no tempo colonial. O Rio Cacheu é um dos mais importantes da Guiné-Bissau e pertence aos setores Canchungo, Caió, Bula Bigene e São Domingos (BENZINHO\ROSA 2015, p. 58).

Então, ao chegarmos à cidade de Canchungo, que fica a 79 km de Bissau, segundo Benzinho\Rosa (2015), percebe-se que se está, praticamente, no meio do caminho entre a capital Bissau e a cidade de Cacheu. O caminho é percorrido em uma estrada bordada por frondosas árvores que dão sombra e uma beleza especial à entrada de Canchungo. A rotunda, no centro da povoação, mostra onde podemos encontrar artesãos a vender as cerâmicas, tecidos “manjacos” e cestas produzidas nesta região, o que marca o início de um percurso que nos leva por uma avenida larga sinalizada por duas faixas em cada sentido, com um separador central (BENZINHO\ROSA, 2015, p. 65).

E ainda é importante dizer que a população Manjaca é a maioritária na Região de Cacheu, no norte do país, ocupando a parte continental da costa que vai do rio Cacheu ao rio Mansoa e a parte insular constituída pelas ilhas de Caio, Jeta e Pecixe. Assim, Carvalho (2004) afirma que:

A designação de Manjaco é aplicada a grupos com características sociais e linguísticas a um tempo diferenciadas e aparentadas. A sua diversidade é expressa pelo fato de se identificarem como Manjaco populações que falam “dialetos” quase ininteligíveis, possuem formas de sucessão ora patrilineares ora matrilineares, integravam-se em antigos reinos pré-coloniais ou, pelo contrário, a de autoridade máxima reconhecida era o “conselho de anciãos” da comunidade aldeã (CARVALHO, 2014: 232).

A população manjaca, em Guiné-Bissau, constitui a terceira maior etnia — cerca de 9,2% e ocupa, sobretudo, o litoral Norte do país, na região de Cacheu, com maior

centralidade em Canchungo (PINTO, 2009, p. 35). Os seus territórios são organizados sistematicamente pelos régulos e pode ser considerada uma resistência que sobreviveu à colonização e protagonizou, nos anos 80, um episódio conhecido como de revitalização do poder tradicional, através da escolha de um régulo por critérios tradicionais, contra os critérios das autoridades administrativas (PINTO, 2009).

Portanto, antigamente, o sistema econômico de população manjaco era baseado em comércio regional regular, ou seja, um comércio que é “organizado em pequenas comunidades, com um ou dois milhares de habitantes, distribuídos por territórios com um diâmetro de cerca de cinco quilômetros” (CARVALHO, 2004). Em geral, cultivam tradicionalmente arroz, milho e feijão, recolhem *chabéu*<sup>7</sup> e vinho de palma e criam gado. Atualmente, as suas principais atividades são a agricultura de *mancarra*<sup>8</sup>, arroz, cereais e fruticultura do caju e cana (cachaça). Podemos considerar, provisoriamente, que qualquer identidade étnica guineense “define-se por oposição a outras etnias, não tem significado isoladamente. A pertença a uma etnia significa a afirmação do eu perante o outro” (PINTO, 2009, p. 44).

Tudo isso é para tentar localizar o primeiro grupo que se compõe de sujeitos desta pesquisa, *Mandjuandadi Amizade de Babock*. O segundo grupo, a Cooperativa *Bontche* do bairro de São Paulo - Guiné-Bissau, é composto por 12 mulheres que fazem roupas, bolsas para vender na própria loja e nas feiras organizadas. Diferentemente de *Babock*, as características identitárias, regionais do Bairro de São Paulo, são heterogêneas, assim como as relações étnicas.

Assim, este trabalho procura “responder” às seguintes questões de pesquisa: o que leva uma mulher a participar de uma associação? Como poderia descrever essa associação e localizar o pertencimento dessas mulheres aos seus contextos de organização social? Que diálogos mantêm com os homens? Como está organizado o sistema de produção agrícola e quais os papéis das mulheres? Qual é importância da *Mandjuandadi* de uma mulher em

---

<sup>7</sup>Chabéu é Muamba mais óleo de palma.

<sup>8</sup>*Amendoim* em crioulo da Guiné-Bissau, *mancarra*. O crioulo é uma língua franca, ou seja, nacional, que permite a comunicação entre os diferentes grupos étnicos que compõem a população guineense. (EMBALÓ, 2008)

Canchungo? E em São Paulo? Como se constituem os laços de irmandade, parentesco e pertencimento étnico identitários nas rodas de *Mandjuandadi* e na cooperativa *Bontche*? Qual é influência do poder local dentro da associação de mulheres? Como se dão as relações sócio-político-ideológicas das redes de poder feminino em Guiné-Bissau? Qual é o contexto sócio-histórico-antropológico dos dois grupos? Quais os mecanismos que configuram uma *Mandjuandadi*; o que é hierarquia local da *Mandjuandadi* e como o poder simbólico social se distribui nesta hierarquia? Qual é a relação delas (afazeres, costumes e práticas – rotina) com a *Mandjuandadi*? Sinto necessidade de frisar que nem todas as pessoas participam de *Mandjuandadi* e cooperativas, apesar das associações existirem em todos os bairros, cidades, regiões de Guiné-Bissau. Além destas questões, ainda procuro localizar como acontecem as transmissões dos saberes para a camada juvenil e os demais segmentos. Qual é contribuição da cooperativa de *Bontche* e de *Mandjuandadi* na construção da identidade coletiva?

Esta dissertação, além da introdução, está dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, trago as reflexões sobre os métodos utilizados para a realização desta pesquisa, a partir dos seus desafios, diálogos com interlocutores e a própria pesquisadora em seu processo de coleta de dados e a reflexão do lugar em que ocorrem relações de troca e confiança.

No segundo capítulo, são apresentadas as diferentes visões sobre as mulheres no contexto acadêmico e guineense em particular, para nortear um entendimento sobre outras formas de se estar no mundo, de ser mulher, de pensar a pluralidade de pertencimentos identitários.

No terceiro capítulo, é feita uma descrição de Mulheres em Associação na Guiné-Bissau, a partir da sua organização social. Começaremos por uma breve contextualização das práticas organizadas de mulheres nas suas atividades associativas dentro do país. Em seguida, mostraremos a sua contribuição e protagonismo econômico a partir dos grupos - *Bontche* e *Babock*, remetendo sempre ao seu papel na economia local, nacional e sua contribuição direta ou indiretamente nos processos de desenvolvimento em Guiné-Bissau. Em seguida, faz-se um diálogo de minhas lembranças de *Mandjuandadi* de Canchungo, memória de grupos de mulheres. E por fim, apresento uma revisão geral sobre *Mandjuandadi* e *Cooperativas* na Guiné-Bissau, para dar um entendimento, de como ou de

que maneira as mulheres se juntam através de suas associações, e conseqüentemente, entender, a importância e o papel da experiência feminina na região de Cacheu e no bairro de São Paulo.

No quarto e último capítulo, levo a cabo a proposta da narrativa, das histórias de vida de três mulheres, membros de duas associações: uma em Cooperativa *Bontche*, capital do país e duas em Amizade de *Babock*, setor de Canchungo, identificando suas experiências determinantes em seus grupos e fora delas, a partir da importância das associações de mulheres no país como o suporte de agricultura, costuras e comércio que torna estas associações tão relevantes para uma compreensão da identidade feminina no país. No final do texto, retomo algumas questões apontadas ao longo da redação etnográfica, a partir das quais tento extrair algumas considerações finais desta dissertação.

## 1. A CONSTRUÇÃO DE UM OLHAR ETNOGRÁFICO

Foi um sonho que me levou a trabalhar com as mulheres de Canchungo de *Mandjuandadi Amizade de Babock* e de *Cooperativa de Bontche*. Iniciei esta pesquisa com os estudos e reflexões voltados ao gênero e poder, a partir de uma perspectiva assumidamente africana - em particular guineense. Assim, li alguns autores que me inspiraram a seguir este caminho de me aproximar das associações designadas por *Mandjuandadis* e *Cooperativa* e transformá-las em objeto de estudo: Amadiume, Ifi, (2005 \ 2010), Manuela Borges (2006), Patrícia Godinho Gomes (2009), Oyeronke Oyewumi (2010), Sunday Adetunji Bamisile (2012), Sara Gomes Santana (2012 / 2013), Ludmila Melo da Costa Bolonha (2013), dentre outros. Assim, preciso ressaltar que a tese de doutorado de Odete Semedo “As *Mandjuandadi* - Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura” me ajudou muito a ter uma noção “geral” das *Mandjuandadi* de Guiné-Bissau. Semedo (2010) trata das origens da *Mandjuandadi*, suas características, suas atividades desenvolvidas, assim como suas finalidades. Esta é uma referência importante para este trabalho, apesar do meu foco ser investigar as narrativas e representações identitárias relativas ao poder das mulheres que podem ser compreendidas a partir da sua participação nessas organizações femininas (*Mandjuandadi de Amizade de Babock* e *Cooperativa Bontche*) guineenses.

### 1.1 FERRAMENTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A pesquisa em campo, propriamente dita, foi feita em Canchungo, região de Cacheu e bairro de São Paulo capital de Bissau, Guiné-Bissau entre agosto e novembro de 2018. Além de participar ativamente nas atividades do coletivo e cooperativa, dispus-me a trabalhar junto a elas durante a minha estadia no campo, e acompanhar os seus afazeres cotidianos. Portanto, o caminho para compreender o modo de vida das mulheres em *Mandjuandadi* e *Cooperativa*, que emana desse pertencimento e cotidiano, pode ser encontrado por meio da etnografia. Isto é, o método etnográfico nos permite observar aspectos referentes à organização do grupo, aos elementos que o constituem, assim como

suas atividades e rotinas diárias. A própria etnografia segundo Malinowski, remete ao entendimento da vida do outro na tentativa, por muitas vezes, de uma observação participante, de modo que nos leve a compreender o mundo a partir de um ponto de vista daqueles e daquelas que planejam estudar (MALINOWSKI, 1976).

Compartilho com Geertz (1976) a concepção de etnografia não como a experiência e a interpretação de outra realidade circunscrita, mas, sim, como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e muitas vezes, mais sujeitos conscientes e politicamente implicados numa trama social. Paradigmas de experiências e interpretação estão dando lugar a paradigmas discursivos de diálogo e de polifonia. Assim, considera-se que este processo de investigação antropológica é, por conseguinte, etnográfico. Trata-se de um processo através do qual o comportamento, a fala, as crenças, a tradição oral e os rituais não escritos vêm a ser marcados como um *corpus* significativo, assumindo uma relação mais ou menos estável em um contexto. O resultado desse processo é considerado como uma descrição etnográfica densa (GEERTZ, 1978).

A oralidade ainda é uma questão muito presente e forte na sociedade guineense, principalmente nas *tabancas*. Recorro até como exemplo do processo de formação das identidades do país, o caso específico das mulheres que participaram ativamente no processo de luta para independência de Guiné e Cabo Verde em que suas histórias como heroínas nacionais são contadas oralmente no ensino médio, mas também na escrita de intelectuais Guineenses: Monteiro Cande (2013) e Godinho, Gomes (2012). Segundo Hampaté Bâ (2010), o elo que liga o passado e presente no âmbito do cotidiano perpassa pelo costume e as heranças culturais que alimentam a realidade africana através da experiência (Hampaté Bâ, 2010). Assim, focalizarei nas experiências de mulheres, que muitas vezes se percebem dentro de uma construção de *Mindjerdadi*<sup>9</sup>, ou seja, de autonomia e poder dentro de suas organizações locais e nacionais. Presumo que, mulheres e homens em Canchungo e no bairro de São Paulo – que transformam o ato de contar a história pessoal e social como uma experiência rica, viva e singular – compõem a matéria viva deste trabalho.

---

<sup>9</sup> *Mindjerdadi* em si, é uma construção de identidade feminina em Guiné-Bissau que as colocam em pé de igualdade, não importa as posições sociais, classe ou etnia através das suas atividades diárias.

Essas experiências são também lembranças que estão ligadas pelo fio da história, de Cacheu, à memória do local onde vivi com meus pais, minha madrasta e meus irmãos. Essa memória ao longo da minha estadia no Brasil foi dando lugar à evocação da memória social de grupos de mulheres em região de Cacheu, setor de Canchungo. Assim, o ato de contar as histórias pessoais ou narrativas dentro de associações, são, de fato, um ato referencial e narrativo, conectado à própria dinâmica da história social da cidade, do bairro, do setor e da região de Cacheu. No entanto, há de se salientar, com Le Goff, que “a memória é um conjunto de funções psíquicas pelas quais todos podem atualizar impressões e informações passadas” (LE GOFF, 2003). Sendo assim, a minha memória é trazida neste trabalho para evocar alguns acontecimentos históricos de uma determinada região.

Para o desenrolar dessa memória pessoal, as reflexões propostas por Casal (1988) sobre a autobiografia me ajudam a trazer minhas experiências obtidas em uma *Mandjuandadi* de Canchungo e contribuir para trazer as trajetórias de mulheres nos dois grupos. Ou seja, usarei esta ferramenta metodológica que permite contemplar um indivíduo que é o próprio pesquisador em seu contexto histórico particular. Assim, a autobiografia permite-nos descobrir os nexos de uma história pessoal com um macro- história social. Trata-se de uma perspectiva sócio individual que poderá ser equacionada tendo em conta as três componentes: 1) o campo de estratégias individuais face aos imperativos e aos contextos de ordem social, cultural e macro-histórica em que cada indivíduo está envolvido; 2) o campo das experiências vividas no concreto, expressas em palavras, gestos e ações do sujeito individual e o 3) campo da empatia do investigador com tais experiências e relatos, legitimando a autoria da investigação e das possíveis formalizações teóricas que dessa investigação decorrem (CASAL, *ibidem*, p.88).

Portanto, narrar o passado é se localizar ou percorrer lugares outros e nesses lugares encontrar diferenças, particularidades, singularidades e outros elementos importantes em relação ao espaço e à identidade. Gupta e Ferguson (1992) apontam para noções de espaço, identidade e política da diferença, o que reforça o fato de não podermos separar memória da localização do espaço. Ou seja, esse espaço é uma “experiência socialmente construída” e, devo dizer, negociada politicamente no âmbito da agência dos sujeitos imbricados. Desta maneira, a minha experiência vivida nas *Mandjuandadis* da minha infância sofre alterações ao ter sido levada a participar dos encontros das mulheres da *Babock* durante a minha

pesquisa em 2018. Isso me levou a descrever com mais detalhes a vivência já conhecida anteriormente.

A partir disso, concordo que a narrativa “não está interessada em transmitir o puro em si da coisa narrada como uma informação ou um relatório” (BENJAMIN, 1992, p. 06). Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Por isso, as melhores narrativas escritas eram aquelas que mais se aproximavam das histórias orais contadas por inúmeros narradores anônimos, segundo Benjamin. Porém, essa “tradição” está cada vez mais perdida nessa era de modernidade (BENJAMIN, 1992), embora nas associações de mulheres ainda existam essa continuidade ou partilha de palavra transmitida entre elas e comunidade. As músicas também são compostas relatando os problemas sociais, políticos e econômicos, como veremos no capítulo 4.

Desta forma, é importante contextualizar que o grupo de *Mandjuandadi* é uma das associações voluntárias das mulheres em Guiné-Bissau que tem por objetivo transmitir os sentimentos através da música e ser uma fonte de conselhos e um meio de produção de economia local ou nacional. Trata-se de um grupo que transmite a tradição e a cultura de uma forma oral, sem deixar de lado o caráter da corporeidade desse aprendizado (CSORDAS, 2008).

Uma base teórica clara pavimenta a realização de um trabalho. Com isso, quero dizer que as teorias que disponibilizam ferramentas conceituais ajudam muito a preparar o campo etnográfico. O que Cardoso (2000) chama de faculdades do entendimento – o olhar, o ouvir e o escrever – são elementos-chave ou essenciais para a construção do saber nas ciências sociais, principalmente na antropologia. Portanto, é importante que o antropólogo tenha o olhar disciplinado, “isso porque a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo” (CARDOSO, 2000, p.19). Vale a pena dizer que a domesticação não limita apenas o olhar, mas, também, o ouvir. No entanto, o olhar não pode ser usado de forma independente no exercício da investigação, pois seriam complementados pelo ouvir. Assim, os dois devem estar sempre juntos e servem como apoio ao pesquisador para que este passe pelo difícil caminho de chegada até o conhecimento etnográfico.

Sendo assim, levo em consideração a participação direta nas atividades desenvolvidas por mulheres, que se resume, conforme Rocha (2008), na investigação aprofundada dos saberes e das práticas do universo social. Deste modo, emergirão aspectos desconhecidos ou pouco evidentes da realidade destas mulheres no campo. Propomos, assim, investigar – para tornar explícito ao nosso presumido leitor ou leitora – como se dão aspectos das relações que envolvem experiências e trajetórias femininas de mulheres em Guiné Bissau, dentre as *Mandjuandadis-Amizade de Babock* e *Cooperativa Bontche*.

Do ponto de vista qualitativo, considero que os sujeitos interpretam as situações, concebem estratégias, mobilizam recursos e agem em função dessas interpretações (GUERRA, 2006, p. 17). Assim, buscar-se-á sempre o ponto de vista dos interlocutores desta pesquisa para elucidar determinados olhares conceituais e perspectivas acadêmicas concebidas por autores previamente lidos.

Em vista dos argumentos apresentados, também pretendo utilizar as fotografias durante o período de campo. Como ferramenta criativa que gera, de certa forma, um diálogo, e que trata de uma narrativa visual, de modo a vivenciar e construir sentidos sob outras bases. Desta forma, as fotografias que integram esse trabalho explicitam formas de ver, ouvir e participar do campo de uma maneira que não privilegia apenas um ou outro dos sentidos: a voz ou a audição que explicitam outro modo de estar no campo (ACHUTTI, 2006).

De acordo com Collier Jr (1973), a análise das imagens possibilita perceber detalhes de uma cena que podem evitar a necessidade de o pesquisador voltar a campo ou mesmo auxiliar que ele perceba informações que não poderiam ter sido capturadas em forma de entrevista ou que não foram anotadas. Dos olhares, pretendo valer-me das fotografias como recurso narrativo, ou seja, ser também por meio das imagens captadas pelo nosso olhar, que nosso presumido leitor ou leitora adentrará no campo. Portanto, mais do que meros acessórios ou ilustração, proponho que das fotografias emergirão significados que comporão a nossa análise do campo, significados estes que serão construídos dentro do que buscamos discutir nesta pesquisa.

Novaes (1998) reforça a ideia da fotografia como algo mais flexível do que o texto, pela especificidade da sua linguagem. Ele ainda considera a fotografia como elemento essencial para a construção e análise dos significados. De certa forma, a fotografia aparece

no campo etnográfico como uma narrativa ou uma forma de explicar os dados obtidos, ressaltando que não é apenas um instrumento de coleta de informações, mas como a — materialização de um olhar: o discurso de um olhar (NOVAES, 1998, p.111). Fotografar as mulheres nas suas atividades diárias e rotineiras vai ser um instrumento importante para este trabalho.

## **1.2 - CONSTRUINDO O OBJETO FORA DE CASA**

O estar fora de casa durante 5 anos de estadia no Brasil e realizar esta pesquisa me permitiu um diálogo com a literatura antropológica, em especial no contexto dos “clássicos da antropologia”, embora a partir deles eu tenha seguido um pensamento um pouco distinto. Se consideramos que Malinowski (1984:17-34) desembarcou na praia das ilhas Trobriand, para realizar o seu trabalho de campo antropológico, com a premissa de imersão profunda no e com o grupo estudado, talvez possa me reconhecer um pouco nesse lugar do antropólogo que viaja para longe. Teria sido a partir desse longo trabalho de campo que Malinowski se construiu como uma fonte legítima de autoridade para falar do assunto com propriedade, o “estar lá” como dizia Clifford (1998, pp. 27, 28 e 29). A intenção de Malinowski na época era mergulhar por algum tempo junto aos “nativos” e despojar-se de sua cultura e dos seus preconceitos (1984).

Um outro movimento da história da antropologia que merece um destaque nesta reflexão é a do antropólogo Lévi-Strauss (1962) que realizou pesquisas sobre o “outro”, que era percebido como diferenciado por seus costumes e crenças. O autor via essas formas de pensar e agir no mundo “diferentes” ou de “alteridade” como possibilidades de consciência de si, do ser um humano. Uma das críticas profundas feitas pelo autor sobre o “fecha[r]-se nos nossos egoísmos e preocupand[ar]-se exclusivamente com o nosso ser” era compensada a partir da proposta de manutenção de relações com o próximo na contemporaneidade e com a busca de responsabilidade para com seu próximo (Lévi-Strauss, 1993, p. 18).

Esta dissertação, ao contrário do que a antropologia propõe como tradição de pesquisa de campo, não se pautou em investigar o “outro”, essa pessoa distante ou exótica — seja ela da sociedade contemporânea, urbana ou rural, étnica ou moderna — movimento que caracterizou uma etapa importante do desenvolvimento do olhar antropológico (Maas,

2015). Aqui, procurei estar mais próxima da proposta de uma “volta a casa” assegurada pela antropóloga Abu-Lughod que nos inspirou com a sua descrição do encontro com o seu lugar social com as mulheres no Oriente Médio. Abu-Lughod (2005) defende uma proposta de

reconfiguração dos modelos clássicos de pesquisa de campo na antropologia, que sempre se moveu em boa medida tendo como preocupação o exame de uma rede de significações concentrada numa dinâmica espaço-temporal de vívida fronteira, comprometida com um “localismo” no qual as grandes narrativas da cultura de massa tendem a não se enquadrar. (p. 795)

Assim, esta pesquisa foi realizada com duas associações de mulheres em Guiné-Bissau, a partir de especificidade desse meu percurso no Brasil e do meu envolvimento pessoal anterior e construído ao longo da pesquisa com os grupos estudados. Este campo iniciou-se em Redenção\Fortaleza, a partir da experiência que tive ao elaborar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na graduação em Humanidades (Gomes, 2016) quando tive vontade de fazer uma pesquisa voltando para casa. Isso me permitiria trazer experiências de mulheres do meu “país” para a academia<sup>10</sup>. Assim, após a finalização do TCC, dei início à construção do projeto para seleção de mestrado, já fazendo os contatos com possíveis interlocutoras pela internet - WhatsApp, Messenger e e-mail. As conversas foram inicialmente estabelecidas com as minhas mães, sendo que no início escolhi apenas o coletivo - Amizade *Babock* em Canchungo. Mas em termos metodológicos, ampliei depois este estudo para a cidade de Bissau, pretendendo conhecer outras maneiras de organização feminina na capital, além do interior de Canchungo. Partindo deste pressuposto de trabalhar com diferentes grupos de associações em Guiné-Bissau, escolhi a Cooperativa *Bontche* em São Paulo (Bissau), que é uma associação formada por mulheres costureiras, e passei a acompanhar os seus trabalhos pela rede social. Por conseguinte, decidi enviar mensagens, perguntando-lhes como funcionavam as encomendas para o exterior. Fui respondida de imediato pela gerenciadora da página, Ivone Gomes. Esta me explicou como as mulheres daquela iniciativa trabalham na loja seus propósitos comerciais.

Durantes as conversas com Ivone, foram surgindo perguntas de minha parte que, em sua maioria, não me foram respondidas por ela, que ia me dizendo: “te convido para visitar o nosso trabalho”. Eu prometia visitá-las quando fosse a Bissau. Confesso, aqui, que nem

---

<sup>10</sup> Eu sabia que a volta para casa significaria o desafio financeiro, como o custo da passagem ida e volta, em especial nos finais de semestres quando as passagens ficam mais caras devido ao fluxo de viagens internacionais.

tinha pensando na proposta de um trabalho acadêmico naquela ocasião, quanto mais para uma dissertação. Entretanto, a partir da base deste conhecimento sobre a Cooperativa *Bontche*, surgiu uma atenção maior de minha parte em acompanhar os trabalhos semanais na página. Assim, fui observando cada atividade realizada, bem como a participação dessas mulheres em qualquer feira organizada no país. Evidentemente, tendo em vista as minhas leituras e as próprias experiências nos debates acadêmicos e rodas de conversa na universidade, houve um despertar de um interesse acadêmico de base teórico-metodológica voltada para as questões de relações de gênero, com ênfase especial nas ideias de mulher em associações na Guiné-Bissau.

Esse percurso de minha investigação me impulsionou a repensar o lugar das mulheres no interior de Guiné-Bissau e na cidade de Bissau. Na elaboração de projeto de pesquisa para o mestrado, então, propus esta ideia de demarcar este lugar de mulheres em *Babock*, situada na zona rural, no que diz respeito às que trabalham com agricultura e comércio. E para além disto, seria importante trazer outras experiências de mulheres na zona urbana focando nesta perspectiva de “associativismo”, “dependência” e “protagonismo” – ideias que será apresentado a partir da literatura corrente no capítulo 3. Quando viajei para a Guiné-Bissau, fui direto para Canchungo para ver a minha família e começar o campo de pesquisa empírica com o primeiro grupo, cujas suas atividades já tinham começado, e onde tinha mantido este diálogo desde elaboração de pré-projeto.

Dito isso, reforço que os dois grupos deste trabalho são heterogêneos, ou melhor, as associações compostas por mulheres de diferentes faixas etárias, algumas casadas, outras solteiras e viúvas, de classes sociais e grupos étnicos diferentes, mas que possuem um propósito comum de se juntarem para fazer os trabalhos que geram rendimentos e, principalmente, os trabalhos que elas gostam e com os quais se identificam.

Quando parti para Guiné-Bissau em agosto de 2018, naquela que seria uma breve etnografia de três meses com grupos de mulheres do norte de Canchungo e bairro de São Paulo-capital - Bissau, sabia de antemão que essa estória me permitiria colher impressões novas do campo, mesmo eu sendo de Canchungo e conhecendo a maioria das minhas interlocutoras de *Babock*, principalmente. Acreditava estar preparada para as dinâmicas que o campo poderia me possibilitar, ou seja, uma aproximação ao meu objeto inicial de estudo me levaria a uma mudança que poderia acontecer em qualquer momento (já que as

disciplinas de teoria antropologia e métodos de pesquisa nos preparam para este processo e as mudanças que ocorrem ao longo do campo).

Depois que cheguei de volta a “casa”, na Guiné-Bissau, percebi muito rapidamente que, além de não passar despercebida na *tabanca* próximo ao terreno onde mulheres trabalham, era alvo de curiosidade, de perguntas. Meus vizinhos perguntavam: “Peti você veio passar férias ou fazer este trabalho com mulheres de Reno”? A verdade é que eu estava sempre de passagem pela casa do meu pai, chegava às vezes para passar apenas o final de semana e muitas vezes voltava no mesmo dia para Reno ou para a capital Bissau. Tanto que, o nosso irmão caçula - (Lourenço) de oito anos falou para mim um dia, “mana, o que você passa tempo fazendo sem comer e nem dormir aqui com a gente?”. Daí percebi que nossos interesses e condutas também faziam parte dos meus conhecidos (minha família, amigos, vizinhos), tanto que as minhas agendas (trabalhar com dois grupos) preocupava muito as minhas famílias, em especial pela minha saúde (mudança de clima). Chovia quase todos os dias em que estive lá, de agosto a setembro, e é com essas chuvas que as mulheres semeiam na *Bolanha*<sup>11</sup>. Sentia-me “obrigada” a ir. Além da minha pesquisa, claro, gostava de ficar com elas para semear\plantar arroz - o trabalho que eu aprendi desde muito cedo em minha vida.

O interessante eram as ligações que eu recebi de muitas pessoas querendo saber “como está” e “como está indo a pesquisa”. Sem falar de minhas interlocutoras que não acreditavam que voltei do Brasil para ir a *Bolanha* todos os dias embaixo da chuva e que essa tinha sido uma escolha minha de livre e espontânea vontade. Um dos comentários que mais escutei foi relacionada à minha mudança, ou seja, nesse encontro de pesquisa, disseram que eu estava muito diferente, que havia mudado muito, “você se tornou outra pessoa, está muito diferente, sério<sup>12</sup>”!

Mas isso, me permitiu ter a oportunidade de conviver com as pessoas e vivenciar muitas atividades\acontecimentos realizados pelas associações de mulheres - *Babock* e *Bontche* e pela comunidade. Sendo que as principais atividades econômicas das mulheres giram em torno da agricultura, costura, comércio e encontros de lazeres.

---

<sup>11</sup> Terreno usado para plantar arroz.

<sup>12</sup> Ivete, minha irmã de 28 anos, notas de caderno de campo, agosto de 2018.

Na seção seguinte, detalho melhor as condições para a realização da pesquisa em uma cidade onde já me conheciam, por eu ser a filha de duas mulheres que foram, ou melhor, são bem ativas nas *Mandjuandadis* em *tabanca* de *Petabe*<sup>13</sup>, fator este que tornaria viável a realização deste trabalho. Ao contrário do segundo grupo, *Cooperativa Bontche*, não causei muita curiosidade e muito menos estranhamento.

### 1.3 OS VÍNCULOS ESTABELECIDOS NA VOLTA À CASA

A minha primeira semana em Guiné-Bissau teve como objetivo encontrar com as minhas interlocutoras. Fui (acompanhada do meu tio) em um passeio feito metade a pé e metade em bicicletas, onde conhecemos melhor a disposição e rotina de cada membro. Assim, chegando ao local dos encontros habituais que elas organizam (casa da Sábado), os membros de Amizade de *Babock* me receberam com uma cantiga de boas-vindas. Não foi diferente com os de *Bontche*, mesmo sendo estas pessoas que não conhecia pessoalmente. Elas me receberam também com um sorriso simples e sincero no rosto com palavras de boas-vindas “parceira”.

“Chegou à sua terra! Peti Mama Gomes veio a *Babock*. A filha da terra chegou à sua terra. Levantamos e vamos recebê-la com carinho, pois a filha de *Babock* à casa retornou! Recebemo-la com carinho!”  
(Música de boas-vindas no primeiro dia no campo)

Nesta mesma linha do raciocínio, quando cheguei à minha cidade no interior de Canchungo, a casa dos meus pais estava lotada. Não entendi muito o motivo por que não era apenas a minha família próxima, mas ali estavam muitas pessoas da comunidade (homens, mulheres, jovens) que deixavam transparecer uma alegria (choro, gritos, abraços demorados) ímpar. Na sequência, fizeram um pequeno ritual de costume para agradecer aos nossos ancestrais pela minha proteção, nossas saúdes e principalmente por estarmos juntos novamente depois de cinco anos. Outro motivo especial foi por eu ser a primeira pessoa (além de ser mulher) na aldeia a entrar no mestrado. Eu me sentia muito privilegiada.

Foi um momento de ligação muito forte com os meus, que é inexplicável. Portanto, para explicitar a relevância deste momento de encontros e agradecimento aos ancestrais, Mariza Peirano (2001) é esclarecedora quando traz a reflexão de ritual, colocando que, em

---

<sup>13</sup> Uma das tabancas de Canchungo.

qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre marcada por rituais. Esta afirmação pode ser inesperada para muitos, porque tendemos a negar tanto a existência quanto a importância dos rituais na nossa vida cotidiana. Em geral, consideramos que rituais seriam eventos de sociedades históricas, da vida na corte europeia por exemplo, ou, em outro extremo, de sociedades indígenas (Magnani, 2001, p.07).

De uma maneira geral, o meu retorno para a Guiné-Bissau foi marcado por grandes momentos de muitas emoções: desde a minha estadia em Dakar onde fiz uma pequena parada de três dias e revi muitas pessoas especiais e queridas, além de ter participado de uma festa para comemorar nossos reencontros de amigos e parentes.

Não poderia ficar mais pois o dever me chamava: encontrar as mulheres que tinham os seus calendários anuais de trabalho e sobre os quais eu deveria acompanhar de forma próxima, para a minha pesquisa e coleta de dados. Cheguei ao campo para presenciar as colheitas de um trabalho de maio, ou seja, as mulheres já se encontravam nas *bolanhas* (terreno para plantios) desenvolvendo suas atividades diárias. E neste dia específico do nosso primeiro encontro, elas estavam comemorando a vitória do aumento de alguns produtos no mercado. Esse foi o momento oportuno para saber de perto como funcionava a divisão social do trabalho em idade e experiência, que determinam qual a atividade a ser exercida por elas. Essas questões foram certamente esclarecidas logo no primeiro dia.

Também acredito que, o fato de ser eu uma mulher guineense nascida e criada em Canchungo e tendo escolhido as interlocutoras de *Babock* que praticamente eram em maioria colegas da minha mãe e madrasta, facilitou o contato, garantindo uma maior aproximação. Isso me deixava depois das primeiras semanas mais à vontade e eu me sentia como se estivesse com pessoas da minha idade. Este processo de acolhimento e aproximação das interlocutoras, mesmo as de *Bontche* que não conhecia pessoalmente, foi muito importante para o modo como a pesquisa ocorreu. Isso me permitiu desenvolver relações mais fortes de amizade que foram da maior importância para a pesquisa. Estas relações estabelecidas permitiram a participação ativa entre as interlocutoras. E ocorria que, mesmo algumas vezes em que aconteciam situações que não presenciei, elas me ligavam para informar.

Magnani (2009) destaca a “experiência etnográfica” como aquela marcada pela imprevisibilidade, isto é, a experiência etnográfica se caracteriza em duas circunstâncias:

“primeira impressão”, pode ser o primeiro contato com um tema ou, também, um campo desconhecido; e como “experiência reveladora” que seja, uma pesquisa em andamento (MAGNANI, 2009). Portanto, a partir da minha sensibilidade em relação ao próprio campo por meio da minha família, que acontecia o momento de muito “afeto” (FAVRET-SAADA, 2005), foi período de um fluxo contínuo de aprendizagens e trocas.

#### **1.4 POR UMA NOVA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE**

Neste tópico, trago algumas conexões entre momentos com as mulheres e as relações de troca vividas, bem como relativas às questões da observação participante a partir da perspectiva de Berreman (1975) e Magnani (2002). Pois, foi necessário percorrer uma trajetória que iniciou no pré-projeto de pesquisa para seleção em acompanhar de perto os dois grupos, isto é, observar suas dinâmicas sociais (atividades desenvolvidas) e crescimento econômico em ampliar seus meios de produção. Magnani, em discussão atua sobre outros lócus para a prática etnográfica, entendida como um caminho de conhecimento sobre os fenômenos culturais e sociais em particular, desenvolvidos pela ciência antropológica:

[...] o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se vêm, para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc.

Esta estratégia supõe um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. É o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana, diferenciando-o da abordagem de outras disciplinas e até mesmo de outras opções no interior da antropologia. (MAGNANI, 2002, pp. 14-15).

Não se trata, portanto, de meramente observar ou acompanhar “atores sociais” no campo, mas de estar dentro do campo, perto e como parte do campo, partilhando na medida do possível, a existência e as subjetividades dos sujeitos (Gomes, 2016, p.15). São a partir destas reflexões que tento construir o meu trajeto de pesquisa de campo que envolveu duas associações de mulheres na Guiné-Bissau.

Fui apresentada como estudante de antropologia (por meu tio que fazia ponte de comunicação antes da minha viagem) que dizia que eu passaria três meses com as mulheres nas suas atividades no campo de agricultura e costura. Elas ficaram desconfiadas. Lembrome de Berreman (1975) ao descrever o “controle de impressões”, referindo-se ao pesquisador e o pesquisado. Essas impressões que ambos teriam um do outro, poderiam influenciar nas descrições e relatos e na prática de campo. Digo, a minha vontade em fazer pesquisa etnográfica com as mulheres de Amizade de *Babock-* e *Bontche* era maior do que essas impressões, até por ser uma pesquisa que envolvia os meus próximos de Canchungo e acreditando que não poderia envolver um certo número de desafios. Pelo contrário, nos primeiros dias, as mulheres já me olhavam como uma intelectual de casa, uma futura antropóloga, mesmo sendo, os antropólogos, tidos como traidores”.

Portanto, na primeira semana no campo de plantação ocorreram muitas perguntas a meu respeito: “se era confiável falarem tudo sobre seus problemas íntimos (seus segredos)”? Me lembro como se fosse hoje, quando Tina olhou para mim e disse: “Nem toda nossa conversa vai no seu relatório” [...] “olha não queremos que você seja muito controladora por aqui, as pessoas acham que você está sabendo demais, não controle as nossas vidas. As nossas vidas não vão ser controladas por você”, [...] (notas de caderno de campo, 11 de setembro de 2018).

Assim, continuavam as indagações “mana Peti, porque uma pessoa que estuda no Brasil volta para Bolanha”! com essa lama e muita chuva?” “Por que estar aqui com a gente pegando chuva e gripe?” “Se casou no Brasil? tem filhos?” “Você é de algum partido, ou de projeto Mon na Lama<sup>14</sup>”?

Essa tentativa de “controle de impressões” é algo comum entre o pesquisador e seus sujeitos, cada um tentando dar ao outro a impressão que é conveniente ao seu interesse, pois “constitui um aspecto de qualquer interação social”. Deste modo, as informações obtidas devem ser pesadas, pois nem sempre o que se vê ou escuta pode revelar a “verdade” dos fatos (Berreman, 1975).

A partir do descrito, situo brevemente que tive dois níveis de aceitação e acolhimento no grupo de mulheres que me possibilitaram gradativamente acessar este lugar,

---

<sup>14</sup> “Mon na Lama”, foi um projeto agrícola criado pelo Presidente da República, José Mário Vaz, com a finalidade de apoio considerável à produção do arroz nas *bolanhas*.

mesmo sendo uma considerada “filha”. Assim, a partir da minha experiência de estar fora durante algum tempo me colocou em um lugar de desconfiança. O primeiro momento se deu quando descobriram que ainda plantava arroz muito bem e era rápida. Isto fez com que eu mantivesse uma relação mais próxima com as mulheres: e chamavam para todos os trabalhos marcados para a semana de manhã e tarde, já que agora sabiam que a minha pesquisa também fazia parte de trabalhar com elas. Eu registrava algumas fotos e muitas vezes até me pediam para tirá-las e mostrá-las para avaliarem se poderia ficar no meu trabalho ou não. No segundo momento, foi quando aceitei fazer as rodas de conversas com os/as jovens e adolescentes que são filhos/as delas. Pude, com eles, falar abertamente sobre a gravidez indesejável, assim como, “socialização: conversar, trocar ideias, compartilhar o espaço”.

Esta minha experiência etnográfica com as mulheres, descrita acima, remete, por exemplo, a algo que Clifford (1998) chamava atenção: “o trabalho etnográfico é construído através da relação entre sujeitos significativos”. Não existe uma autoridade do conhecimento no campo de pesquisa, ao contrário, o conhecimento etnográfico é feito a partir destas interações entre o/a pesquisador/a e os/as interlocutores/as.

Na situação desta pesquisa no campo, se construiu uma relação mútua que culminou na minha integração como colaboradora nas duas associações. Esses foram momentos de participação das reuniões, e ainda era de mim exigida a minha opinião. Portanto, esse foi um dos momentos em que se percebeu essa valorização de interação social e principalmente o controle de impressões desenvolvidos. Segundo Berreman (1975), o controle de impressões constitui um aspecto de qualquer interação social. Trata-se, aparentemente, de uma condição necessária à continuidade da interação social. Para uma pesquisa etnográfica competente, é essencial compreender a natureza e os desempenhos resultantes. Devem ser empregados procedimentos metodológicos que revelam não só o desempenho montado para o observador, mas também a natureza dos esforços empregados na sua produção e a situação dos bastidores que oculta. (Berreman, 1975, p. 174).

O autor explica esta relação entre controle de impressões a partir de uma situação de interação social. Isso pode ser percebido a partir do momento que entrei em contato com as mulheres antes da viagem até nos encontros em bolanhas, nas rodas de conversa, na sede de costura em São Paulo, na dança. Este diálogo estabelecido numa relação de trocas e

confiança, baseia-se também na relação social. Um momento específico da interação foi nos primeiros encontros de cantos e dança com Amizade *Babock*, onde cantaram uma música de boas-vindas que precisaria dança, pois, não consegui acompanhar bem o ritmo da dança (tina), e não sabia também as letras de cantigas. Sentia muita dificuldade em me movimentar rápido e cantar ao mesmo tempo. Estava também muito tensa, porém, recebi os ensinamentos das meninas que estava presente e tinham mais experiência.

No final de encontro, aconteceram momentos de fala. O discurso é uma relação estabelecida entre o/a antropólogo/a e o sujeito. Refiro-me ao discurso daquele que observa a partir do “conhecimento, isto é, “o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece” (VIVEIRO, 2002. p. 113).

Pode-se pensar a relação dos dois (antropólogo/sujeito) se apoia na noção de alteridade. “o antropólogo usa necessariamente sua cultura; o “nativo” é suficientemente usado pela sua” (p.114). No entanto, as relações são como “regras do jogo”, onde no primeiro momento seria a vantagem “epistemológica” que o antropólogo tem sob o “nativo”. A reflexão que faço a partir desta experiência de pesquisa é a de que não me baseio nesses princípios de “discurso” e na lógica de organização da ação. Parto da ideia de que pessoas estão operando a partir do seio de certas ordens institucionais, interpretando suas situações com vistas a agir coerentemente nelas (GEERTZ, 1973, p. 423).

As mulheres mostraram claramente, durante seus discursos, o que gostariam de ver acontecer durante a minha presença no campo de pesquisa, ou seja, elas tinham expectativas com relação a mim – claro que não de forma clara, mas, em uma negociação sutil. A pesquisa que realizei possui um valor para as mulheres que aqui foram descritas e estudadas, razão pela qual eu apresentei nestes tópicos elementos da minha trajetória de pesquisa. Voltar para “casa” e nesse contexto estabelecer novas pontes de diálogo e negociação com um ambiente que me é familiar permitiu criar um discurso partilhado, valorizar determinadas práticas que em geral são desconhecidas pelos que à distância percebem a “mulher africana” e ainda oferecer inspiração para novos pesquisadores que tenham interesse em se debruçar sobre estudos sobre as relações de gênero na Guiné-Bissau e em outros países.

Vimos neste capítulo que o objeto desta dissertação foi construído a partir da experiência de estar fora de casa, em uma trajetória acadêmica no Brasil, na área de humanidades e em um contexto de uma universidade internacional. Os vínculos foram estabelecidos no percurso de regresso à casa da pesquisadora, possíveis a partir de escolhas ao retorno ao meu país de origem para a pesquisa, incluindo encontros com familiares e o acesso às interlocutoras que ainda não conhecia. A observação participante foi o que possibilitou essa inserção de um outro lugar, a partir da vivência nos processos das interlocutoras tais como encontrados na dança e na música, como se verá no capítulo 4.

## 2. OS DEBATES SOBRE A EXPERIÊNCIA FEMININA

Neste capítulo, apresento as fronteiras de gênero nas suas diferentes perspectivas teóricas e como estas conceberam algumas formas de se estar no mundo, de ser mulher, a partir da pluralidade de pertencimentos identitários.

### 2.1 DISCUTINDO AS FRONTEIRAS DO GÊNERO EM DIFERENTES PERSPECTIVAS

Entende-se a dimensão “cotidiana” como importante nesse trabalho, bem como a importância de se ter acesso e compreender outras formas de se estar no mundo, de ser mulher, de pensar a pluralidade de pertencimentos identitários. Desta forma, podemos pensar que o presente estudo se insere nos estudos às políticas efetivamente exercidas por organizações femininas em Guiné Bissau. Portanto, é pertinente olhar os estudos da categoria “mulher” que contribuem para a produção do conhecimento, algo que infelizmente vem sendo “universalizado”, o que é exatamente o ponto que procuro questionar neste trabalho.

Para tanto, reflito juntamente com Oyěwùmí (2014, p.2) “as pesquisadoras feministas usam gênero como o modelo explicativo para compreender a subordinação e opressão das mulheres em todo o mundo”. De um modo geral, elas assumem tanto a categoria “mulher” como a ideia de “subordinação” como fatos universais. Ou seja, como escreveu Butler (2008), a categoria mulher é sinônima de universalidade. Mesmo no plural, as “mulheres” tornaram-se uma unidade, ou seja, são representadas no singular. Do mesmo modo, o feminismo, com o propósito de consolidar sua representatividade, confirmou um *status* também universal ao patriarcado, tornando essa universalidade produtora de uma estrutura fictícia que não é sustentável a partir das particularidades e variações de cada cultura e/ou sociedade.

Scott (1990) complementa o pensamento acima, analisando que o propósito de historiadores/as ao conceituar a categoria gênero, esteve associado a explicações universais, ou seja, conceitos que desempenhavam papel redutor. Esse percurso histórico revelou os limites de tais análises e possibilidades de alteração das novas análises. Portanto, sendo

ambas construções sociais, o gênero e a experiência feminina acabam por ser também um fenômeno cultural. Consequentemente, é lógico assumir a possibilidade de que, em algumas sociedades, a ideia de gênero não necessariamente se constituiu ou se constitui como elemento estruturante da sociedade (GOMES, Mama, 2016).

Para Oyěwùmí (2014), muitos estudiosos têm criticado como uma categoria analítica a partir da ideia de sua universalidade e têm mostrado em que medida um conceito que remonta a particularidades de processos políticos de mulheres anglófonas/americanas e brancas, especialmente nos Estados Unidos.

Na verdade, um estudo sério das questões femininas e de gênero, no continente Africano, em particular, não pode levar em conta o papel que historicamente jogaram às feministas ocidentais e nem tampouco ignorar as teorias por elas produzidas.

Portanto, há de se observar que, como aponta Gomes (2009):

Uma análise equilibrada e situada dos contextos africanos requer, todavia, um reposicionamento dos estudiosos das questões de gênero, na África, no sentido de um questionamento da identidade social dessas mulheres, dos seus interesses e das suas preocupações. É importante conhecer a história dos dominadores e dos detentores do poder nos países africanos, mas é igualmente fundamental que essas histórias sejam narradas a partir do olhar de quem viveu as experiências sob a condição de dominado e de subordinado. No caso da Guiné-Bissau, as “outras vozes” que aqui procurei trazer representam os sucessos e os limites de um processo de libertação que viu como protagonistas as populações guineenses e, em particular, as mulheres.

Deste modo, em uníssono com Gomes (2009), este trabalho se propôs a trazer “outras vozes” de mulheres no interior de Canchungo e Bissau, em Guiné-Bissau, na África Ocidental. Não é por acaso que “generalizar e expandir essas análises a todas as mulheres é um erro, posto que a identidade feminina muda de acordo com a realidade na qual se vive (BUTLER, 2014, p.184). Contudo, a realidade da mulher europeia é completamente diferente da mulher africana, em particular a guineense.

Recupero o diálogo das autoras sobre a construção do gênero (OYĚWÙMÍ, 1997; GOMES, 2009; BUTLER, 2014) com uma categoria histórica e socialmente construída. Assim, essa categoria não pode ser analisada da mesma forma em tempos e espaços

diferentes, ou em sociedades que apresentam características socio-históricas diversas. Portanto, é necessário analisar as várias dinâmicas e atores locais (agregados, grupos, organizações etc.) que tomaram e tomam parte no processo de construção das identidades de gênero<sup>15</sup>.

Retomo, mais uma vez OYÉWÙMÍ (1997), no sentido de sua crítica, manifestada no momento em que a autora traz a noção de que não se pode tomar a questão histórica com algo dado principalmente “nos discursos dominantes ocidentais” Isto é, é necessário problematizar este lugar histórico de produção de conhecimento que não deve ser algo dado. Por exemplo, na sociedade Iorubá, que foi seu campo de análise, os homens e as mulheres não se classificam segundo distinções biológicas. Até porque nos trabalhos no campo (agricultura e pesca) não havia mulheres na definição de gênero expresso nas condições da divisão de trabalho. A própria tradução de ser mulher e ser homem, segundo Adesina *apud* (2012), Oyewumi (1997) na linguagem Iorubá não é generalizada:

Categories como “masculino” e “feminino” são de difícil tradução linguística uma vez que há muito pouco sobre a associação de tais categorias socialmente construídas com a masculinidade ou feminilidade anatómicas (1997:33). “Okùnrin” e “Obinrin” (a tradução das noções de masculino e feminino, respectivamente) ‘não se referem a categorias de gênero conotadas com privilégios ou desvantagens sociais [...] não expressam dimorfismo sexual (1997:34-5). Um superior é um superior independentemente da forma do corpo (1997:38). Da mesma maneira, os conceitos de esposo ou esposa não têm o mesmo significado social que na língua Inglesa (ADESINA, 2012, p. 201).

É partindo do princípio de que há outras formas de ser masculino ou feminino em diferentes sociedades - como no caso de sociedade nigeriana, em participar os Iorubás - que as fronteiras do gênero se dão através de outros aspectos, tal como a idade (no sentido da senioridade, em detrimento da divisão sexual do trabalho).

---

<sup>15</sup> A questão da historicidade do gênero não pode ser superestimada, uma vez que nos discursos dominantes ocidentais, o gênero é apresentado como trans-histórico e, portanto, essencialista. Os estudos da África não devem basear-se em conceitos derivados do Ocidente para mapear a questão do gênero nas sociedades africanas, mas devem fazer perguntas sobre o significado do gênero e como apreendê-lo em épocas e lugares específicos. Assim, o problema do gênero nos estudos da África é fundamentalmente epistemológico. (OYÉWÙMÍ, 1997, p. 14)

Em síntese, Oyěwùmí salienta que, nesta sociedade, a forma corporal não fundava uma base da hierarquia social: os homens e mulheres não se classificam segundo distinções anatômicas.

Portanto, a proposta de Butler (2008), em sua tentativa profunda de mudança da política feminista que revele a diversidade e o modo variável da construção de identidades de gênero, é imprescindível e necessário. Esse ponto de mudança e rompimento com a universalidade se revela importante para a problemática que compreende não somente o senso comum, mas adentra na referida discussão.

Neste ponto das reflexões sobre as implicações de tomar a experiência feminina e sua produção por meio do gênero, entendendo-o como categoria analítica e explicativa deste trabalho, pergunto-me a respeito dos papéis sexuais, ou seja, mulher e homem na obra da antropóloga Margareth Mead (2003; 2010). Está se debruçou sobre as relações de gênero em três sociedades diferentes de Nova Guiné (Melanésia) e percebeu durante o trabalho de campo as diferenças dos comportamentos femininos e masculinos de cada sociedade. Ou melhor, Mead (2003; 2010) identificou que as diferenças sexuais eram “ínatas” ou mesmo culturalmente construídas. “Homens e mulheres, filosoficamente diferentes e dotados de potencialidades diversas, unem-se numa façanha comum, que é primordialmente material, nutritiva e orientada para fora do eu, em direção às necessidades da geração seguinte” (MEAD, 2003, p.41)

Seguindo nessas discussões clássicas da literatura antropológica que tomam o gênero como estrutura de organização social, além de Mead (2003;2010), Strathern (2006), mais recentemente, outras autoras elucidam “o pensar o gênero” como uma categoria analítica. Mas no geral, estas duas obras permitem-me pensar e entender as particularidades existentes em cada realidade.

Como o caso das três sociedades estudadas por Mead (2003): os Arapesh, (ambos os homens e mulheres eram dóceis e “maternais”), Mundugumor, povo violento, implacável e agressivo - seus comportamentos, por sua vez, mulheres assumiram atitudes hostis e havia conflitos por todos os lados) e os Tchambuli (as mulheres adotavam uma postura centralizadora e administrativa, enquanto os homens eram submissos e emocionalmente dependentes). Isto é, as diferenças dos indivíduos são frutos de uma moldagem “cultural” ao

longo do tempo, no entanto, o posicionamento do homem e da mulher não passa de uma “construção social”.

Desta forma, Strathern (2016), no seu livro intitulado “O gênero da dádiva” mostra como os povos da melanésia possuem a capacidade de acionar, mobilizar e modificar o seu gênero a partir da interação com o outro, ou seja, a identidade, a subjetividade é fluida, mutável e torna-se consequência das interações:

Gênero é a forma principal por meio da qual a alternância é conceitualizada. O ser “masculino” ou ser “feminino” emerge como um estado unitário holístico circunstâncias particulares. No modo “um-são-muitos”, cada forma masculina ou feminina pode ser vista como contendo em si uma identidade compósita oculta, que é ativada como androginia transformada. No modo dual, um macho ou fêmea só podem encontrar sua aposta se já descartou as razões para sua própria diferenciação interna: assim, um indivíduo andrógino torna-se um indivíduo em relação a uma contraparte individual. (STRATHERN, 2006, p.43)

Em síntese, o principal argumento que possibilita uma aproximação discursivo-analítica aqui estabelecida entre Sexo e temperamento (MEAD, 2003; 2010) e O gênero da dádiva (STRATHERN, 2016) é mostrar que, realmente, a divisão de fronteiras na produção social do gênero não se limita ao âmbito explicativo biológico e cultura que molda o comportamento das pessoas em sociedades. Mas como descobrir, na multifacetada sociedade atual, grupos e subgrupos em que ora predominam os homens, ora predominam as mulheres, para, mulheres e homens que estão “em pé de igualdade”, ora se fomenta a agressividade, ora se fomenta a docilidade — como foi sublinhado anteriormente no trabalho de Margaret Mead, “Sexo e Temperamento” (1935). Assim, as diferenças, as singularidades, as particularidades são elementos fundamentais no contexto das mulheres de setor de Canchungo, região de Cacheu e bairro de São Paulo, capital Bissau, consideradas aqui interlocutoras desta pesquisa.

Exemplo de uma viagem (que fiz para Guiné-Bissau, passando três meses com mulheres de Amizade *Babock* e *Cooperativa Bontche*), que me permitiu – um pouco como a pesquisa etnográfica - aprender com as interlocutoras a modelagem pela sociedade de traços que não vejo na Europa muito menos aqui na América do Sul.

## 2.2 VISÕES SOBRE A MULHER AFRICANA

Tendo em conta um diálogo com as autoras em questão – cujos discursos foram produzidos no contexto do que podemos chamar de “ocidente” – que refletiram sobre a experiência e fronteiras estabelecidas no âmbito do gênero na perspectiva feminina, destaco, aqui, outras visões de mulheres. Nesta parte, nos aproximaremos mais em termos teóricos da “realidade” de associações escolhida para problematizar este trabalho, a saber, as experiências de mulheres guineenses em associações.

Seguindo o fluxo crítico de uma noção universalizada da categoria “mulher”, adotada na produção intelectual ocidental, sublinho os estudos de Catarina Martins (2016, p.03), autora que traz uma reflexão sobre um olhar do Norte Ocidental enquanto lócus privilegiados para as análises culturais:

O olhar do Norte incide não sobre mulheres com as suas experiências diversificadas em contextos muito heterogêneos e singulares, mas primordialmente como uma visão das “Mulheres dos Outros”, ou seja, mulheres aprisionadas pela cultura a que pertencem e que se impõe sobre elas de um modo invariavelmente mais determinante e coercivo do que acontece no Norte, através da opressão masculina entendida como marca própria dessa cultura. Estas não são reconhecidas como sujeito num quadro de representações que preserva características de discursos coloniais. Pelo contrário, as “mulheres dos Outros” são necessariamente apresentadas como vítimas – dos respetivos homens – o que torna a ação redentora do Ocidente num imperativo ético. A invisibilização de que as “mulheres dos Outros” são vítimas, mesmo no olhar bem-intencionado e solidário de muitas mulheres do Norte, resulta de, no seu lugar, está uma representação profundamente sumária: ficções como a “Mulher Asiática”, a “Mulher Latino-Americana”, a “Mulher Muçulmana”, a “Mulher Africana”, sobrepõem-se e amputam as mulheres reais pela redução a uma espécie de máximo denominador comum metonímico que facilita a sua identificação no Ocidente.

Neste caso específico, não é o foco aqui o de apresentar e problematizar mulheres africanas como vítimas de opressão masculina e invisibilizá-las dos seus papéis importantes desenvolvidos ao longo de muitos anos. Até para não ser contraditória em relação aos meus dados empíricos, gostaria de apresentar alguns dados. Em Amizade de *Babock*, por exemplo, as mulheres, em si, ainda têm um controle maior dos meios de produção, em sua base mais agrícola e comercial. Em outras palavras, o armazenamento de economia doméstica e social

em Reno é garantido pelas mulheres. Portanto, um “olhar bem-intencionado e solidário de muitas mulheres do Norte”, que Martins (2016) coloca como resultado de um lócus social, cultural e político que não representa essas mulheres em sua maioria do continente africano. A crítica dessa representação de “mulheres dos Outros” como submissas aos homens dando exemplos: à mutilação genital feminina na África, véu para as mulheres muçulmanas e o casamento poligâmico. Em poucas palavras, foi sublinhado na Introdução, que muitas vezes a poligamia é vista como lugar da submissão de mulheres no continente.

Outro contexto que pode servir para exemplificar a ideia que proponho sobre a necessidade de pluralizar as visões sobre o que é ser mulher a partir de perspectivas não ocidentais e que permitem abrir eixos reflexivos inovadores (novas epistemologias), parte de minha experiência pessoal.

Por ser uma filha de uma família poligâmica. Assim como muitas mulheres da Amizade de *Babock* que vivem um casamento de *Cumbossa*<sup>16</sup>, eu também entendo como se dá essa convivência e se organizam essas relações familiares.

O casamento “formal”, digo a cerimônia religiosa ou civil, “raramente” acontece no interior de Canchungo nas tabancas, Guiné-Bissau - onde, o homem vive com duas ou mais mulheres ao longo da maior parte da sua vida (muito embora haja alguns que optam por casar com apenas uma mulher, uma minoria das experiências nessa localidade). O casamento de um homem com mais de uma mulher é conhecido como “tradicional”. Neste sentido, meu pai, por exemplo, é um dos homens que se casou com duas mulheres: minha mãe (Blandim Mendes) e a minha madrasta (Aissatu Mendes) ambas são designadas *Cumbossas*. Sendo assim, a ordem de chegada estabelecida (MONTEIRO, 2013) “na relação é muito importante” porque, na verdade, há um arranjo social que também dita regras hierárquicas e imprime formas e funções nas relações estabelecidas entre essas pessoas. A minha mãe, assim, deve respeitar sempre a posição da sua *Cumbossa* (primeira mulher do meu pai) no caso de uma decisão que deve ser tomada na esfera privada.

---

<sup>16</sup> *Cumbossa* significa no dicionário rival amorosa ou Coesposa. Neste trabalho, está palavra é usada para distinguir as mulheres que compartilham um mesmo homem simultaneamente, seja, o homem que possui mais de uma mulher - as mulheres vivem em situação de *Cumbossa* tendo que compartilhar um homem.

A grosso modo, para deixar mais evidente às pessoas que entram em contato com esta pesquisa, meu pai se casou com duas mulheres e vive na mesma casa e compartilham quase “tudo”. Assim, Doris Wieser (2016) coloca que, a “poligamia é uma forma de organização familiar amplamente difundida no continente africano - mas não só na África - embora não seja aceito pela lei dos Estados modernamente constituídos em suas legislações e tipificações sociais por ele regulamentadas. Atualmente, em muitos dos Estados africanos modernos, cuja população é islâmica na sua maioria, a poligamia é legal. Isso me aproxima do modelo de casamento dos meus pais: a Guiné-Bissau recebe de sua herança de colonização portuguesa influências da religião católica (14% da população) que define que homens não podem se casar com mais de uma mulher.

A minha família (desde a geração das minhas bisavós, avós e meus pais) não são católicos, nem muçulmanos. Na verdade, minha ascendência vem da religião tradicional da minha comunidade, assim avalio. Portanto, o modelo de casamento dos meus pais não se enquadra no religioso ou no civil, mas, sim, em viés socialmente localizado: os casamentos deles foram negociados entre ambos os grupos familiares de onde se originaram. A poligamia apresenta traços importantes da vida social em Guiné Bissau, pois há todo um contexto social, econômico e político, de modo que algumas mulheres não consideram a questão como um problema - haja vista a ressalva de que isso também depende de cada caso específico.

Desta maneira, é lícito traçar um diálogo entre este dado que versa sobre a poligamia em Guiné Bissau e a obra da romancista senegalesa Ken Bugul<sup>17</sup>, que explicita e argumenta favoravelmente sobre a possibilidade de que um homem possa se casar com duas ou três mulheres. Foi dito no seu romance autobiográfico “*The Abandoned Baobab: The Autobiography of a Senegalese Woman*” (1991) que o sentimento de integração ao coletivo é um processo importante de paz interior e realização pessoal e isso só acontece quando se busca o quadro de referência das origens (familiares, comunitárias) de uma pessoa. (BUGUL, 1991, p. 60). Ou seja:

---

<sup>17</sup> Ken Bugul, é uma mulher de 30 anos que, com uma educação ocidental de nível superior e após ter conhecido vários países europeus e vivido relações diversas com homens desses países, regressa à aldeia natal no Senegal, para se tornar 28ª esposa de um chefe religioso islâmico com mais de 70 anos. Esta mulher denuncia a representação colonial do africano como ser selvagem e brutal.

“Bugul parece defender que, como a união poligâmica pode ser, para uma determinada mulher, uma opção consciente por um caminho de realização pessoal, dependendo de posições identitárias marcadas por interseções diversas. Não se trata, como é evidente, de uma vitória sobre a sociedade patriarcal, mas da criação de um lugar de liberdade e poder para a mulher nos interstícios do poder masculino, que acaba por conduzir a alterações nas estruturas deste último” (MARTINS, 2016, p. 68)

Desta forma, é importante procurar entender [ver] o contexto completo em que as mulheres estão inseridas, desde as subjetividades das envolvidas e a complexidade dos contextos, e como concebem o bem-viver. E, realmente, precisa-se pensar nas particularidades, nas pluralidades, abrindo assim olhares e horizontes sobre a realidade de muitas mulheres que vivem um casamento parecido no Continente, sem julgamentos que informe exclusões ao que é moralmente aceito.

Sobre pautar as diferenças e as escolhas pessoais como algo enriquecedor em relações estabelecidas socialmente em determinados contextos geopolíticos, Luciene Santos (2017) nos fornece exemplos de experiências variáveis de mulheres, independentemente de classe, raça, etnia, região e do espaço:

a experiência das mulheres pode variar [...] a necessidade de uma análise e de um olhar situados para um entendimento menos redutor da vida das mulheres num dado contexto. Esta perspectiva permite identificar as relações de força subjacentes aos papéis de gênero numa dada comunidade/grupo social e diferenciá-las de outras relações de subordinação configuradas a partir de um imaginário moderno-colonial [...] (SANTOS, 2017, p. 169).

Assim, vem sendo dialogado neste trabalho os contributos de estudos que trazem esta perspectiva da construção de gênero, onde relativizar a homogeneidade simbolicamente arraigada na concepção ocidental, pois, uma vez que existem diversas maneiras de ser mulher, podemos valorizar suas experiências únicas, as suas lutas, as necessidades e desejos, como foi colocado acima. Compartilho da visão de Santos (2017), que nos oferece proposta

de pensar diferentes maneiras de ser mulher, em sua agência tanto nas esferas pública, quanto privada<sup>18</sup>.

A agência referida neste trabalho, não se trata apenas um sinônimo de resistência a relações de dominação, mas também uma capacidade para a ação facultada por relações de subordinação específicas. Assim, segundo Mahmood, “agência, é entendida como a capacidade de cada pessoa para realizar os seus interesses individuais, em oposição ao peso do costume, tradição, vontade transcendental ou outros obstáculos individuais e coletivos” (MAHMOOD, 2019, p.143). Obviamente, a elaboração de Saba da noção de agência no seu texto deve ser entendida ou compreendida no contexto específico dessas mulheres em Egito nas suas intervenções políticas pretendidas nos seus trabalhos.

No entanto, a ideia de agência trazida nesta pesquisa como um recurso teórico permite ponderar os diferentes contextos e cenários de participação feminina em associações na Guiné-Bissau levando em consideração escolha pelos significados e relações que permitem tecer o seu lugar de valorização e de pertencimento a coletividades.

Portanto, é necessário refletir sobre a agência de mulheres no continente “africano<sup>19</sup>” a partir de suas realidades plurais, bem como seus papéis na vida cotidiana, seus arranjos, suas negociações, enfim: sua inteligibilidade e sua lógica social afrocentrada (MAZAMA, 2009). É importante, ainda, começar a questionar ou refletir sobre outras formas de produzir conhecimentos sobre estas mulheres consideradas em maiorias das vezes “outras” na visão de alguns países considerados de primeiro mundo.

Este esforço, de refletir ou problematizar o lugar de produção de conhecimento, vem sendo questionado por alguns intelectuais africanos. Hountondji (1989) acreditava nesta construção de conhecimento a partir dos próprios métodos dentro do continente africano, assim como Cossa (2014), traz uma reflexão importante que começa por questões

---

<sup>18</sup> Sobre este tensionamento entre âmbitos e espaços de vida da mulher, ainda que no contexto brasileiro, dividido nesta perspectiva dicotômica de esfera pública e esfera privada, ver, também Venturini, G. & Recamán, M. & Oliveira, S. (org., 2004).

<sup>19</sup> Consciente de estar referindo mais de 54 Países com suas dinâmicas sociais.

epistemológicas, isto é, o autor procura “saber como conhecer as coisas que nos cercam e, conseqüentemente, se poderiam ser conhecidas e até que ponto eram reais<sup>20</sup>”.

Adesina<sup>21</sup> (2012) também é uma das defensoras de uma alternativa de produção científica de conhecimento a partir de dentro, a “endogeneidade”. Percebe-se que, os próprios e próprias pesquisadores/as africanos/as vêm questionando e problematizando há muitos anos os sistemas de conhecimento que não reflitam as realidades endógenas africanas no seu todo. Inclusive essa é a principal reflexão da historiadora guineense Patrícia Godinho Gomes (2014), que traz assim, algumas três propostas e reflexões interessantes para se pensar e refletir, levantadas a partir de textos de Oyèwùmi (2010) e Houtondji (1989) *apud*, Gomes (2014):

A primeira é de que as circunstâncias históricas e políticas em que foi produzido o conhecimento em África<sup>22</sup> teriam conduzido a uma dependência “de fora” em termos epistemológicos; em segundo lugar, os países africanos (submetidos na sua maioria a um processo de colonização) precisam encontrar mecanismos internos para compreender as dinâmicas sociais internas e precisam escolher os temas e as metodologias de pesquisa que melhor se adequem às necessidades locais e não às demandas externas; enfim, alcançar tais propósitos requer a construção de um projeto nacional à volta do qual as diferentes realidades socioculturais dentro de um território nacional possam estar representadas (GOMES, 2014, p.06).

A pergunta a se fazer nesse momento é: afinal o que significa, então, conhecimento? Quais são as suas condições de produção? O que leva os pesquisadores africanos a repensarem historicamente e metodologicamente esse conhecimento, utilizando um olhar de dentro endógeno, ao perceberem que a tradição ocidental não privilegia determinadas visões legítimas para determinadas realidades?

---

<sup>20</sup> Neste trabalho, autor discute a noção de corporeidade, isto é, o corpo enquanto produtor de um modelo civilizatório que transcende as suas normais, assim como, configurações e convenções de gênero suas contradições aos paradigmas ocidentais dominantes nas questões de corpo, pessoa, gênero e poder.

<sup>21</sup> Ver Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas, com autores: Teresa Cruz e Silva, João Paulo Borges Coelho, Amélia Neves de Souto conjunto dos textos do Colóquio em Homenagem a Aquino de Bragança, 29/03/2012.

<sup>22</sup> Ver Paulin J. Houtondji: Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos, 2008.

Percebe-se, assim, que existem certas possibilidades desconstrução do conhecimento ligadas à representação da realidade e do “sujeito conhecedor” e que questiona a própria noção de ciência. Esta linha de pensamento que realiza uma crítica do próprio conhecimento produzido por antropólogos (baseando-se em trabalho de campo) está em consonância com o que foi sublinhado por Fabian (2013). Para este autor, a prolongada interação da antropologia com o “Outro” que criou como objeto de estudo. Foi fundada a partir de uma distância temporal e espacial, principalmente marcada pela matriz da sociedade ocidental, capitalista.

Assim, esta questão posta acerca de como o “outro” é construído a partir do ocidente, uma imagem que vem sendo manipulada em consonância com a dinâmica das relações de poder mais amplas, historicamente construídas e nos contextos de processos coloniais e de dominação. Como exemplo de simbolização generalizante e convencional, podemos partir ideia de Edward Said quanto a visão do orientalismo se encarregou de representar o Oriente, e criaram assim como alimentaram – e ainda alimentam suas culturas como do “outro” (SAID,2003, p. 282).

Portanto, como futura antropóloga trazer algumas visões sobre mulheres em Guiné-Bissau, com o recorte maior em dois grupos - uma na zona urbana (*Bontche*) como rural (de Canchungo), ajudará em pensar nas pluralidades e diversidades de como ser mulher com suas experiências em outros contextos e de entender que ainda é possível estratégias criadas por mulheres no País para os seus benefícios comuns e não só.

### **2.3 AS MULHERES EM GUINÉ-BISSAU**

Em Guiné-Bissau, as mulheres recorrem a múltiplas estratégias de adaptativas como a agricultura, a costura e o comércio. Esses trabalhos às vezes começam com pequenos grupos na esfera doméstica, onde se planta produtos alimentícios considerados básicos para uma alimentação diária nas suas comunidades (tais como, hortaliças de legumes e verduras, arroz, milho, feijão, amendoim, etc.), na sequência, às chegam às mesas de suas famílias, vizinhos, e no geral, até à esfera pública. A partir destes trabalhos desenvolvidos por essas mulheres, há uma conquista de reconhecimento em suas famílias, na comunidade, no “setor” ou bairro; ou seja, as mulheres estão em maior número quando se pensa nos trabalhadores

guineenses de um modo geral e são responsáveis pelo sustento de muitas pessoas ou famílias, ou pelo “armazenamento de economia local”, como é chamado por elas.

Roque (2011) justifica este domínio das mulheres na economia do país por pela falta de “emprego masculino ou o não pagamento de salários”. Isso faz com “que os homens vejam o seu poder diminuído por não conseguirem cumprir o seu papel de provedor da família, cristalizando, cada vez mais, modelos de masculinidades subordinadas que vivem no segredo e na vergonha” (p. 42). Há aqui também a questão de uma ameaça para parte dos homens que estão sem emprego.

O trabalho feito pelas mulheres contribui muito para a luta contra a pobreza tanto nas suas comunidades, nos setores, assim como nos bairros. É desta maneira que obtém o reconhecimento por parte da maioria da comunidade, em sua região, além da importância das suas produções e seus comércios, e suas organizações, que contribuem muito para sua consequente emancipação sócio econômica. Vale, ainda, salientar que o peso da participação delas tem aumentado no desenvolvimento e na mudança de paradigmas sociais e mentalidades (LOPES, 2012).

Cátia Lopes (2011) coloca em de seus estudos efetuados a respeito da inserção de mulheres no microcrédito o fato de que as mulheres exercem duas funções simultâneas importantes no país 1) executoras de atividades econômicas, tais como a agricultura ou a pesca e 2) “agentes de educação e agentes econômicos”. Assim, elas continuam ocupando cada vez mais um papel de destaque, principalmente por estarem trabalhando em associações, como as que esta dissertação procura mostrar.

Ainda foi acrescentada por Silvina Tavares, vice-presidente da *Plataforma Política das Mulheres* em comemoração do Dia Internacional da Mulher (08 de março), que “atualmente as mulheres representam o maior número entre os trabalhadores guineenses e são responsáveis pelo sustento de muitas pessoas e de muitas famílias”, segundo DAP (Departamento de Assuntos Políticos). Diz-se isto no contexto da celebração da promoção da igualdade entre homens e mulheres em Guiné-Bissau no ano de 2018, onde se procura garantir que estas políticas de 50/50 sejam colocadas em prática até, no máximo, 2030. Assim, existem hoje várias iniciativas para recordar o percurso das mulheres guineenses, as suas dificuldades e as conquistas ao longo das décadas na luta pelos direitos e pela igualdade de oportunidades no País. Parece-me pensar nestas políticas de representação de mulheres

em um país cujo percentual populacional feminino atinge os 52%, em relação ao todo demográfico.

Considerando estas narrativas da agência feminina no âmbito da promoção de “políticas de mulheres para mulheres”, foi recentemente aprovada uma lei de quota que obriga participação ativa das mulheres nos lugares de tomada de decisão do Estado-Nacional, isto é, nos partidos políticos, no parlamento, de modo a garantir, pelo menos, uma representação massiva de mulheres em pelo menos 36% atualmente que foi aprovado pelo parlamento no dia 2 de agosto de 2018, por unanimidade pelos 81 deputados presentes na sessão<sup>23</sup>.

Essa é uma conquista social e política que diz respeito às mulheres ocuparem assentos tanto no parlamento, como em cargos diretivos da administração do Estado de Guiné-Bissau, sem contar com outros cargos políticos e administrativos que serão ocupados por mulheres em suas *tabancas*, comunidade e bairros.

Assim, as mulheres de *tabanca* (Amizade de *Babock*) ficaram bastantes felizes com esta conquista das políticas públicas que deve operar para a inclusão das mulheres guineenses nos setores públicos, em especial as que estão em *tabancas* que é caso delas. Em um diálogo com a rainha Tina de *Babock*, ela afirma que:

“...estamos aqui nas nossas *tabancas* fazendo o que realmente gostamos de fazer em grupos - que gera um sustento de muitas famílias contribuindo direta e indiretamente para o desenvolvimento de comunidades, bairro, regiões e conseqüentemente o país” [...] precisamos de um diálogo daqui para Bissau, nas instâncias como do Estado [...] tudo que a gente faz [fez] é pensando no bem daqui e não só (...) tendo a nossa representação daqui que leva nossa mensagem por exemplo: pensar nas políticas públicas virada para agricultura familiar, de comércio exterior” (...) devemos ter apoio por parte de Estado (notas de caderno de campo, rainha Tina Gomes, 2018).

Suas preocupações e contribuições não se limitam a apenas as suas *tabancas* ou bairros, mas há algumas questões de maior interesse levantadas pela rainha em relação ao Estado. As questões levantadas, por um lado, a efetiva inclusão do nome das mulheres

---

<sup>23</sup> UNIOGBIS, Departamento de Assuntos Políticos. Disponível em: <https://uniogbis.unmissions.org/na-guin%C3%A9-bissau-mulheres-%C3%A9-que-garantem-o-sustento-da-fam%C3%ADlia>. Acesso em maio de 2018.

trabalhadoras rurais e urbanas na venda dos produtos dos estabelecimentos agropecuários e, por outro, a saúde da mulher e em particular no coletivo de *Mandjuandadi de Babock*<sup>24</sup> compõem o centro das preocupações das mulheres neste contexto.

Assim como apoio nos instrumentos destas pequenas agricultoras e comerciantes nas tabancas para o crescimento e desenvolvimento econômico e social da Guiné-Bissau. As mulheres que compartilham os afazeres e práticas cotidianas em associações sendo o foco em mudar o que está ao seu alcance ou contribuir para o bem-estar da sua comunidade, bairro - precisam de estratégias em diálogo com administração local e nacional. Assim, para continuarem trazendo estes resultados positivos dos seus trabalhos, os “lucros”, o Estado deve também agir na promoção dessas políticas, como é sublinhado por Tina.

Lembrando que, apesar deste apelo de minhas interlocutoras, elas consideram os seus trabalhos um sucesso, pois há o “sentimento de autossatisfação” por existir maior reconhecimento da importância dos seus trabalhos em associações, relativamente garantido. Isso faz com que se sintam realizadas em grupos assim como individualmente, principalmente, por saberem que através de associação alcançam seus poderes econômicos, sobretudo por estarem gerindo seus próprios negócios à sua maneira.

Quer dizer, tanto Amizade de *Babock* que trabalha com agricultura, comércio, assim como Cooperativa *Bontche* que trabalha com costura e comércio começam a ganhar peso e reconhecimento dos seus trabalhos pela comunidade, bairros e dentro das suas famílias, por estarem contribuindo para diminuir os momentos de dificuldade e de escassez de alimentos nas famílias, bem como promover o investimento na alimentação e na educação dos seus filhos (mensalidade escolar), e, conseqüentemente, na economia social.

Contudo, este capítulo traz uma reflexão geral nas questões das identidades de gênero, que são realmente construídas e relacionar seus achados à toda uma série de atividades, organizações e representações sociais historicamente situadas. É importante reconhecer como as construções da categoria mulher africana e guineense se enquadra numa perspectiva diferente em termos de consciência e comportamento.

---

<sup>24</sup> É interessante e curioso verificar que, embora estes problemas citados, as mulheres enfrentam sejam uma decorrência de suas situações de trabalho diário, mas suas reivindicações não são feitas aos maridos ou familiares, mas sim ao Estado. Faz sentido a colocação do Sociólogo Max Weber (1864-1920), sobre o Estado ser responsável pela organização e pelo controle social.

Então, a atenção maior a seguir será com as organizações femininas exercidas efetivamente por mulheres no continente africano com um recorte da Guiné Bissau. Ou melhor, o capítulo a seguir se debruça sobre as associações em Guiné-Bissau a partir de *Mandjuandadi Amizade de Babock* e da *Cooperativa Bontche* – que são os dois grupos escolhidos para aprofundar as questões trazidas nesta dissertação. Qual é importância de associação em Guiné-Bissau para grupo de mulheres? Como são organizadas suas atividades coletivas? O que fazem é como fazem - saberes e práticas? Onde vivem e como organizam esse “viver juntas”? O que é uma mulher em *Mandjuandadi* ou *Cooperativa*? Quem são elas e por que escolheram se juntar?

Tais perguntas nortearão o desenvolvimento do próximo capítulo e serão respondidas a partir de um olhar antropológico.

### **3. MULHERES EM ASSOCIAÇÃO NA GUINÉ-BISSAU**

As formas de organização social das mulheres são praticamente comuns em África e principalmente na costa ocidental, da qual a Guiné-Bissau faz parte. Refiro-me às práticas organizadas de mulheres atividades que são associadas, ou seja, organizadas em colaboração e de forma estruturada a partir das necessidades locais e dos vínculos tradicionais. Atualmente, estas formas estão relacionadas às mulheres “fazendo política”, ou seja, trata-se de formas existentes na Guiné-Bissau de se construir laços que mobilizam a sua participação ativa em associações em prol de interesses comuns.

Assim, participar de uma associação tem o caráter intervencionista a nível político, social, comunitário e de proximidade com a comunidade, já que responde a questões comuns e funciona como veículo de comunicação e de sensibilização em diferentes níveis de caráter social (COSTA, 2016, p.52). Contudo, o dinamismo associativo feminino no país (Guiné-Bissau) tem sido explicado enquanto um *habitus* feminino, fundado no costume das mulheres se reunirem em associações para promover os seus interesses econômicos, sociais e políticos.

O associativismo funcionando segundo lógicas estritamente financeiras e individuais é bastante comum na África, consistindo na formação de grupos informais, cujos membros contribuem, periodicamente, com um montante pecuniário predeterminado para um fundo comum, que é entregue, rotativamente, a um dos associados. (BORGES, 2005, p. 07)

Uma associação desenvolve diferentes atividades geradoras de rendimentos (tanto para alimentação familiar como para o comércio local e nacional). É entendido que as mulheres se impuseram, enquanto agentes sociais, com presença pública ao serem reconhecidas pela comunidade como pessoas corajosas com muita garra e força além de serem vistas como contribuintes para o desenvolvimento do país. Assim, desempenham um papel importantíssimo na sociedade guineense, dependendo dos lugares ocupados dentro desta organização feminina.

Por isso, a contribuição e protagonismos econômicos de associações de mulheres em Guiné-Bissau remete a um papel importante na economia local e nacional, sua participação nos processos do desenvolvimento do país. É importante ressaltar que o motivo das mulheres se responsabilizarem pela maior parte da economia do país baseia-se no fruto de suas atividades organizadas em associações. Isso é explicado por motivos de desemprego dos jovens e homens no setor estatal, sendo que o principal empregador do país, “transferiu a maioria das responsabilidades familiares para as mulheres que, simultaneamente, foram sobrecarregadas com os membros desempregados do grupo doméstico e familiar” (BORGES, 2011, p.46).

Deste modo, as mulheres além de estarem em associações, ainda aderem ao sistema de produção alternativa como, no caso de microcrédito é considerado em Guiné-Bissau um dos instrumentos do desenvolvimento. Também é visto como um mecanismo, a nível micro, de luta contra a pobreza, segundo Lopes (2011).

Por exemplo, a minha interlocutora, Ana Maria Bandeira, considera a importância de apoio das instituições às atividades que desenvolvem a agricultura, costura: “qualquer ajuda por parte de uma organização, instituição, ou um tipo de financiamento é bem-vindo para nossas associações”. É interessante ressaltar que se trata de um tipo de financiamento existente, que passa pela concessão de pequenos créditos a indivíduos ou grupos, sem

necessidade de garantias (colaterais), tendo como base a confiança, a solidariedade, a responsabilidade e a garantia moral (LOPES, 2011, p. 108).

A mulher, enquanto pessoa de confiança, honrada e cumpridora do acordo inicial, foi claramente uma vantagem, no sentido em que mediante o seu comportamento foi possível atingir os objetivos propostos no PLCP – (Projeto de Luta Contra a Pobreza), contribuir para a diminuição dos efeitos da pobreza nas suas comunidades; apoiar as iniciativas locais de desenvolvimento econômico; melhorar as condições de apoio ao desenvolvimento profissional e humano das mulheres e suas famílias e contribuir para o aumento do poder econômico, de decisão e de participação da mulher ao nível familiar e social. (LOPES, 2011, p.116)

A confiança que é atribuída à mulher no microcrédito e associação, muitas vezes, se veicula à determinação, o poder e a voz, a nível familiar e na comunidade ou tabanca, assim, expande-se, pela sociedade guineense no todo. Portanto, políticas sociais aplicadas pela Guiné-Bissau, geralmente têm como objetivo criar oportunidade para pessoas consideradas iniciantes e principalmente sem acesso ao crédito de organizações nacionais. Para, poderem aceder a outro tipo de créditos (empréstimo), regra geral de uma forma comunitária. No entanto, é comum perceber que a maior parte dos microcréditos concedidos em Guiné-Bissau são fornecidas para grupos, por ONGs nacionais e internacionais (apoiadas por doadores nacionais, assim como internacionais) e outras entidades. (Lopes, 2011)

Os projetos de apoio de microcrédito geralmente ajudam as associações recém-criadas, em Guiné-Bissau, em especial, as mulheres. Porém, é importante esclarecer que as associações não dependem necessariamente de microcrédito, pelo menos as que propus estudar neste trabalho. O motivo de trazer a importância dos microcréditos para as associações femininas em Guiné-Bissau não se baseia apenas em empréstimos de um valor para a organização da associação, mas também apoio para formações ou palestras ministradas no âmbito coletivo em curto ou longo prazo, permitindo-lhes adquirir outras informações de controle financeiro e gestão de suas atividades ou lucros. Dito isto, as vantagens destes apoios para as mulheres recebem é considerado fundamental em suas organizações e administrações. Logo,

As práticas associativas podem constituir instituições educativas na medida em que, mesmo se através de uma aprendizagem não organizada ou estruturada, e de forma não intencional, que não

conduz a qualquer certificação, desenvolvem práticas que preparam os envolvidos para assumirem as suas responsabilidades na vida, adquirirem recursos e capacidades para lidarem com um mundo competitivo, tomarem decisões informadas e participarem ativamente no processo de desenvolvimento. (BORGES, 2000, p. 206)

As práticas associativas são oportunidade para as mulheres constituírem redes de relações sociais desligadas do universo familiar, permitindo a individualização das estratégias femininas, de sobrevivência e promoção socioeconómica, com base em relações sociais voluntárias, que implicam confiança e solidariedade. Estas relações sociais privilegiadas são imprescindíveis, na incerteza das duras condições de vida que as mulheres enfrentam atualmente nas cidades. Para conseguir vantagens nos negócios, ultrapassar a burocracia dos procedimentos, é sempre preciso a ajuda de alguém. (BORGES, 2000, p. 207)

Além destes encontros serem lugares de aprendizado entre membros, Borges (2000) considera que também é um espaço para que as mulheres consigam oportunidades de criar suas relações fora de seus lugares privados, ou seja, a família. Estas relações sociais privilegiadas são imprescindíveis diante da incerteza das duras condições de vida que as mulheres enfrentam atualmente nas cidades, ou regiões do interior, informa Lopes (p.21).

Portanto, há uma percepção de que a mulher guineense não é apenas uma agente de produção, mas tem também uma responsabilidade maior na garantia da “sobrevivência” familiar. Então, não é por acaso que grande parte das famílias guineenses garantem a sua “segurança alimentar” através da agricultura, que não só tem um papel fundamental para alimentar os membros familiares como também é uma fonte de rendimentos adicionais quando os produtos agrícolas são comercializados (BOLANHA, 2013).

Bolanha mostra mais detalhes sobre essa produção que é de responsabilidade das mulheres:

“cabe às mulheres, o maior papel na produção dos produtos hortícolas, nomeadamente legumes e frutas. Muitas produzem tanto para consumo como para venda; outras apenas compram para vender posteriormente. Cultivam-se, sobretudo tomate, cebola, batata e legumes; o ciclo de produção destes produtos tem início em novembro e estende-se até março; as colheitas são feitas durante a estação seca, começando em janeiro e prolongando-se até junho” (BOLANHA, 2013, p. 53).

Em vista disso, as mulheres se percebem buscando e construindo “autonomia”, participando coletivamente do trabalho que envolve reuniões, festas, plantação de hortaliças.

Elas também contribuem para o sustento familiar e para o desenvolvimento da comunidade, dentre outras atividades realizadas por elas. Uma atividade comum em dois grupos tratados neste trabalho é o comércio. Muitas mulheres em Guiné-Bissau obtiveram e ainda obtém um relevante sucesso financeiro através de suas organizações em grupos para venderem seus produtos.

Isso invoca a participação pública das mulheres nas esferas econômica e, essencialmente, a autonomia delas na produção e gestão de rendimentos. As formas de atividade associativa podem-se descrever a partir das suas características mais gerais, como seja a adesão voluntária dos membros (com base em afinidades étnicas, afetivas, relações de vizinhança ou de trabalho), o fato de funcionarem a partir do princípio geral do sistema de poupança mutualista, e ainda pelas suas funções polivalentes (socialização, segurança social, poupança/crédito financeiro, realização de cerimônias religiosas) (BORGES, 2005).

Na verdade, entre esses grupos de mulheres em Guiné-Bissau, dependendo de cada cidade, região, setor ou bairro, cada um tem suas classificações que perpassam pela mesma finalidade de atividades associativas distinguindo como associações econômicas, religiosas, políticas, recreativas ou de interajuda, proteção social, que recorrem à base identitárias de recrutamento (idade, sexo, etnia, local de residência ou de trabalho) (BORGES, 2005)

Assim, também existe uma complementaridade neste trabalho desenvolvido por mulheres, desde o seio familiar, que faz com que todo contribuisse de alguma forma – os maridos (para as mulheres casadas), Cumbossa, filhos\as e outros agregados familiares, assim como a comunidade que beneficiam dos resultados. Contudo, estas associações de mulheres se pautam pela reciprocidade, ajuda mútua.

As mulheres têm uma preocupação maior em solidarizar com as colegas, através dos encontros e trabalhos feitos para arrecadar fundos, que podem ser emprestados por algum membro do grupo caso haja uma necessidade, principalmente econômica.

No entanto, para entender as organizações dessas mulheres em Guiné-Bissau, ou seja, como as mulheres se juntam através de associação, primeiro, precisa-se, compreender a produção compartilhada de objetos, de saberes - experiências, de comida — nas plantações, na família e demais redes de sociabilidade e convivências nas associações dentro do país. Além de terem este papel de juntar mulheres por interesses comuns e solidarizarem-se,

também dão conta dos ensinamentos diários e reconhecem a importância e responsabilidade com as produções compartilhadas.

O Ministério da Agricultura e das Pescas (MAP) aponta a importância do papel das mulheres nas associações em Guiné-Bissau, afirmando que os pequenos produtores de tipo familiares ou coletivos é estimado em cerca de 90% de produção agrícola, que se concentra na produção de arroz, milho, mandioca, batata doce, mancarra (amendoim), feijão, assim como legumes e as frutas (mangas, bananas), todos cultivados essencialmente pelas mulheres.

Desta forma, para compreender as mulheres organizadas através de associações neste trabalho, a *Mandjuandadi* foi uma das associações de mulheres escolhida. Em específico, trataremos da *Mandjuandadi Amizade de Babock*, que se situa na cidade onde nasci e cresci – Canchungo, na região de Cacheu, em Guiné Bissau. É importante salientar que esse foi o lar onde passei a minha infância e a minha adolescência e aqui se apresenta como um exemplo vivo de uma experiência de *Mandjuandadi*. Ele foi a mim apresentado pelas minhas mães, Blandim Mendes e Aissatu Mendes, que me levavam desde mais nova e que durante os últimos tempos, foi dando lugar a evocação da memória de associações de mulheres que a minha família participa. Portanto, acho pertinente trazer essas memórias do meu contato com a organização de mulheres em Petabe, na verdade são lembranças que estão ligadas pelo fio da história, de Canchungo tabanca (aldeia) Petabe, à memória do local onde vivi com meus pais, minha madrasta e meus irmãos. Assim, apresento a seguir notas sobre essa experiência pessoal.

### **3.1 NOTAS DE UMA MEMÓRIA PESSOAL - UM DIÁLOGO POSSÍVEL**

Dos meus oito aos dezoito anos, eu frequentava o encontro de mulheres em uma tabanca (aldeia) de Petabe da qual a minha mãe e madrasta faziam (e ainda fazem) parte. Na época, escutava a voz dessas mulheres aprendendo com suas experiências pessoais. É inexplicável, pois sentia uma força na fala delas e ao mesmo tempo uma doçura. Interessante é que ouvia histórias contadas pela minha mãe e tias, que nunca ouvi em casa. Presumo, hoje, que este lugar da partilha também era de alguns “segredos”. A curiosidade de uma criança com os irmãos nos levou a ter contato com os grupos de mulheres de Petabe

denominado atualmente em *Mandjuandadi*. Era chamado de *M'botai*, significando associação de mulheres.

A análise da condição feminina em Guiné-Bissau a partir do ponto de vista das próprias mulheres dentro de grupo permite o acesso à vivência e experiência, construída a partir de identidades relacionadas ao cotidiano familiar, assim como social, como abordei nos capítulos anteriores. Essas mulheres se identificam publicamente ora como “trabalhadoras independentes” ou “produtoras” e “comerciantes”, ora como “mulheres da zona urbana e rural”. Esta afirmação resulta das minhas conversas que eu tive no momento da construção do projeto para seleção do mestrado, quando voltei a conversar com a minha mãe, uma das participantes de *Mandjuandadi*, sobre a importância de *Mandjuandadi* na vida dela. Nesse sentido, um dos relatos foi: “Ah, [a *Mandjuandadi* serve] para juntar mais de 50 mulheres para falar dos nossos desejos, nossos problemas e vontades comuns, e outras coisas, é uma forma de entender a nossa realidade como mulheres”. *Nô mindjerdadi* [nossa representação].

Cada uma destas identificações faz referência a um universo compartilhado dos seus afazeres cotidianos e sociais. Hall ao refletir sobre o termo, associando-o às identidades negras, enfatiza, pois, suas conexões com noções de unicidade e unidade, próprios dos ideais nacionalistas.

Lembro-me dos encontros que eram, às vezes, animados, ou seja, percebia uma alegria contagiante. Via que as mulheres estavam sorridentes e felizes, mas também relataram os descontentamentos com a política e a economia do país, pois não havia emprego estável para elas e os maridos (quase a maioria eram casadas), assim como com o sistema de educação, já que até mesmo as escolas “públicas” são pagas. São essas preocupações que dão vontade de continuar neste caminho de trabalhar em equipe e contribuir no desenvolvimento econômico, independência financeira etc.

Enfim, o que se pode pensar em associações de mulheres denominadas *Mandjuandadi* em Guiné-Bissau? Para poder elaborar a minha abordagem teórica sobre *Mandjuandadi*, precisei retornar aos argumentos de Maria Odete da Costa Soares Semedo, uma das grandes referências neste trabalho, pois, ela foi e [é] a primeira escritora que analisou as cantigas de *Mandjuandadi* em Guiné-Bissau, a partir da tradição oral à literatura (2010), onde demonstrou as dinâmicas das cantigas a partir dos acontecimentos sócio

históricos e políticos do país. Ou seja, com o trabalho dela pude ter ideias que me ajudaram a pensar e problematizar o objeto desta pesquisa sobre as *Mandjuandadis* em Guiné-Bissau: desde os seus significados, suas origens, características, finalidades e consequentemente, sua importância na vida de uma mulher em Guiné-Bissau.

### 3.2 MANDJUANDADI NA GUINÉ-BISSAU

(...) *Mandjuandadi* pode ter muitos significados (...) para nos reunirmos aqui duas vezes por semana (quinzenalmente) é *Mandjuandadi* também. Porque nestas reuniões é que sabemos dos acontecimentos de tabanca e problemas de cada uma, e como podemos ajudar a pessoa [...], assim compomos música a partir destes assuntos: problemas de casa com nossos maridos, filhos, em tabanca, comunidade e o Estado, estes assuntos resultam em letras de nossas músicas que cantamos. (Notas de caderno de campo, Ana Maria Bandeira Merinha de Amizade de *Babock*, 20 de setembro de 2018).

O excerto acima foi retirado da entrevista feita com Ana Maria Bandeira, a meirinha de Amizade de *Babock*, é exemplar para iluminar um dos principais pontos que este subtítulo quer tratar - que é *Mandjuandadi* em Guiné-Bissau.

Semedo (2010) chegou à conclusão que *Mandjuandadi* é o espaço, onde as mulheres, e cada um dos seus membros, se sentem livres: lá se pode cantar, ostentar o seu pano ou vestido novo, brincar, ser maliciosa e livre, dar vazão aos seus sentimentos, inclusive à sua sensualidade, tanto nos versos que canta quanto na sua performance enquanto dança (2010, p. 135). Vamos guardar esta referência de Semedo, pois, acredito que ao longo desta dissertação, veremos conexões destas características com o que é experiência de mulheres em associações de Canchungo e São Paulo.

Ao trazer neste subtítulo um panorama sobre as *Mandjuandadis* no seu todo, procuro facilitar um entendimento geral de um tipo específico de como que as mulheres se juntam através dos seus associativismos em Guiné-Bissau. Consequentemente, nos ajudará a entender a importância e o papel da mulher de Canchungo - um dos grupos escolhido para esta pesquisa: Amizade de *Babock*.

As *Mandjuandadis* em si, têm uma existência de mais de cem anos. Atualmente, são vistas nas grandes cidades como em Bissau (setor autônomo), Bolama e Cacheu, e vêm ganhando características novas sem perder as formas originárias de solidariedade. Teixeira (2014) “considerando-se, *Mandjuandadi* como uma forma de resistência que a sociedade civil encontrou para manter a sua autonomia e vínculo de solidariedade e identidade do grupo”. (TEIXEIRA, 2014:15)

Neste sentido, Semedo (2010), reforça que a origem da *Mandjuandadi*, por terem mais de cem anos de sua existência, está relacionada com o fato de seus membros morarem perto ou na mesma tabanca (em Guiné-Bissau significa uma povoação - casas próximas, uma aldeia) e praticarem certas atividades em comum, isso levou grupos de mulheres, jovens ou mais velhas a se juntarem com frequência e se entreajudarem nas tarefas domésticas e em outras. O caminho para a fonte, os momentos de trabalho doméstico eram ideais para que falassem de suas vidas e da vida alheia, cantassem e escutassem as cantigas inventadas pelas amigas, um dos momentos da interação e partilha. “Muitas *Mandjuandadi* começaram assim, de modo espontâneo, para depois ganharem um nome, uma rainha, um rei e os restantes membros da hierarquia típica desses agrupamentos” (SEMEDO, 2010). Como vemos apresentado por uma informante do grupo de Canchungo.

*Mandjuandadi* é uma organização que abrange o campo político, social, econômico. Há a participação predominantemente das mulheres, tendo apenas um homem que é denominado rei do grupo [...] normalmente o grupo possui um Rei e uma Rainha, ambos eleitos dentro do grupo. A liderança fica por conta das mulheres que pertencem ao grupo (05.05. 2017: membro do grupo por telefone).

Uma rainha e um rei, que são escolhidos pela maioria dentro do grupo *Mandjuandadi*, atendendo ao comportamento respeitável, à honestidade e à disponibilidade para exercer o seu papel. No caso da rainha, a mulher tem reputação de ser empreendedora e de confiança entre as colegas. Enfim, tanto a rainha quanto o rei são chefes do grupo. (DOMINGUES, 2000, p. 226)

Para além dessa organização, com os responsáveis tendo diferentes características, ainda pode ser (*Mandjuandadi*) resultados de um encontro, em que se verificam, muitas vezes, histórias cantadas em crioulo, intermediadas por cantigas cantadas em outra língua local. O próprio termo *Mandjuandadi* abrange por si várias significações dependendo da

região, setor ou cidade (exemplos de alguns grupos de mulheres “muçulmanas” na cidade-Bissau que se juntam para uma confraternização – organizam um almoço na casa de um membro, almoçam e se divertem com músicas e danças) na qual se insere. Podemos destacar alguns acontecimentos de *Mandjuandadi*, como: Atividades agrícolas, comércio, músicas, danças, dentre outros.

Como já foi dito no início, trago uma das maiores referências sobre *Mandjuandadis* na Guiné-Bissau, Odete Semedo (2010), sublinhado, que são coletivos de mulheres da mesma faixa etária ou da mesma geração que se organizam para confraternizar e dar apoio mútuo em circunstâncias específicas. Essa associação também é considerada um movimento em defesa da cultura e formas de solidariedade local.

No que diz respeito às idades, as *Mandjuandadis* são muito rigorosas e, por isso, não existe uma grande diferença entre as idades dos elementos compostos, por esse motivo “as crianças não devem escutar coisas inapropriadas”. (SEMEDO, 2010: p. 143-144). Ainda a autora (Semedo) acrescenta que, por isso, as *Mandjuandadis* têm suas “próprias” características que estão associadas a práticas domésticas e de comércio: práticas domésticas fere-se em buscar água na fonte, cortar lenhas, lavar roupa, vender guloseimas (comida saborosa), trabalho agrícola (hortaliças), ou costurar roupas, ou seja, se resume a práticas femininas e coletivas. Mas, para entender suas dimensões, é necessário conhecer e compreender a diversidade da sociedade guineense no seu todo, pois, para a maioria de seus membros, sobretudo as mulheres, trata-se de um espaço de lazer, de descontração e de troca de experiências (SEMEDO, 2010, p. 154).

Manuela Borges (2012), também reforça que as *Mandjuandadis* têm muitos significados, sendo um dos principais o de representarem um exemplo significativo de formas de resistência à discriminação, exercendo um impacto considerável em suas próprias comunidades. Através de estratégias de denúncia pública da opressão, a que muitas vezes estão sujeitas, acabam por influenciar outras mulheres, levando-as a reclamar pelos seus direitos sociais, econômicos e políticos. Através de suas ações, esses agrupamentos de mulheres desencadeiam importantes processos de mudança social que favorecem a promoção dos direitos das meninas e das mulheres por gerações. (BORGES, 2012)

Reiterando o que já mencionado anteriormente, o termo *Mandjuandadi* pode ter várias acepções, dependendo do grupo em que a expressão se manifesta: a origem das

*Mandjuandadis* guineenses nos centros urbanos está atrelada à estratificação social imposta pelo sistema colonial português. Porém, as *Mandjuandadis* sempre existiram como grupo de pessoas da mesma idade ou geração, que se organizam para realizar trabalhos na aldeia - tabanca, atividades como a preparação do campo agrícola, a colheita e a cobertura de casas. Sinto necessidade de frisar, também, que nem todas as pessoas participam de *Mandjuandadis*, apesar desses coletivos existirem em todos os bairros, cidades e regiões de Guiné-Bissau.

Por isso, é importante mostrar que embora se caracterizem as *Mandjuandadis* como espaços femininos dedicados às atividades geradoras de rendimento no País, é pertinente sublinhar que, é uma forma de mulheres fazerem políticas. Ou seja, as formas existentes na Guiné-Bissau de se organizar dentro de um grupo feminino. Exemplo disso, é sobre mulheres de *Mandjuandadi Babock*, em Canchungo, uma das associações de mulheres presente nesta dissertação que se organizam como expressão feminina, contra hegemônica, que tem uma dinâmica e uma gramática peculiares – no que diz respeito aos modos de conceber e expressar identidades femininas através de agricultura, comércio, dança, e outras atividades.

Como até agora, tenho afirmado que, este estudo debruça sobre as mulheres de Canchungo - Amizade de *Babock* e *Cooperativa Bontche* em Guiné-Bissau. Apesar de ocuparem esse lugar de identificação (mulheres guineenses, agricultores comerciantes e costureiras na zona rural e urbana), pretendo enfatizar a diversidade que caracteriza a vida e particularmente, o cotidiano dessas mulheres: em termos de condições de existência e sobrevivência, das dinâmicas nas atividades desenvolvidas por elas.

Apesar deste contexto, queria deixar claro que, ao longo do Capítulo um, fala-se bastante de visões sobre mulher, portanto, neste subtítulo, é imprescindível situar os dois grupos - Amizade de *Babock* e *Cooperativa Bontche* escolhidos para problematizar este trabalho dentro do contexto da sociedade abrangente. Em outras palavras, o leitor e leitora podem entender de antemão que se descreve dois grupos diferentes geograficamente. Mas, antes, é preciso ressaltar que a escolha destes dois grupos se explica por serem grupos de mulheres protagonistas pelas suas atividades diárias.

### 3.3 AS MULHERES NA MANDJUANDADI DE AMIZADE BABOCK

O primeiro grupo denominado - *Mandjuandadi* da Amizade de *Babock* situa-se em Canchungo, na região de Cacheu, em Guiné Bissau. A região foi invadida em 1558, tendo sido a primeira a situar administração colonial portuguesa no século XVII. De igual modo, as comunidades de *Babock* onde o grupo de mulheres se localiza, residem no oeste da região de Cacheu na Guiné-Bissau.

A *tabanca* dentro de Canchungo onde a pesquisa foi desenvolvida é formada pela comunidade chamada *Babock* Reno Utia-Côr, em sua maioria manjacos sendo assim, há uma diferença nos dois grupos; Amizade de *Babock* se caracteriza pelo mesmo sistema de parentesco, isto é, elas são patrilineares, falam a mesma etnia, têm os mesmos costumes - refiro-me às danças, cantos, vestimentas e dentre outros. Deste modo, Paulina Mendes (2014) sinaliza que,

*Tabanca* de Utia-Côr, com a independência do país ela continua a ser o centro do poder tradicional de *Babock* e a residência da família real Baticã Ferreira. Localiza-se perto da cidade de Canchungo, como foi sublinhado atrás, sendo uma das cidades mais desenvolvidas da região de Cacheu. É igualmente uma localidade onde está sediada a quinta do Estado, com um conjunto de pomares, denominada granja. Nesta *tabanca*, o poder tradicional coabita com as instituições estatais pós-coloniais (MENESES, 2014).

*Babock* representa um subgrupo na sua maioria Manjacos em região de Cacheu, setor de Canchungo com suas *tabancas*: *Utia-Côr*, *Pentcheman*, *Canou*, *Bará*, *Capol*, *Badjope*, *Blequisse*, *Cadjindjassa*, *Tchualam*, *Petabe*, *Beniche*, etc, todas estas *tabancas* fazem parte de *Babock*, portanto este nome de grupo de mulheres representa um contingente de muitas *tabancas* arredores de região de Cacheu.

Isso é para tentar localizar o primeiro grupo que se compõe de sujeitos desta pesquisa, *Mandjuandadi Amizade de Babock*. Interessante, sublinhar a organização social entre as mulheres de *Babock*, que delegam à mulher o poder de comandar as decisões dentro das atividades agrícolas e fora dela (eventos, convites, reuniões). Desta forma, entendo que neste modelo de organização, a mulher não se limitava à participação no poder de tomada de

decisão de participar diretamente no sustento familiar ao lado do homem em certas comunidades ou aldeias como em Canchungo, algumas mulheres participam nas decisões em questões relacionadas à comunidade - questões são ligadas à organização social, política, administrativa e econômica. Em suma, algumas eram e são responsáveis diretas pelos destinos e manutenção nas tabancas (aldeias).

Apontada por Chagas (2011) que, a base central da organização social e política estão na família, ou melhor, com uma mulher à frente. Entende-se que organização social matrilinear desenvolvida em algumas sociedades africanas, em particular na Guiné-Bissau, permite que homens e mulheres partilham as responsabilidades e privilégios econômicos, políticos assim como administrativos. O autor menciona ainda que na tradição da cultura africana os sexos se complementam, ou seja, “os diferentes não se separam, mas se complementam e formam um só interligado” (CHAGAS, 2011). Deste modo que a

cosmovisão que, os africanos desde a antiguidade compreendem que as coisas materiais e espirituais, assim como as pessoas não se separam, mas se complementam numa ação e formam a unidade. Nesta perspectiva homem e mulher partilhavam o poder e quando isso ocorria “um equilíbrio estável era assegurado nos negócios de Estado.” (CHAGAS, 2011; p. 06)

Neste sentido, as práticas associativas adotadas pelas mulheres africanas, em especial guineenses, frente ao contexto de pobreza, podem ser aplicadas na aquisição de bens, tanto materiais quanto imateriais e recursos financeiros. Essas práticas associativas ou cooperativas das mulheres em *Mandjuandadis* e cooperativa *Bontche* têm mantido ou buscando melhorar sempre suas condições de sobrevivência enquanto mulheres que, embora com contribuições advindas de programas governamentais, são insuficientes para atender as demandas sociais e informacionais.

Por isso, encontramos as atividades relacionadas com o trabalho agrícola, baseadas na amizade e convivência comunitária entre mulheres de diferentes faixas etárias. No entanto, com as poupanças adquiridas nos trabalhos desenvolvidos por elas, compram produtos alimentícios, assim como custeiam os estudos dos filhos e a saúde, se for necessário, dentre outras necessidades.

Mas preciso dizer que as experiências ditas, ou seja, o que as pessoas falam diariamente no cotidiano em algumas tabancas de Guiné-Bissau sobre o trabalho em diversas regiões do país, a maioria afirma que a realização de atividades voltadas para o fim produtivo da agricultura, plantação de arroz ou até lavoura - é trabalho designado geralmente como masculino.

Assim, nessas narrativas a mulher é vista como uma “ajudante” e normalmente, ou por isso, recebe baixa remuneração ou até mesmo nenhuma remuneração por seu trabalho. Quero dizer com isso que, há uma clara distinção entre um trabalho dito “pesado” feito pelos homens e trabalho “leve” feito pelas mulheres que diferencia e define um valor para cada gênero. Porém, a minha etnografia traz uma realidade diferente do dito, pois as mulheres de - Amizade *Babock* desenvolvem praticamente todas as atividades acima citadas. Desde atear fogo na mata (queimada), lavoura nas suas hortas para então seguir com o destacamento e semear a terra, assim segue irrigação (uma técnica utilizada na agricultura que ajuda controlar água para não danificar seus legumes e verduras), conseqüentemente, colheita e comercialização.

A partir da experiência das mulheres guineenses, em particular de *Bontche* e *Babock*, recupero as propostas teóricas de Bolanha (2012), quando afirma que as mulheres guineenses exercem o poder ao nível doméstico e comunitário, principalmente nas atividades comerciais, que geram o sustento familiar, estendendo-se também a quase todas as posições sociais da comunidade. A autoridade que algumas das mulheres possuíam em casa, ainda exerciam muita influência e autoridade fora dela.

À medida que o número de mulheres que exerciam poderes ao nível doméstico e comunitário aumentou, especialmente nas atividades agrícolas e comerciais, a influência da mulher tornou-se institucional. Em algumas sociedades africanas há reconhecimento pleno do poder das mulheres nas várias áreas de vida da comunidade, reconhecido como um lugar de centro a partir da qual toda a vida comunitária é gerada. Assim como cabe destacar que desde sempre o papel das mulheres tem sido preponderante na organização social e económica em Guiné-Bissau. Sendo que há visibilidade das mulheres, sobretudo entre as das zonas urbanas do país, que “lutam dia após dia pela sobrevivência da família” (BOLANHA, 2012).

Ou seja, segundo estes argumentos apresentados, identificamos em seus discursos que as mulheres informam exercerem suas atividades sem registro, sem vínculo empregatício, portanto, não beneficia de férias, licença maternidade, aposentadoria, seguro desemprego, entre outros. Não é que *Babock* e *Bontche* questionam destes benefícios, pois elas gostam mesmo de trabalhar à sua maneira, impondo seu próprio ritmo. Ivone Gomes afirma o seguinte: “tenho mais liberdade e autonomia para conciliar a minha vida pessoal e carreira profissional” (*Contabilista na rádio sol Mansi Guiné-Bissau e porta-voz de Bontche*).

Sendo assim, Lopes (2013), afirma que, por outro lado, no âmbito dos circuitos econômicos ditos “formais”, as mulheres estão em menores inseridas, porém, desempenham um papel fundamental na tradição familiar, uma vez que são responsáveis pela família e gestão da casa, educação dos filhos e maioritariamente executoras de atividades econômicas que resultam no benefício familiar e comunitária. Pela realidade do país, as mulheres são pilares na produção familiar, tanto na agricultura como na pesca, ou seja, o alimento básico para maioria da guineense é arroz, peixe normalmente usados com frutas e verduras, amendoim, tudo isso resulta do trabalho maioritariamente de mulheres, são simultaneamente agentes de educação e agentes económicos. (LOPES, p.113).

Lembrando que as mulheres em *Mandjuandadis* não trabalham unicamente em relação à desigualdade e à pobreza, trabalha fortemente fortalecendo o lugar das mulheres nas suas comunidades, tabancas (aldeias), tanto de suas integrantes ou voluntárias, como das mulheres como grupo social, ao institucionalizar as tarefas de cuidado.

Pois desenvolvem diferentes atividades geradoras de rendimentos (tanto para alimentação familiar como para o comércio), as mulheres impuseram-se, enquanto sujeitas de estudo, suas presenças públicas, são reconhecidas pela comunidade (conversa informal com o regulo de Utia-Côr em representação à comunidade de Reno) como pessoas corajosas com muita garra, força, pois lutam pelo sustento de muitas casas e formações dos filhos. Assim, desempenham o papel importantíssimo na sociedade guineense (notas de caderno de campo, 24 de setembro de 2018).

Isto é, a vida de mulheres no coletivo *Amizade Babock* girar em torno de agricultura, comércio e festivas comemorativas - aniversários, festas de casamento, cerimônias celebrativas e dentre outros. Exemplo claro, as sessenta mulheres que compõem Amizade

*Babock*, conseguem seus sustentos na agricultura comercializando seus produtos no mercado de Canchungo e nas tabancas vizinhas. Existe uma feira da agricultura familiar, organizada na cidade de Canchungo, uma vez por semana, o dia que é aguardado para muitas famílias na cidade, porque os produtos além de serem baratas, você encontra de tudo neste mercado. Tem muitas coisas (desde consumo até vestuários) que não é comum em qualquer dia na feira, outra coisa importante destacar que, mulheres colocam seus produtos num valor acessível para comunidade. Por isso, é difícil elas retornarem com suas mercadorias para casa não só pela questão do preço, mas, pela opção das mercadorias que tenham maior liquidez, ou seja, os de consumo diário que gera facilidade para vender.

Em vistas disso, uma interlocutora (Sábado Lima) salienta que “o nosso plantio é para o consumo da comunidade”, quer dizer que, grande parte de atividades desenvolvidas pelas mulheres em Babock, resultam dos alimentos que chega à mesa dos moradores de Canchungo e tabancas vizinhas.

Importante chamar atenção à importância da agricultura (arroz, caju e as culturas hortícolas) no país (Guiné-Bissau) que 70% da população dependente da agricultura (INE-GB, 2014), e mulheres de *Babock* se dedicam às culturas hortícolas tradicionais.

**Figura 2:** Mulher com Bacia de água na horta de legumes e verduras



**Fonte:** Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)

Nessa figura dois, mulher com criança nas costas e bacia de água na cabeça para regar seus legumes e verduras, geralmente nas associações de mulheres, dividem os trabalhos para ganharem mais tempo: algumas ficam na fonte para tirar água outras carregando para horta e outras regando. A ilustração desta imagem de mulher carregando criança com água, só acontece quando não tem ninguém em casa para cuidar dela.

**Figura 3:** Diversos legumes e verduras



**Fonte:** PNUD

Estas fotos foram tiradas no quadro das atividades de agricultura em Guiné-Bissau, em parceria com a Rede das mulheres parlamentares do país, com apoio financiado pelo programa das Nações Unidas para o desenvolvimento – PNUD.

As plantações de hortaliças orgânicas, consideradas para mulheres, por não utilizarem nenhum produto industrializado (ausência de produtos químicos em seu cultivo),

porém, contém uma mistura de legumes (alface, pepino, cebola, tomate, quiabo, malagueta, cenoura, repolho, berinjela, mandioca, batata, abóbora etc.). Essas produções que lhes oferecem alimentos familiares, e rendimentos coletivos.

**Figura 4:** Alguns legumes e verduras retiradas na horta pronta para ser consumida ou vendida nas vizinhanças e no mercado central de Canchungo.



**Fonte:** Juveyson Correia<sup>25</sup>

A contribuição e protagonismo econômicos de associações das mulheres em Guiné-Bissau remetem a um papel importante na economia nacional e sua participação nos processos do desenvolvimento do país. No entanto, não diferencia muito quando Bamisile (2012), afirma que as mulheres africanas em particular guineenses, nas suas sociedades tradicionais e contemporâneas, sempre se envolveram com o sistema administrativo e social, na tomada de decisões importantes dentro e fora de casa. Às vezes, algumas formam chefias que controlam bens e propriedades no seio familiar, com esposas ou mães que exercem controle e poder sobre seus maridos e outros membros de suas casas, administrando bens, inclusive os de quaisquer outros membros do agregado familiar.

Sendo assim, as organizações ou associações, é considerado um dos espaços também de exercerem suas políticas de organização. Quer dizer, há lugares que não se caracterizam como tal, mas são também locais onde as mulheres estão presentes em suas contribuições são vistas, através das formas de produção – costura e comércio que é pilar para maiorias das famílias. A costura por exemplo, se afigura, na base de sustentação de práticas que se

---

<sup>25</sup> Um dos meus primos que esteve comigo algumas vezes no campo com as mulheres de *Babock*

denominam por “culturais”, ou seja, de não deixar o Pano *di Pinti*, tecidos, bordões, e entre outros trabalhos desaparecerem.

Por isso, contam com apoio de algumas organizações não governamentais, no caso *Engim* – organização italiana que apoiam mulheres de Cooperativa *Bontche*, de São Paulo com material de costura, formações básicas que, objetiva-se em, reforçar suas capacidades em termos de liderança e gestão de negócios.

Portanto, o cooperativismo como associação de mulheres em Guiné-Bissau, desempenha um papel importante contribuído assim, a nível local e nacional em diferentes domínios, como sector agrícola - segurança alimentar, pecuária, educativo, no sector financeiro, no desenvolvimento rural e urbano no País. Porém, para entender um pouco dessa importância de Cooperativas no país, preciso aqui, fazer uma breve contextualização.

### **3.4. MULHERES NAS COOPERATIVAS EM GUINÉ-BISSAU**

Em Guiné-Bissau, as cooperativas estão presentes em algumas regiões, setores, *tabancas* e principalmente no setor autónomo de Bissau, capital do País. Dito isso, ninguém melhor de que Patrícia G. Gomes (2011), para me guiar nesta jornada sobre as Cooperativas femininas na cidade de Bissau, isto é, quando se fala de cooperativa que compõe apenas mulheres, recorre-se os anos oitenta. Segundo Gomes (2011), as Cooperativas ou associações de mulheres em Guiné-Bissau, surgiram em 1980 com a união e esforços delas da mesma geração que buscam, em uma ação coletiva, a realização de ações e resultados dificilmente alcançáveis individualmente. Em outras palavras, por meio de um grupo de mulheres atingirem seus objetivos específicos, por meio de um acordo voluntário exercendo suas atividades para o alcance seus resultados satisfatórias.

Pode-se destacar algumas em Bissau muito conhecidas por seus trabalhos em grupos, conforme Gomes (2011), associação das Mulheres de Atividade Económica (AMAE), cooperativa não-bancária, denominada Bambaram, assim por diante. A finalidade destas, é de se juntar de forma cooperada, em organizações dos trabalhos como: costureiras, horticultoras, comércio, transformação de frutas – manga, castanha de caju, enfim, qualquer trabalho que gerar um rendimento económico.

Esta pequena contextualização, mostra –se que, apesar de *Bontche* for uma cooperativa recente de mulheres na cidade de Bissau, já tem um histórico no País de organização social das mesmas, que são vistas como forma de produção alternativa, ou melhor, se organizam para exercer ações em determinadas atividades conjuntas em benefícios comuns.

Desta madeira, conforme foi colocado pelos autores CHISSANCHO e USSENE (2015), que as cooperativas, são organizações que contribuem para o desenvolvimento económico e social, humano sustentável e combate à exclusão social através de criação de emprego, geração e distribuição de renda, combate à fome, redução da pobreza e aumento dos volumes de produção como refere a “recomendação” nº.193 da OIT que orienta os Governos dos países em desenvolvimento a adotar políticas para promoção e expansão do cooperativismo (C. Chissancho & V. Ussene, 2005, p.02)

Por outro lado, as cooperativas ou associações de mulheres, fazem parte de uma política de organização social no país, quero dizer que, cooperativa é ferramenta pela qual a sociedade se organiza, por meio de solidariedade ou ajuda mútua, para resolver diversos problemas comuns relacionados aos seus cotidianos.

Percebe-se que ainda é possível um trabalho baseado no coletivo, de modo em pensar nas formas de produção alternativas ao capitalismo. Isto é, existe ainda grupos que supõe a produção compartilhada de objetos comuns, de saberes, de comida – nas plantações, na família e demais redes de sociabilidade e convivência em Guiné Bissau.

Sendo assim, uma rede mulheres que junto para fazer o que gostam, destaca-se a chamada economia solidária, cujos pilares são: igualdade, solidariedade e proteção ao meio ambiente e é implantada, geralmente, nas cooperativas de trabalhadores (C. Chissancho & V. Ussene, 2005, p. 03). Economia solidária em si, é caracterizada aqui como forma alternativa de produção que surgiu na Europa com o movimento cooperativista por iniciativa dos próprios operários – ao desemprego em massa e à exclusão social, fenômenos estes vivenciados, no século XIX, em virtude da substituição da mão de obra humana pela força das máquinas a vapor (PINHEIRO & JÚNIOR 2015, p. 05). Nesse contexto, é preciso destacar a necessidade que,

as cooperativas estejam baseadas em valores e princípios não capitalistas — isto é, contraries a separação entre capital e trabalho e a subordinação deste àquele —, sempre foram concebidos, e operaram, como unidades produtivas capazes de competir no mercado. O cooperativismo considera que o mercado promove um dos seus valores centrais, a autonomia das iniciativas coletivas e os objetivos de descentralização e eficiência econômica que não são acolhidos pelos sistemas econômicos centralizados. Face à comprovada inviabilidade e indesejabilidade das economias centralizadas, as cooperativas surgem como alternativas de produção factíveis e plausíveis, a partir de uma perspectiva progressista, porque estão organizadas de acordo com princípios e estruturas não capitalistas e, ao mesmo tempo, operam em uma economia de mercado. (SANTOS, p. 2002)

As cooperativas não apenas geram benefícios econômicos para os seus membros e como para comunidade em geral, o mais fundamente nas cooperativas, redes, ou associações são seus efeitos desiguais da economia capitalista. Onde trabalha na base da considerada democracia participativa até o âmbito econômico e, com isso, estendem o princípio de cidadanias à gestão dos lucros ou trocas. Pelo menos, a Cooperativa que propôs trabalhar neste trabalho, baseia-se, numa organização autônoma de mulheres em Bissau, no bairro de São Paulo, que se unem, voluntariamente para satisfazer necessidades coletivos.

### **3.5. COOPERATIVA BONTCHE NO BAIRRO DE SÃO PAULO – BISSAU**

O bairro de São Paulo aparece neste trabalho quando é feita referência à *Cooperativa Bontche*, ou o segundo o grupo que está localizada na capital do país - Bissau, o bairro que foi —recentemente recuperado e que funciona como uma circular externa para chegar à cidade, permite ter uma bonita vista das Bolanhas que existem nas franjas de Bissau, passar pelo populoso Bairro de Antula e chegar a pôr fim à Alfândega e à parte velha da Capital (BENZINHO; ROSA, 2018, p. 46). A Cooperativa *Bontche*, é composta oficialmente por 12 mulheres e empregam outras com a mesma habilidade de fazer roupas, bolsas, panos de pente, que são vendidas na própria loja - chamam “sede” e nas feiras organizadas nacional e internacional (Portugal).

As imagens abaixo mostram os diferentes tipos de peças (bolsas, vestidos) feitas em tecidos diferenciado bordados, mochilas para aulas ou viagem com qualidade do pano e

tamanho diferente. As cores são detalhes e gostos individuais. Importante lembrar que, para além de bolsas e mochilas, fazem vestidos de diferentes tamanhos.

**Figuras 5 e 6-** Vestido bordado e mochilas unissex.



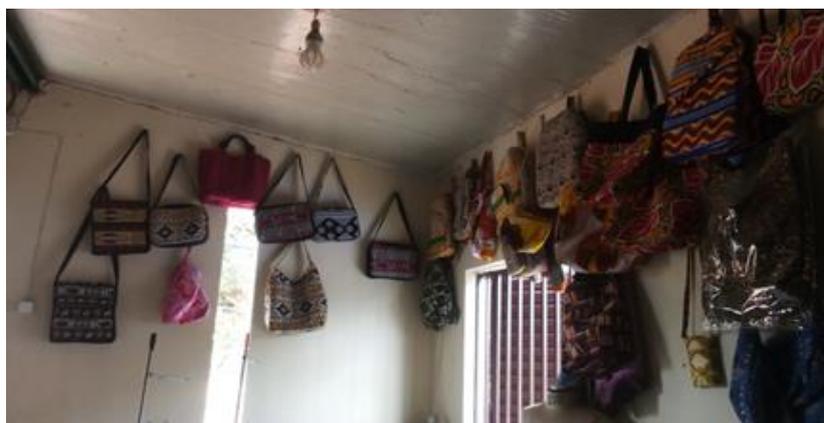
**Fonte:** Ivone Gomes

Para além de fazer bolsas para viagens, do dia a dia, mochilas de todos os gêneros. Ivone Gomes, afirma que: “através de artesanal conseguem no desejo de defender um pouco daquilo que é o património guineense, os tecidos através de moda e o famoso pano de pente, e ainda conseguem gerar emprego autónomo através de uma profissão”. Bolsas com panos dando aqueles retoques com moda guineense “o que é nosso tem valor”, bordados. (Notas de caderno de campo, 2018)

**Figuras 7 e 8 -** Bolsas feitas apenas de panos com tamanhos e cores diferentes



**Fonte:** Arquivo da autora



**Fonte:** Arquivo da autora

Os panos (como é chamado na Guiné-Bissau) coloridos feitos de bolsas e carteiras, são um dos itens mais acessíveis na compra nos mercados central do capital- Bissau e na própria sede/loja. No entanto, as mulheres costumam costurar diversos modelos em diferentes cores e tamanhos como se vê nas fotos. Essas bolsas e mochilas podem ser levado para aula, para viagem, assim como, em ocasiões especiais, suas vendas acontecem na própria loja (nos dias úteis de semana) e nas feiras organizadas em todo país.

Um das coisas que me encantou mais no campo, foi ver mulheres costurarem os panos de pentes. Desde que entendo por gente, até antes da minha saída em Bissau, 2014, os panos eram “tradicionalmente” fabricados por homens através do algodão, reafirmando a colocação de Semedo (2010). E nesta minha volta, depois de cinco anos, vejo as mulheres

desenvolvendo estas práticas de tecelagem com maior perfeição. Confesso que achei incrível, não fiquei surpresa, pois, nunca duvidei da capacidade de uma mulher.

**Figura 9:** mulheres na tecelagem



No espaço de terra um canal que fala dos panos e tecelagem afirma que:

A arte da tecelagem tem sido explorada desde os tempos ancestrais, principalmente pelas etnias Manjaco e papel [...] os pentes usados na tecelagem diferem nos tamanhos de acordo com o tipo de pano que se tece, variando entre 0,33 cm a 1,05 m de largura. (Espaço da Terra: 25)

Por fazer parte do patrimônio guineense, os panos de pente são usados em quaisquer ocasiões e momentos, desde política, moda, cerimônias fúnebres, casamentos tradicionais e qualquer decoração. Ressaltando que existem vários tipos de pano de pente.

Dito isto, Semedo (2010), coloque que, os grandes tecelões de panos de pente em Guiné-Bissau, são homens. E a minha experiência de campo com as mulheres de cooperativa de *Bontche* mostram as mulheres tecendo os panos de pente por excelência e esta atividade de tecelagem faz parte da cultura intrínseca dos guineenses, mas principalmente por algumas etnias (na verdade, os grandes tecelões de panos de pente, pertencem às etnias Papéis e Manjacos, lembrando que todas as etnias em Guiné-Bissau usam panos em diferentes ocasiões—desde últimas tabancas (aldeias) até cidade). Os que tecem os panos começam desde crianças aprendendo todos os passos da tecelagem e, por último, comercialização.

**Figura 10:** mulheres na tecelagem



**Fonte:** Arquivo da autora

A foto mostra a felicidade de mulheres que aprenderam a costurar os panos, uma prática a que foram negadas desde crianças, visto como trabalho de homens. Atualmente, fazem isso com muito prazer e amor, sabendo que o pano é considerado patrimônio do povo Guineense, ou melhor, tem uma grande importância social e “cultural” na Guiné-Bissau. E devido ao seu valor patrimonial, é usado em várias ocasiões de grande significado para o país, passando pela política, moda, cerimônias fúnebres, casamentos tradicionais e até decoração de festas e aniversários.

As mulheres de *Cooperativa Bontche* tentam resgatar, ou melhor, exaltar os valores do seu país através das suas produções de trajes nacionais.

Assim, este capítulo procurou estabelecer pontes entre associações de mulheres em Guiné-Bissau, com o recorte de *Amizade Babock e Bontche*, mostrando as possíveis estratégias de organização feminina no país, a partir de suas práticas cotidianas - agricultura, costura, comércio.

Na mesma trilha, compartilho, experiências e trajetórias de três membros dentro e fora de suas organizações, no capítulo a seguir. Primeiramente, pensar em quem são estas mulheres escolhidas e por quê? O que elas representam ou suas funções dentro de seus grupos? Como foi processos de criação ou ideias iniciais de *Bontche e Babock*.

#### 4. TRAJETÓRIAS DAS MULHERES EM ASSOCIAÇÃO

Estaremos, neste capítulo, procurando (re) constituir as histórias de vida de três mulheres em associações *Bontche* e *Babock* a partir de suas vivências no campo de agricultura, costura, comércio e fora desses setores. Também buscaremos pensar de que forma as suas inserções em associações resultam em um equilíbrio de forças nas tabancas e na cidade (capital). Ou seja, propomos apresentar a ideia de que os resultados de seu trabalho englobam a sociedade guineense de forma mais ampla, direta ou indiretamente. Isso quer dizer que os trabalhos em grupos podem ser compreendidos como consequência do micro ao macro, como foi bem sublinhado no capítulo dois – onde tratamos de suas contribuições na economia nacional.

Ainda procura-se identificar de que forma essas mulheres ocupam cargos de destaque dentro de suas organizações (e fora delas), propondo modos de organização social e de interações entre as participantes que conferem ao grupo a dinâmica necessária para alcançarem resultados e, portanto, se fortalecerem. Referimo-nos a cargos de destaque para quem participa das associações, como encontramos no caso da rainha, pessoa responsável e porta voz das mulheres da *mandjuandadi*. A rainha representará, aqui, uma visão da

totalidade das experiências de mulheres no contexto empírico desta pesquisa. Ou seja, a partir dela, teremos acesso à experiência das mulheres no contexto de associação.

Estabelecemos aqui um diálogo com o trabalho de Maria Isaura (1987) sobre relatos orais: do “indizível ao dizível”, que nos inspirou a dar um ponto de partida na coleta de dados e depoimentos no período de campo. A autora entende que a história de vida se define como “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que ele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, que cabe ao pesquisador desvendar”. (QUEIROZ, 1987, p. 275).

Assim, a ênfase deste capítulo será sobre estes depoimentos de mulheres a partir de suas representações em associações, ou seja, vamos trazer com mais detalhes as suas histórias de vida e por meio delas entender o cotidiano de uma mulher em *Babock* e uma mulher *Bontche*, em São Paulo. Este capítulo também estabelece um diálogo com outros autores como Semedo (2010) e Lamba; Miranda; Lopes (2017) para entender o papel de mulheres guineense na agricultura. Assim, “nada do que relata é supérfluo, pois tudo se encadeia para compor e explicar sua existência” (QUEIROZ, 1987, p. 276). É importante esclarecer que estas histórias de vidas que serão conduzidas por mim no texto (onde assumirei o lugar do narrador como já mencionado na introdução desta dissertação, quando nos referimos ao pensamento benjaminiano) a partir do tema deste trabalho e das perguntas que emergiram a partir dele Sendo assim, por serem associações femininas que contém mais de cinquenta membros, a minha escolha foi resultado de um longo período de conversa no campo, cuja continuidade foi estabelecida por meio de interações garantidas pela rede social WhatsApp, quando de meu regresso ao Brasil - à cidade de Fortaleza, mais especificamente. Assim, através das observações feitas por mim, durante as conversas mantidas com as mulheres no contexto da pesquisa foram gerados uma gama de depoimentos, estes que, por seu turno, deram conta de histórias de vida das maiorias dessas mulheres, em seus cotidianos e nas suas rotinas diárias.

Como estabelece Queiroz (1987), “a história de vida é, portanto, uma técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social”. Dentro das particularidades de mulheres dentro e fora de associações em caráter de seu aspecto associativo, no sentido de *Bontche* e de *Babock*, nos possibilita conhecer e compreender os

sentidos da agência de uma mulher empreendedora, independente, nos dois grupos aqui analisados a partir de uma visão mais ampla que não se restringe apenas às vivências e experiências de três mulheres (rainha, responsável do grupo e porta voz). Ao apresentarmos certos motivos para escolha de trabalhar história de vida dessas três mulheres em associações na Guiné-Bissau, estaremos procurando mostrar o papel central que elas ocupam em seus bairros ou *tabancas* como suporte às atividades desenvolvidas, mas, o que, contudo, não invalida o fato de que alguns dados a respeito dessas histórias de vida.

Tomando a experiência de vida dessas mulheres que assumem posições de liderança nos dois grupos, proponho neste capítulo tecer reflexões sobre três eixos de análise: 1) o papel de mulher no trabalho agrícola; 2) os encontros organizados; 3) lideranças em associações. Logo, o primeiro tópico mostra a rotina de mulheres no trabalho de agricultura que resulta de seus sustentos familiar e de meios económico. Por outro lado, traz a divisão social deste trabalho entre gênero e idade e o papel de “homens” na agricultura. No segundo tópico, trataremos de encontros organizados por mulheres nos momentos oportunos de diversão com dança e música, e principalmente a importância desses momentos de interação como atos políticos de reivindicação. O terceiro tópico e último, conta a história de três lideranças femininas em associações, uma porta voz de *Bontche* e a responsável e rainha em *Babock*. As suas histórias de vida serão tomadas a partir de suas contribuições na criação dessas organizações femininas.

#### **4.1 O PAPEL DE MULHER NO TRABALHO AGRÍCOLA**

O recorte deste tópico será apresentar, de uma forma mais explícita, a rotina de mulheres no campo agrícola em grupos. Como foi sublinhado no capítulo dois, as mulheres guineenses, em particular nas associações, são responsáveis por uma escala de produção, garantindo assim, a alimentação familiar. São, portanto, a mão de obra de uma grande parte do trabalho agrícola no país e desempenham um papel fundamental na agricultura, onde a quota feminina representa mais da metade (55%) de produção nacional. Esta representação de 55% da produção é informada por dados do Ministério da Economia e Finanças da Secretaria de Estado de Plano e Integração Regional de Instituto Nacional de Estatística de Guiné-Bissau em 2010. Nesta mesma linha de raciocínio, o INE (2014) apresenta dados que a população guineense depende em torno de 70% da agricultura. Portanto, é a partir deste

campo da agricultura que tento construir uma narrativa das experiências dessas mulheres em *Babock*.

O Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural da Guiné-Bissau (2017) considera a economia das regiões baseada nas atividades agrícolas, dominada pelo setor familiar, de pequenas explorações. Quer dizer, a população da região de Cacheu, setor de Canchungo depende da agricultura como fonte de sobrevivência. Para além disso, a agricultura emprega uma grande parte da força laboral, sobretudo a força laboral feminina que desempenha um papel muito importante de suporte (*friquidja*) na produção, transformação e comercialização do produto, principalmente no meio rural, onde maioria de famílias dependem desta principal fonte de alimentos e de rendimento.

Lamba; Miranda; Lopes (2017, p. 8) apontam que, pela realidade do país, o trabalho agrícola é uma das fontes principais para redução de pobreza, uma vez que parte do rendimento das famílias rurais provém do setor agrícola e algumas famílias urbanas dependem dos resultados destas produções. No entanto, as associações de mulheres representam uma grande escala, até por ser um trabalho que se divide em idade e gênero. Ou seja, grande parte dos trabalhos de *paranta* (semear arroz) fica especificamente para as mulheres principalmente em Canchungo. Enquanto os homens preparam (lavoura) *bolanhas*.

**Figuras 11 e 12:** Homens na lavoura e mulheres na plantação



**Fonte:** Arquivo da autora

Em associações dessas mulheres em agricultura conta com grande contribuição dos seus parceiros ou parentes, sobretudo em atividades como a lavoura, onde prepararam o solo para plantação (como se pode ver na segunda figura). A primeira figura mostra mulheres no

processo de retirada de arroz chamada em crioulo de Bissau-Guiné “*rinka aruz*<sup>26</sup>” para depois plantarem. Outra atividade que homens realmente marcam presença é em pequenos comércios de legumes, verduras, frutas nas *tabancas* vizinhas. Exemplo de algumas famílias membros de *Mandjuandadi* de *Babock*, Sabado Mendes, Ana Maria, Paulina, Tina, Edica etc. têm bancadas de vendas (mesa) dos mais variados produtos à porta de casa ou vendem noutros locais como nos mercados de bairros pequenos e em feiras organizadas.

Para Lamba; Miranda; Lopes (2017), além de agricultura consistir na produção de alimentos da maioria das famílias guineenses, as mulheres ou agricultores familiares não vendem seus produtos agrícolas no mercado externo, mas sim, para os mercados nacionais nos centros urbanos e para os mercados locais/lumos<sup>27</sup> em atendimento imediato de sua produção, ainda que em pouca quantidade, contribui para o desenvolvimento local e nacional (p. 37).

Estes circuitos de venda inserem-se no chamado mercado de “*mindjeris Bideiras [mulheres vendedeiras]*”, executando aí um leque muito variado de atividades, desde venda de produtos hortícolas e frutícolas, roupas, peixes, carnes, até revenda de produtos “importados”, vindo de Gâmbia, Senegal, Portugal, Estados Unidos, Brasil etc. Nestas vendas, principalmente, de bancadas em casa, homens ajudam a vender muitas vezes - na maioria dos casos, são os próprios maridos, filhos, ou algum parente próximo.

Para entender a contribuição dos homens na agricultura e no comércio, realizei as entrevistas com alguns parceiros de minhas interlocutoras que acompanham o trabalho de suas esposas de perto. Essa aproximação teve o intuito de investigar a respeito da socialização do sexo masculino nas associações lideradas por mulheres.

A partir das entrevistas, em síntese, eles acreditam que as associações de mulheres contribuem muito para o desenvolvimento de comunidades, prevenindo a pobreza e contribuindo para o crescimento econômico local. O *Régulo*<sup>28</sup> de Reno Utia-Côr, Baticã Ferreira um dos entrevistados, afirmando que as mulheres têm uma “força inexplicável”, e continua:

---

<sup>26</sup> Arrancar arroz da terra

<sup>27</sup> Feiras organizadas.

<sup>28</sup> Autoridade tradicional

Não podemos explicar a força de mulheres fazendo estes trabalhos de “*paranta*” neste período, depois de plantação vão todas direto para hortas. Tudo isso é base do sustento familiar da comunidade e não só. Portanto, estamos aqui para somar as forças, contribuindo no que dá.

Assim, este trabalho considerou em suas análises não somente o que é dito pelos parceiros de interlocutoras destas pesquisas em determinado momento dessas atividades desenvolvidas em colaboração, mas as relações que se estabelecem entre as posições sociais e históricas dos sujeitos envolvidos. Isto é, não se pode negar que essas atividades fazem parte de um contexto social e histórico da região de Cacheu, setor de Canchungo, pois são fundamentais para a reprodução social dos moradores da região. Não apenas Tina, mas a maioria das mulheres em Canchungo entre o mês julho a setembro dedicam-se exclusivamente ao trabalho agrícola, que é base fundamental de toda população regional. Por terem um compromisso com a comunidade através destas produções, as mulheres se organizam em períodos para cada atividade.

**Figura 13:** Tabela de atividades anual de dois associações

<i>Tarefas na Amizade de Babock</i>	Período de realização
Venda de legumes, verduras, frutas etc.	Fevereiro a maio
Preparar o campo para plantação de arroz nas bolanhas	Maio a junho
Plantação do arroz nas <i>bolanhas</i>	Julho a setembro
Transplantação do arroz de <i>bolanha</i> .	Agosto a outubro
Colheita de arroz nas bolanhas (feito pelos homens e mulheres).	Outubro a janeiro
Atividades comemorativas não tem meses específicas – se organizam para os encontros quinzenais quase todos os meses	-----

O quadro anterior mostra que as mulheres têm um calendário de suas atividades desenvolvidas anualmente, que exige uma dedicação e comprometimento dos membros efetivos em associações. Portanto, antes da minha ida ao campo, as mulheres já se encontravam em *Bolanhas* para preparar o campo agrícola. Como se pode perceber neste quadro 1, antes do processo de plantação de arroz, nos meados de maio a junho dependendo de chuva, as mulheres começavam a preparar o terreno (solo) depois das grandes chuvas de maio. Vale, ressaltar que, cultivar a sua plantação não pode ser em qualquer lugar, mas em lugares com características bastante específicas para dar bom resultado, porque nem todos os solos são ricos e apropriados para plantios. Por exemplo na Guiné-Bissau, a *Bolanha* é um terreno especificamente de plantações não apenas de arroz, mas de vez em quando, se plantam verduras e legumes.

No entanto, um dos trabalhos que presenciei nas *bolanha* de Canchungo foi processo de *rinka arroz, paranta*.

**Figura 14:** *Mindjeris na rinka arruz* (retirada de arroz)



**Fonte:** Arquivo da autora

Esta foto mostra o resultado de sementeiras de maio semeadas por mulheres no início da chuva<sup>29</sup> que pode ser retirada no final de julho ou no máximo em agosto. Este arroz é retirado e plantado no solo preparado pelos homens. O processo de colher ou retirar arroz pode aparentar ser uma atividade fácil na foto, porém, não são todas que conseguem colher, isto é, geralmente, essa parte fica para as mulheres mais velhas ou com mais experiência.

**Figura 15:** O solo pronto para ser plantado



**Fonte:** Arquivo da autora

Como foi especificado anteriormente, este trabalho de agricultura desde a lavoura, passando pelas plantações até a coleta – é dividido pelo gênero. Entretanto, outro fator

---

<sup>29</sup> O país tem um clima predominantemente tropical com características marítimas, sendo muito quente e húmido e com duas estações distintas: a estação seca, de novembro a abril e a estação das chuvas, de maio a outubro. A temperatura média anual no país é de 26,8 graus. Na Guiné-Bissau, os meses do inverno são dezembro e janeiro e verão de março a maio. Já os meses mais chuvosos são os de julho e de agosto, Gomes, 2016, p. 38

importante e o mais visível entre mulheres é a divisão por idade e, principalmente, pela experiência. Portanto, a primeira foto mostra as mulheres mais velhas detentoras de muitas experiências. Como vemos na figura dezesseis (16), as moças mais jovens, de mais ou menos de dezoito a vinte cinco (18-25) anos de idade, ficam com a parte de amassar o solo com pés e tirar palhas, que geralmente, começam a crescer depois de um mês de lavoura. Para elas, é importante deixar este intervalo de lavoura com a plantação, que é justificada para melhorar o potencial produtivo, ou melhor, reduzir perdas de nutrientes de arroz e com a chance de aumentar a produtividade da lavoura que gera mais rendimentos ou lucros para mulheres.

**Figura 16:** O solo pronto e arroz para ser plantado



**Fonte:** Arquivo da autora

Depois de um mês de lavoura, as meninas retiram palhas que crescerem e resta somente semear. A foto mostra o solo pronto para ser plantado. Estando o arroz já colocado facilita o movimento de mulheres e torna o processo mais rápido.

**Figuras 17 e 18:** semeando arroz



**Fonte:** Maria Mendes - membro de *Babock*, 22 de agosto

Estas fotos chamam atenção para a cultura de plantação do arroz na variação em cada uma das regiões e etnias em Guiné-Bissau. Para as mulheres da etnia manjaco “arroz tem seu jeito delicado e a semente tem que ser posicionada de modo a evitar que fiquem muito próximas, precisamos deixar ângulos para que crescem à vontade”, acrescenta, Ana Maria (notas de caderno de campo, Merinha de amizade *Babock*, 2018).

Também uma questão que merece destaque são estes espaços produtivos na comunidade por mulheres permitindo-lhes a sua auto-organização e fortalecimento político delas, assim como, suas aproximações e trocas de conhecimentos e experiências. Para Ana Maria Bandeira meirinha de *Babock*, esse se tornou um espaço de autonomia. Em suas palavras: “autonomia porque temos cuidado, carrinho, controle de nossos trabalhos, são coisas que nos faz bem”, conta (notas de caderno de campo, 2018).

Ao acompanharmos de perto um pouco da história de mulheres na agricultura nas *bolanhas* de Canchungo, fica evidente que os espaços ocupados para elas atualmente, foram conquistados conjuntamente. Anteriormente, era terrenos individuais “antes era cada uma com o seu terreno na *Bolanha*, mas agora conseguimos juntas” (notas de caderno de campo, Sábado L. Mendes, 20 de setembro de 2018).

Também se percebe que é um lugar de disputa por bens comuns, sendo a terra uma das maiores conquistas de *Babock* até então. Elas se sentem vitoriosas por terem conseguido estar nesses espaços de poder e conquistarem o reconhecimento da comunidade.

Isso mostra claramente as suas contribuições diárias no crescimento da comunidade. Quero dizer que as mulheres de *Babock*, têm um papel fundamental em Canchungo contribuído assim para o desenvolvimento social e econômico através de suas atividades-ocupando papéis centrais tanto na produção de horticulturas (arrebanhar água para as hortas e passam muito tempo no mercado para vender a colheita), como no estabelecimento das condições de equilíbrio social (seria faturamento mensal mínimo necessário para cobrir algumas necessidades básicas da família, e também dentro do coletivo como forma constituir um importante polo de solidariedade entre elas), políticas e econômicas nas sociedades rurais e urbanas.

Uma das estratégias usadas em associação de *Babock*, é selecionar as hortaliças indispensáveis na alimentação da comunidade, pois são alimentos de consumo obrigatórios

por terem características de fontes minerais e nutrientes. Tanto que selecionam uma pessoa que tenha domínio dos benefícios desses produtos (verduras e legumes) antes do cultivo.

A responsabilidade pela escolha das sementes é ao mesmo tempo a mesma pessoa que exerce a função de rainha de *Babock*. Ela, Tina Gomes, e sua escolha justificam-se pela dedicação e cuidados de sementeiras nos períodos de cultivo. Ela é uma das líderes mais reconhecidas na *tabanca*, sobretudo por estar contribuído em maior parte para família e comunidade. Quero ainda reforçar que, nestes dois grupos sujeitos deste trabalho, as mulheres que trabalham com agricultura, comércio e costura, ganharam um peso e reconhecimento desde o seio familiar, até as pessoas que os acompanham e beneficiam dos seus produtos.

No outro grupo, *Bontche*, um dos reconhecimentos da comunidade ou bairro das mulheres que trabalham com a costura e tecem panos de pentes é o valor que esses produtos têm e são considerados um patrimônio cultural da Guiné-Bissau, sendo utilizados em todas as ocasiões (Ferreira, 2019). A sua utilização confere um prestígio nacional, quer dizer, um elevado símbolo de estatuto social e, por este motivo, “o pano de pente está presente na vida quotidiana do Guineense” (Ferreira, 2019, p. 38). O interessante é que as mulheres em *Bontche* se formam nesta arte da tecelagem e têm abertura para ensinar umas às outras o tecer os seus próprios trajés para as festas e cerimônias que acontecem no país. Um momento desta partilha de aperfeiçoamento com membros de *Cooperativa Bontche* pode ser visto na imagem abaixo:

**Figura 19**



Fonte: Arquivo da autora

Vemos as mulheres em dedicação à costura de roupas e panos de pente para vender nas lojas, no mercado e nas feiras organizadas em Guiné-Bissau. Essas feiras não são somente as organizadas no país, mas as mulheres também viajam para vender seus produtos em outros países, de onde recebem pedidos de encomendas. Na maioria das vezes, as viagens se concentram em Portugal e Itália, onde um forte comércio é mantido por estas mulheres.

**Figura 20**



Fonte: Arquivo da autora

Com o crescimento do comércio dentro e fora do país, principalmente, ao receber pedidos de encomendas dos países externos no varejo guineense, as mulheres empreendedoras sentiram a necessidade de divulgar seus trabalhos. Surgiu, então, a ideia de criar uma página no Facebook, com o nome “*mindjeris pudi fasi*” (“as mulheres sabem fazer”). Neste espaço virtual, publicações que divulgam seus trabalhos são realizadas semanalmente. Os produtos que recebem um maior destaque nessas publicações são artigos femininos, como bolsas, roupas e calçado, inclusive a figura acima é retirada da página “*mindjeris sibi fasi*”.

A *Cooperativa*, como dito anteriormente, envolve doze mulheres empreendedoras, que trabalham com costura e comércio. Estas mulheres são consideradas exemplos de como

é possível uma profissão conjunta que contribui para o crescimento socioeconômico de todas. Isso é percebido em um nível englobante, ou seja, envolve o desenvolvimento do próprio país, ajudando outras mulheres no crescimento pessoal, profissional e, realizando seus sonhos, ao disponibilizarem outras vagas para mulheres costureiras de outros bairros.

Além disso, as mulheres *Bontche* compartilham muitos momentos de troca de conhecimento e suporte emocional e financeiro. Isto acontece nos momentos em que elas passam juntas na sede trabalhando. Com que lhes agrada fazer acaba surgindo então diversão comum, além de possibilitar as formações que recebem, a partir de suas aulas, ensinando mulheres que, oficialmente, não fazem parte da *Bontche* diretamente.

Assim, essas mulheres consideram esses momentos de encontro especiais “momentos mais lindos que a gente vive, são estes encontros”. Ao longo deste diálogo com a Sábado (responsável de *Babock*), vieram à tona muitos assuntos de suas experiências de vida diárias - cantadas na música que elas mesmas compõem e que abordam as suas trajetórias dentro e fora do coletivo ou seus problemas cotidianos. Também mostram através da dança uma expressão muito leve de como é possível uma vida em grupo mesmo com suas dificuldades.

Diante da importância deste momento de encontro fundamentado na música para mulheres, apresentarei a seguir uma descrição mais detalhada da experiência em *Babock*.

## 4.2 OS ENCONTROS ORGANIZADOS

“Marcamos o início de debates sobre questões específicas que envolvem nossas necessidades” (Notas de caderno de campo, Tina, 2018). Os encontros de mulheres em *Babock* acontecem quinzenalmente com o objetivo de organizarem planos semanais, agendas de trabalhos, avaliar os convites de eventos, escolher as músicas que serão cantadas (o repertório), assim como, celebrar aniversários, festejos de final de cada atividade, principalmente como espaços de composições e danças.

As danças acontecem apenas nos encontros quinzenais e em convites que elas recebem para tocarem e dançarem. Mas as composições de músicas e cantos não, pois, cantam em qualquer lugar, assim como, o fazem para a composição de músicas - principalmente nos momentos de trabalho na *Bolanha* – a plantação. Por outro lado, a dança

é precisa de outras condições, já que depende dos instrumentos básicos para acompanhar o ritmo da música como a cabaça, a bacia com água e o tambor.

**Figura 21:** ilustração da imagem cabaz



**Fontes:** Arquivo da autora

A *Cabaz* (cabaça) é um instrumento importante e muito presente para qualquer grupo de *Mandjuandadis* em Guiné-Bissau. Nesta imagem específica temos um tacho\bacia cheia de água e cabaz em cima para proporcionar um som forte (a rainha Tina que estava tocando) que facilita dançar, ao lado um tambor (instrumentos que é necessário na tina e *Gumbé*).

A *Tina* assim como o *Gumbé* são gêneros musicais que nasceram da junção de alguns ritmos na Guiné-Bissau, conhecidos como músicas tradicionais. Entre esses estilos estão a bacia que é peculiar em *Mandjuandadis* com o instrumento principal desse ritmo é a cabaz. A *cabaça*, produz um som muito rápido, por isso não poderia faltar nas *Mandjuandadis*. A sua rapidez permite dar vida a várias danças. Muitas danças são mais apropriadas a momentos específicos (pode ser na celebração de um casamento tradicional, rituais, cerimônias, fúnebres etc.). É por meio do *Gumbé* que as várias etnias da Guiné-Bissau, inclusive as de tradição muçulmana (Mandinga, Fula etc.), se cruzam culturalmente, sobretudo com a contribuição de *griots* (guardiões da tradição), que são lavradores que se tornaram músicos hereditários.

Como foi colocado por Semedo (2010), “as cantigas de *Mandjuandadi* retratam muito bem, aspecto social e várias cantigas retratam essas e outras situações consideradas importantes no cotidiano das famílias - elas são o lugar de expressão de certas tensões e resolução” (SEMEDO, 2010:150). Estas resoluções ocorrem quando se torna público os problemas sociais por meio das músicas para uma reflexão coletiva. As mulheres também aproveitam esses momentos para se divertirem, dançando.

**Figura 22:** Mulheres de *Mandjuandadi Amizade de Babock* na roda de Tina



**Fonte:** Arquivo da autora

“Estar rodeados de pessoas que compartilham os mesmos sentimentos e valores, e principalmente esse objetivo comum, é gratificante para rainha Tina. Tanto que confiamos muito nas nossas colegas, no ponto de compartilhar meus problemas pessoais, pois as vê como irmãs” (notas de caderno de campo, 10 de setembro de 2018).

A roda é um símbolo muito importante na dança para as mulheres de *Mandjuandadis Amizade Babock*. Esse é um momento em que ninguém fica parado, já que o som provocava este movimento. “A dança é típica, não étnica mais sim de caráter singular acompanhada pelos instrumentos citados anteriormente” (Ferreira, 2019, p, 68). A música desempenha duas funções importantes para as mulheres: 1) transmitir seus sentimentos ou conselhos a

comunidade, família e, 2) proporcionam um estado agradável de bem-estar dentro de grupo – divertindo-se através da dança. O uso de trajes também é importante, como Ulrich salienta que a formação, a manutenção e afirmação de uma identidade comum, extrafamiliar em associativismo voluntário, é aparente em rituais tais como o uso da farda – de igual vestuário –, os almoços periódicos – ocasiões lúdicas onde se confirma e acentua a integração social dos membros. É ainda pela ação afirmativa da identificação proposta pelo nome próprio da associação (ULRICH, 1992).

Assim, a dança simboliza união entre mulheres. A rainha Tina e Sábado como responsáveis, usam panos diferenciais- de cor preta, sempre. Esse é um símbolo de hierarquia e profundo respeito, por posições ocupadas dentro de *Mandjuandadis*, como foi sublinhado no capítulo dois. Em síntese, a *Mandjuandadi de Babock* é constituída pelas pessoas com diversos talentos, umas tocam instrumentos, outras compõem as músicas, todas dançam. As letras de cantigas são de cunho informativo, formativo e de desabafo. Geralmente, as mulheres fazem músicas relatando de uma maneira implícita os seus problemas com os maridos, *Cumbossas*. Algumas músicas dentro das *Mandjuandadis* em diferentes bairros de Bissau e cidades são cantadas em crioulo para facilitar para os que não são falantes das línguas étnicas na Guiné-Bissau. Porém, em Amizade de *Babock* algumas cantigas são cantadas em manjaco (língua étnica) e suas letras sempre remetendo a algum assunto social como amor, amizade, coragem da mulher, dentre outros. As questões políticas também são retratadas nas letras do *Gumbé* e *Tina* e, inclusive, doenças ou pobreza.

Uma cantiga foi cantada no momento da minha despedida organizada por mulheres uma festa com comida, bebida e muitas músicas. Este momento trouxe à tona uma cantiga que conta a história de uma moça que é participante de *Babock*. A cantiga *lanta oh* [vença], retrata o desabafo de Natália, que foi abandonada grávida com dois meses por seu parceiro e da sua reviravolta depois do nascimento do filho. É uma cantiga muito emocionante em que se assiste ao diálogo entre a mulher mãe (abandonada grávida) e a suas colegas confidentes de *Babock*, envolvendo a ingratidão do parceiro.

## Tradução<sup>30</sup>

Lanta oh! Lanta! Meninu  
 Lanta di feбри oh,  
 Nha fidju lanta!  
 Lanta di feбри oh nha kode  
 Nha fidju dimioo, Djédjé  
 Passa kasabi pabia diboo, nha fidju  
 Odjam ku dus mis oh  
 Bu pape abandonam  
 Odjam ku bu bariga oh, Djédjé  
 Fica na kuda  
 kim ki na pedi pa i nenim ki nha  
 rainha  
 Odja i kuri dimi  
 I bim na misti nenim oh  
 Pa i sedu si fidju!  
 Nunca nka seta oh!  
 Omi ngratu bai oh, bai oh  
 Omi ngratu bai oh, bai oh  
 Djitu ka tendê  
 Omi ngratu bai oh, bai oh  
 Nfala bu kai  
 Omi ngratu bai oh, bai oh  
 Omi ngratu bai oh, bai oh  
 Djitu ka tendê  
 Omi ngratu bai oh, bai oh  
 Omi ngratu bai oh, bai oh  
 Djitu ka tendê  
 Omi ngratu bai oh, bai oh  
 Nha fidju dimi oh, Djédjé

Minha filha, vença!  
 Vença esta doença, minha amada!  
 Minha filha, Djédjé  
 Passava dificuldade por conta de ti,  
 minha filha  
 Quando tinha dois meses de  
 gestação  
 Seu pai abandonou-me  
 Estava grávida de ti, Djédjé  
 Quando ele me abandonou  
 Pensava que ia me acolher  
 Juntamente com minha rainha  
 Porém, ele veio a querer  
 Considerar-lhe como filha dele  
 Nunca aceitarei isso  
 Homem ingrato pode ir, pode ir oh!  
 Homem ingrato pode ir, pode ir oh!  
 Não tem problema  
 Homem ingrato pode ir, pode ir oh!  
 Você já está fora  
 Homem ingrato pode ir, pode ir oh!  
 Homem ingrato pode ir, pode ir oh!  
 Não tem problema  
 Homem ingrato pode ir, pode ir oh!  
 Homem ingrato pode ir, pode ir oh!  
 Não tem problema  
 Homem ingrato pode ir, pode ir oh!  
 Homem ingrato pode ir, pode ir oh!  
 Minha filha

<sup>30</sup> Vaz Pinto Có

Este diálogo põe em cena duas vozes: a das colegas, dentro do grupo, que fazem coro e a própria mulher que vivenciou este episódio. O desabafo foi sobre o seu primeiro relacionamento, da moça com um homem, e que durou sete meses. No início do oitavo mês, a mulher descobriu que estava grávida, compartilhou esta notícia com o parceiro e este a abandonou. Foram momentos difíceis para a mulher. Ela resolveu compartilhar com suas confidentes - *de Mandjuandadi de Babock*, as dificuldades de lidar com a primeira gravidez sozinha. Esta questão – que pode ser pensada como uma experiência partilhada com outras mulheres que já vivenciaram o mesmo processo – foi convertida em cantiga. Nela, ressaltaram os primeiros momentos de gravidez, desde os dois meses, as lamentações da mulher quando a criança estava com febre, o nascimento e a incerteza do ex parceiro, além de temas como o arrependimento.

Ao trazer a cantigas e os instrumentos utilizados nas *Mandjuandadis* neste trabalho é um dado empírico que mostra que tocar um instrumento, cantar e dançar podem ser um modo de pertencer ao grupo. É uma habilidade, uma linguagem, uma expressão. Mas é também um modo de acessar e pertencer à experiência do ser mulher que buscamos tecer e sobre ela refletir nesta dissertação. As relações estabelecidas entre os gêneros (masculino e feminino) são mediadas por modos, discursos e práticas geradoras de união entre as que participam destes momentos. Situações difíceis são transformadas e valorizadas. Trata-se também de um espaço de aprendizagem, onde as mulheres têm a oportunidade de tocar um instrumento, cantar e dançar, práticas que são valorizadas pelo grupo.

### **4.3 LIDERANÇAS EM ASSOCIAÇÕES**

Por ter tido a oportunidade de ler mais sobre os trabalhos das intelectuais guineenses, principalmente as que trabalham as questões do gênero (Godinho, Gomes, 2016 – 2017, Monteiro Cande, 2013) e conhecido a visão sobre mulher no contexto africano, passei a conhecer outras fontes de poder ou conceber o poder a partir destas perspectivas. Portanto, neste tópico daremos mais ênfase às histórias de vida de três lideranças femininas dentro de *Bontche* e *Babock*. Levo em consideração o processo de representações destas mulheres nos espaços de liderança, o que nos possibilitará entender de que formas ou por meio de que critérios uma líder se constitui. Também procuro compreender a importância da criação das associações de *Bontche* e *Babock* e as estratégias utilizadas nas primeiras mobilizações.

Ressalto, desde então, que estas três lideranças não detêm o poder de dominar ou controlar as companheiras.

Não somos escolhidos líderes para dominar, mandar, até porque tudo é partilhado dentro dos grupos. Tudo o que faço é dentro de Amizade, comunico a todas por estar diante de muitas que são mais velhas, mesmo considerada mãe de todas. Então, não sei se é poder que tenho, mas é mais no sentido coletivo em qualquer convite que geralmente recebemos em tempos de eventos [...] exemplo de época de seco sem chuva nas cerimônias de *toka tchur* que é muito comum, o pessoal nos convida para participar, a gente vai em massa, mas se for um convite para rádio, não são todas que podem ir. Sempre faço presente, a Sábado (responsável) e a vocalista Erica. (Rainha Tina Gomes, 29 de outubro de 2018)

Refletindo nessa colocação de rainha Tina, a partir do seu papel na Amizade *Babock* como “responsável” do grupo, que apesar do seu status simbólico de poder, baseada na confiança e ajuda mútua. Porém, a partir de nota de campo de caráter tão pessoal, não nego que a relação de mulheres nas associações, considera-o as relações de poder, pois dependem do capital material nos trabalhos desenvolvidos pela comunidade, em contrapartida, recebem o pagamento em dinheiro. No entanto, o trabalho que as mulheres, nos seus diferentes grupos (*Cooperativa Bontche* e Amizade de *Babock*), desenvolvem não é tão mágica até porque é obtido pela força física o que resulta nos dores apresentadas pela interlocutora-Sábado Lima Mendes, o importante ainda é que estes trabalhos exercidos por elas são reconhecidos em sua maior parte na economia local e nacional (notas de caderno de campo, 2018).

Antes da participação de Tina em *Mandjuandadi Amizade Babock*, a atual rainha falou da sua experiência e sua participação na associação a partir de seus trabalhos diários que gerava o sustento familiar, dizendo,

Fazia pastéis, vendo bananas, mangas, água e chabéu no mercado, além de trabalhar nos períodos de coleta de castanha de caju. Há uma horta que nos ajuda muito também na questão de despesa de casa. As rendas de casa variam de acordo com o valor apurado nas vendas de produtos, cujos valores variam muito de acordo com a cotação do mercado. A família toda me ajuda a extrair óleo de palma (fruto do dendezeiro, uma espécie de palmeira). A casa é sustentada por todos, digo os três (nós duas mulheres e o marido). Ao todo, somos 11 pessoas em casa. Comemos arroz em todas as refeições, com molho de peixe para acompanhar. Quando é possível, compramos carne ou

frango. *Mandjuandadi* mudou minha vida por completo, porque quando estou triste por algum motivo, saí com as companheiras para cantar e dançar. Às vezes, também, dar conselhos umas às outras. Fico feliz e aliviada com a vida (risos). Esta nossa união ajuda muito [...] aprendo muito com elas algumas têm nível de escolaridade mais avançado, conseguiram terminar o ensino médio - ficaram com os cargos de “destaque”, assim como eu: já na secretaria, junto com atuais vocalistas (Erica Correia e Natália) que cantam todo e compõe, mas, tem todo conjunto de pessoas aqui ajudando a escrever letras de músicas às vezes (notas de caderno de campo - gravador, 16 de setembro de 2018).

Portanto, as escolhas para estes cargos de responsáveis advêm, às vezes, de habilidades desenvolvidas por elas, atitudes e comportamentos que consistem em suas ascendências e através da representação social (lugares). Isto é, todo este processo de mobilização trouxe à tona a autonomia e a capacidade das mulheres de mudarem suas realidades através dos seus trabalhos diários e coletivos. Assim, quando uma participante apresenta mais habilidade dentro de suas funções, ela é aproveitada nas nomeações de cargos para melhor descentralizar as funções de representações nas atividades, como vimos na tabela anual no início deste capítulo.

**Figura 23**



Compete à rainha manter a harmonia entre as mulheres e decidir da mobilização geral para realizar eventos específicos, apresentar as propostas de admissão de novos associados, fiscalizar as despesas rendimentos e, autorizar ou não, casuística e arbitrariamente, os pedidos de empréstimos, o que lhe confere um importante poder político. No entanto, testemunhando as relações igualitárias, os membros, elegendo uma rainha de quem se espera discricção, diligência, honestidade e disponibilidade esperam que esta exerça seu papel (Borges, 2010, p. 213)

Tina, como rainha da *Mandjuandadi* ou associação voluntária, se baseia em relações igualitárias entre os membros que se reúnem em assembleia-geral. Ela tem como responsabilidade nomear os titulares para os cargos dirigentes legitimando o seu poder e onde o direito da palavra é igual para todos os membros e as resoluções são tomadas por consenso. A partir do papel da Rainha Tina do coletivo Amizade de *Babock* também é considerada mãe de todas, não pela idade, mas pelo que representa. Para além de presidir as reuniões e ser servida com os melhores manjares, durante os eventos em que a

*Mandjuandadi* participa, a rainha tem, em todo, tratamento igual ao das outras associadas, quer no pagamento das quotas e *abotas*, quer na ajuda recebida. Para Borges (2005), a igual participação financeira dos associados fundamenta o igual tratamento de todos os membros, com igual poder, pelo menos de palavra, e idênticos deveres e direitos.

Assim, em *Babock*, os valores e as formas de relacionamento fortalecem os valores de pertencimento, através das suas estruturas organizativas, quero dizer que, muitas destas mulheres que nasceram nessa zona de Guiné-Bissau, região de Cacheu—setor de Canchungo - onde as mulheres acordam todos os dias às cinco da manhã e trabalham até o sol se pôr. Não só fazem os trabalhos domésticos, assim, também, como social (coletivo) recebendo, às vezes, contribuição dos parceiros (homens) e familiares para conquistarem esses espaços que hoje são considerados como um conjunto de atividades visíveis à sociedade, e é importante pelo sustento e desenvolvimento da comunidade de *Babock*, são pilares da família e tem vozes na *tabanca*, cidade e essas vozes são ouvidas.

**Figura 24**



Um das primeiras lideranças femininas de *Babock* que será apresentada logo a seguir nos permitirá saber da história de vida, e de como contribuiu para criar um grupo de mulheres que comungam dos mesmos interesses. Para facilitar a minha narrativa, usarei a linguagem mais simples, como diria Bourdieu (1986), para descrever a vida como um caminho percorrido por mulheres em suas associações. Auxilia-nos a compreender como é a rotina diária de mulheres em associações que estão atreladas ao desenvolvimento local e

consequentemente às suas relações sociais estabelecidas com as *tabancas* próximas e a cidade.

Uma das nossas escolhidas para esta dissertação foi Sábado Lima Mendes, filha de André Lima Mendes e de Henriqueta da Silva, nascida na *tabanca* de Petabe (Canchungo, casada em Caronca- *tabanca* próxima) em 15 de outubro de 1979. A opção de trazer a história de vida de Sábado Lima Mendes para este trabalho justifica por ser ela uma das fundadoras da Amizade (nos anos 90) e a única dentre as quais ainda resta no grupo (as suas colegas imigraram para os países vizinhos, Senegal, Mali etc). É ela que atualmente coordena a associação. Ou seja, Sábado L. Mendes, mais conhecida pela *tabanca* de Katarindi, é responsável pela *Mandjuandadi Amizade de Babock*. Uma das mais dedicadas

aos trabalhos de hortaliças, desde criança, Sábado acompanhava sua mãe e madrasta nas plantações de arroz e alguns legumes (tomate, pimenta, malagueta e alface) para o consumo apenas da família. Entretanto, os seus vizinhos sempre queriam comprar legumes na casa da família de Sábado, para que não tivessem um deslocamento para o mercado central de Canchungo. Na época, Sábado tinha catorze anos. Não sabia preparar sementes e muito menos terreno para plantar hortaliças. Portanto, começou a mobilizar algumas meninas da sua idade no sentido de criarem um grupo apenas de meninas que era *uran*<sup>31</sup>, para atender às necessidades da comunidade, ou melhor, o grupo tinha por objetivo criar pequenas hortas caseiras.

Logo no início, começaram com a plantação de mancarra (amendoim) por dois anos e perceberam que dava muito trabalho e não gerava rendimentos ou lucro. Resolveram, então, apostar nas verduras e legumes que elas chamam de consumo obrigatório no período de 1986. Esse certamente não era um grupo sólido, pois, começou com cinco pessoas e um ano depois aumentou para mais quatro. No total de nove pessoas, trabalharam durante 3 anos e depois o grupo se desfez, por motivos de viagens e casamento. Essas mulheres seguiram por caminhos diferentes, inclusive, Sábado que é natural de Petabe foi casar-se em Caronca, uma tabanca vizinha. Mesmo com a distância da antiga horta e amigas, Sábado continua com a plantação em casa (no quintal) que dava para vender uma parte e outra servia para o consumo. “Não podia parar porque vivo disso, além de me dar rendimentos, a metade disso vai para o sustento da minha família”. Sábado recebia apoio do esposo e *Cumbossa*. Essas ajudas se davam além de cuidar do solo, regar, limpar a horta, também e vender os legumes. Sábado tinha e ainda tem bancas de vendas (mesa) dos mais variados produtos à porta de casa ou vende noutros locais: pequenos mercados do bairro e, geralmente, nos finais de semanas no mercado central de Canchungo.

A contribuição do parceiro e *Cumbossa* não duraram por muito tempo, pois, o marido imigrou para Europa (França) e sua *Cumbossa*, por infelicidade, faleceu. Foi um momento muito delicado: recém-casada, com uma filha de três anos e uma horta para cuidar. A partir deste período, Sábado procurou outras colegas para se juntar à produção. Ela salienta, “nunca sei trabalhar sozinha, sempre trabalhei em grupos e aprendi isso na casa dos meus pais”. Assim, surgiu a *Mandjuandadi Amizade de Babock* nos anos mil novecentos e noventa com trinta membros mantendo estas relações de amizade. Semedo (2010) coloca

---

<sup>31</sup> *Uran* em língua manjaca significa as pessoas das mesmas idades - colegagem

que as relações estabelecidas pelas Mandjuandadis na Guiné-Bissau são mantidas através de um código de comportamento rígido, instaurando uma relação de dádiva\troca nos trabalhos.

O grupo *Mandjuandadi* é geralmente constituído por pessoas que mantêm uma ligação harmoniosa, estes estabelecem entre si laços de amizade, parentesco, vizinhança ou profissão, independentemente de classe social, etnia (05.05. 2017: membro do grupo Amizade de *Babock* por telefone).

Durkheim (1912) afirma que o progresso da sociedade se dá a partir do fortalecimento do sistema de dádivas e trocas que criam uma coesão social, sendo que as trocas são realizadas coletivamente. Assim também a dádiva produz alianças (alianças matrimoniais: trocas entre chefes ou diferentes camadas sociais, religiosas, política, econômica, jurídica, e dentre outros elementos). A vida na sociedade é possível só através das relações sociais, crenças que os indivíduos têm em compartilhamento das coisas. As pessoas comungam da mesma crença, dos mesmos sentimentos de pertença e dos mesmos grupos (MAUSS, 1974).

Ao participarem de associações, as mulheres demonstram muito interesse pelas atividades na horta e na costura, mas isso ocorre a partir de uma dedicação conjunta, portanto, suas relações solidárias e estratégias de produções compartilhadas constituem uma oportunidade de acesso (das mulheres ou dos jovens) a certo poder social, ultrapassando as limitações hierárquicas baseadas nas idades e gênero. Certamente, qualquer que seja o seu estatuto na sociedade, elas podem, no interior da associação, ocupar cargos e preencher papéis, portanto, serem prestigiadas e valorizadas socialmente (BORGES, 2010).

Como foi dito que a organização dentro da *Mandjuandadi* perpassa a hierarquia das mais velhas para as mais jovens. Para as que detém algum cargo, no caso da rainha, merinha vocalistas, e responsáveis, essas são consideradas “mulheres com mais experiências” e exercem um papel fundamental nesta partilha de suas experiências ao orientar as moças mais jovens por serem as pessoas com mais maturidade dentro de associações e fora dela. As líderes incentivam sempre o trabalho em equipe para a melhor obtenção de bons resultados em suas associações e estimulam uma comunicação e um bom relacionamento entre os membros através de seus sábios conselhos para tomarem certas decisões e atitudes mais

**Figura 25**

assertivas. Podem representar figuras importantes nas organizações não só pela idade – até porque maiorias das associações de mulheres em Guiné-Bissau é composto por diferentes faixas etárias.

Essa situação é semelhante na cidade *Bontche*, por ser uma cooperativa que trabalha com costuras e comércio, embora sejam experiências de mulheres na zona urbana. Elas também focam no associativismo, na dependência e no protagonismo. Sendo assim, a história da porta voz de *Bontche*, Ivone Gomes pode ajudar neste trajeto de conhecer um pouco o surgimento da organização e a função que ela representa na cooperativa.

Ivone Gomes, porta voz de Cooperativa *Bontche*, nasceu em 01 de março de 1972, em Bissau-capital, terceira filha dos seus pais, Bairro de *Reno Gã Biafada* e tem seis irmãos. Com quatro anos de idade ficou paralisada por causa de injeções. Por isso, em 1977, a mãe decidiu levá-la para Canchungo, porque havia um hospital de referência, tanto a nível nacional como, também, sub-regional, pois os médicos que trabalhavam na época eram chineses. A propósito, a sua ida para Canchungo foi na expectativa e esperança de se recuperar da sua situação, que, infelizmente, não deu certo. Na altura, a sua mãe não podia ficar internada com ela no hospital por estar trabalhando em outra cidade (Amura) ainda tinha os outros irmãos pequenos para cuidar. Enfim, dependiam muito do salário da mãe para sobreviver.

Portanto, a única solução naquele momento foi deixá-la com os cubanos, para que ela pudesse continuar o tratamento e estudar. Infelizmente, não houve nenhuma mudança ou efeito no tratamento até hoje. Ivone comenta: “Por ter de passar por tanta coisa, isso me fortaleceu, me ajudou a ser aquilo que eu sou hoje, muitas das vezes eu digo que se eu tivesse crescido com a minha mãe não iria aprender tudo aquilo que hoje sei, porque a minha mãe não ia deixar-me fazer aquilo que eu fazia em Canchungo”. Para Ivone Gomes, “o céu é o limite”.

Ivone mora em São Paulo, ao lado da sede da associação. A sede não apenas funciona como lugar de costura, mas, também de loja de vendas destes trajes costurados pelo grupo. Ao lado da sede há uma escola de jardim para as crianças. Nos finais de semana

ou datas de feriados, as mulheres de *Bontche* são convidadas por Ivone para aproveitar este espaço para suas aulas de alfabetização, oferecidas a outras mulheres e homens. Também há uma formação voltada para o assunto de mulheres: o caso de cuidados pessoais - infecções, planejamento familiar, gestão financeira e dentre outros assuntos de seus interesses.

A sede está no centro do bairro de São Paulo e é fácil de ser localizada. É um lugar muito movimentado a qualquer dia da semana. Por este motivo, a residência de Ivone, próximo à sede, à escola e à igreja, representa um ponto de referência no bairro de São Paulo. As pessoas circulam por ali com facilidade e é muito conhecido na cidade de Bissau, que configura como uma das vantagens para comercializar seus produtos.

A *cooperativa*, como dito anteriormente, envolve doze mulheres empreendedoras, que trabalham com costura e comércio. Estas mulheres são consideradas exemplos de como é possível uma profissão conjunta, que contribui para o crescimento socioeconômico de todas. Em um sentido mais amplo, contribui também para o desenvolvimento do próprio país, ajudando outras mulheres no crescimento pessoal, profissional e, realizando seus sonhos, ao disponibilizarem outras vagas para mulheres costureiras de outros bairros.

Portanto, Ivone explica o motivo da criação da *cooperativa* de mulheres costureiras: “*primeiro porque a costura é uma paixão de qualquer uma de nós - nosso interesse comum, outra, a gente se diverte muito fazendo aquilo*”. A costura sempre esteve e está presente na vida da Ivone; desde os seus 14 anos, ela já costurava. Aliás, Ivone foi orientada pela tia, uma pessoa que ela considera, sem dúvida, “uma da grande referência na vida pessoal e profissional”, levando em conta o apoio e o incentivo, bem como, principalmente, o fato de ter acreditado nela. Ivone diz que sua tia apostou muito nela: “ela me incentivava muito, com o apoio dela, consegui entrar para universidade”. Ivone entrou para a universidade querendo fazer comunicação social e não conseguiu a vaga. Para não deixar de fazer uma formação superior - que era seu sonho - resolveu se inscrever no curso de sociologia, que na altura no primeiro ano introdutório, juntavam-se todos os alunos da área social (serviço social, comunicação, economia etc.). A essa mistura de estudantes, Ivone foi-se apaixonando, mais pelo viés das ciências econômicas, que é sua formação profissional.

Em seguida, Ivone conseguiu o emprego como contabilista - administradora financeira da rádio *Sol Mansi* - uma das mais famosas do país. Conciliar este trabalho com a costura, não estava sendo fácil, parecia que a costura que ela tanto amava, estava, àquela

altura, ficando para trás: “(...) não queria isso de jeito nenhum, essa vontade de continuar fazendo o que eu tanto amo”. Surgiu, assim, por conta mesmo destas dificuldades de conciliar suas tarefas profissionais e seus engajamentos nas demais tarefas, essa possibilidade de criar uma associação de mulheres costureiras.

A ideia certamente é ter muitos profissionais na área de costura vindos de diferentes bairros, classes, etnias, ou melhor, ampliar esta profissão para muitas mulheres de diferente faixa etárias, afirma a porta voz do grupo. Assim, começou a participação ativa de muitas mulheres logo na fase inicial de associação - recebendo primeiras formações básicas - como usar uma máquina de costura, fazer corte dos tecidos, instalar a agulha etc. Depois de ampla experiência, decidiram então reformular o grupo, chamado, hoje, *Cooperativa Bontche*. *Bontche* significa em língua *Balanta* - bonito, quando mulheres juntam para um fim. - é lindo é, nas palavras de Ivone, pressupõe uma “solidariedade entre nós mulheres com todas as nossas diferenças - pensar no próximo, tudo isso é lindo, sem falar de nossos trabalhos que é lindo”.

Por terem acreditado em seus trabalhos e em seu caráter mais potente, reconhecido pelos bairros, receberam, então, apoios de algumas ONG's. Isso ocorreu no início de divulgação dos seus trabalhos, a exemplo da *Engim* (organização Italiana), que contribui muito na compra de primeiras máquinas industriais, equipamentos da loja, cabaz de terra e na promoção da formação em tecelagem do pano de pente. Este trabalho foi considerado por muito tempo um “trabalho de homens”, de quiosque (que é o lugar que elas fazem exposição de seus produtos).

É importante ressaltar que chegam os meses em que a sede dá uma pausa nas suas atividades, principalmente nas costuras. Isso ocorre nos meses de agosto e setembro por causa da chuva, o que acarreta grande umidade, prejudicando, assim, os tecidos e roupas. Mantém-se, então, apenas as vendas daquilo que tinham em seus estoques.

Nessas ocasiões, as mulheres aproveitam bastante essas formações com outras associações de mulheres em Bissau, numa espécie de um “intercâmbio” de uma semana ou mais, dependendo do planejamento. Nesta época em particular, passei a maior parte do tempo em Canchungo junto às mulheres de *Babock*, e mantinha comunicação com os membros desta cooperativa, pois não tinha atividades especiais.

Enfim, este capítulo, a partir dos seus tópicos, tentou mostrar as primeiras mobilizações de mulheres para criar uma associação através da história da Sábado e Ivone, assim como o fortalecimento de liderança compartilhada. Assim, ao apresentar as posições

de *rainha e porta voz*, pudemos verificar as atividades propulsoras do trabalho em grupo e da construção de uma rede de apoio feminina para alcançar determinados objetivos. Percorrer a forma com que estas organizações foram criadas e passaram a existir em suas comunidades, de forma comparativa, permite encontrar a construção de identidades próprias a partir do fortalecimento da ajuda entre as participantes ao longo do cotidiano. As responsabilidades são partilhadas pelo coletivo assim como as dádivas também são divididas. Estes vínculos com a *Mandjuandadi* e com a cooperativa fortalecem o ser mulher em Guiné-Bissau, na medida em que também sustentam as relações com os parceiros e com as famílias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa antropológica, procuramos descrever os elos que mantêm as mulheres em associações femininas na Guiné-Bissau, concretamente na região de Cacheu, setor de Canchungo e bairro de São Paulo Bissau (capital), denominadas *Mandjuandadi Amizade de Babock e Cooperativa Bontche*. Assim, compreende-se que as mulheres nestas organizações se afiguram nas expressões femininas contra hegemônicas, inseridas em uma dinâmica e uma gramática peculiares – no que diz respeito aos modos de se estar em coletividade e os elos que as unem e lhes conferem poder em suas expressões femininas africanas, que podem ser, também, concebidas como guineenses. Afinal, uma vida que supõe a produção compartilhada de objetos, de saberes, de comida – nas plantações, na família, nos encontros e demais redes de sociabilidade e convivência dentro e fora das associações de mulheres da Guiné Bissau – não cumpre as expectativas do sistema-mundo pautado pelos valores e ética capitalistas. O modo como se concebe a mulher e as relações de gênero nas quais ela está inserida perpassa também a posição e linguagem do pesquisador que busca uma compreensão científica desses processos. É nesse sentido que esta dissertação procurou também discutir as bases epistemológicas nas quais se centram concepções da experiência feminina por meio de um exercício etnográfico.

No primeiro capítulo, foi apresentado o olhar atento e cuidadoso para este universo feminino organizado a partir de relações de gênero (e de família e comunidade) que teve as

suas próprias condições de possibilidade. Ali, apresentei uma reflexão sobre o meu trajeto etnográfico realizado nas duas associações de mulheres em Guiné-Bissau. A partir de especificidade da inserção acadêmica na graduação e mestrado em Redenção e Fortaleza (Brasil) e do meu envolvimento pessoal de fluxo e refluxo da etnografia (Fortaleza, Canchungo e Bissau) pude produzir conhecimento pautado em tornar visível também as relações de troca que estabeleci com os grupos estudados. Um estudo futuro permitiria compreender mais a fundo o diálogo que estabeleci também com os grupos nos quais me vi inserida no Brasil, que também criaram forças motrizes para muitas das questões que pude espelhar nesta dissertação.

No segundo capítulo, com bastante atenção, discuti as fronteiras de gênero nas suas diferentes perspectivas teóricas e como estas conceberam algumas formas de se estar no mundo, de ser mulher, de pensar a pluralidade de pertencimentos identitários, isto é, trouxe referenciais do pensamento sobre a agência de mulheres no continente “africano” através das suas realidades plurais, bem como seus papéis na vida cotidiana, seus arranjos, suas negociações, suas inteligibilidade e sua lógica social afro centrada. Estes autores permitiram que eu questionasse a forma eurocêntrica de produção de conhecimento sobre estas mulheres consideradas, na maioria das vezes, “outras”, ou seja, mulheres de grupos subalternizados. Logo, é importante procurar entender [ver] o contexto completo em que as mulheres africanas e guineenses estão inseridas, desde as suas subjetividades e a complexidade dos contextos até como concebem o bem-viver, sem julgamentos que informem exclusões ao que é moralmente aceito.

Os debates sobre a questão de mulher e suas inserções nos lugares de destaque em Guiné-Bissau é muito presente em todas as esferas (desde as locais até as nacionais). Para além disso, há uma forte participação da mulher nos partidos políticos, no Parlamento, e em outros lugares considerados importantes para a representação feminina – que corresponde a 52% da população. Algumas mulheres nas *tabancas* e cidades se juntam para realizar atividades que geram rendimentos, com suporte aos trabalhos de agricultura, comércio e costura. Portanto, o terceiro capítulo, mostra uma revisão da literatura sobre o desempenho da organização social de mulheres na produção agrícola, na costura, no comércio que contribuem no sustento familiar e no desenvolvimento da comunidade e bairros. Por isso, as mulheres em Guiné-Bissau, têm sido vistas como indispensáveis em programas de desenvolvimento local e nacional, especialmente quando se fala de suas organizações

coletivas. Suas evidências têm crescido bastante, por não serem, apenas, agentes de produção, mas também terem uma responsabilidade maior na garantia da sobrevivência familiar.

Este resultado, se vê nas associações de mulheres em *Babock* e *Bontche* que, são geralmente, constituídas por pessoas que mantêm uma ligação harmoniosa, estas estabelecem entre si laços de amizade, parentesco, vizinhança ou profissão, independentemente de classe social ou etnia. Assim, com base no que foi apresentado, o quarto capítulo, procurou (re)constituir as histórias de vida de três mulheres em associações *Bontche* e *Babock* a partir de suas vivências no campo de agricultura, costura, comércio bem como fora desses setores. Desta maneira, compreende-se a consequência do micro ao macro – um grupo de mulheres contribuindo na economia nacional. Ainda neste capítulo, partir de um olhar e experiências de próprias interlocutoras, Sábado e Tina (líderes da *Mandjuandadi Babock*) e Ivone (porta-voz de *Bontche*), nos permitiu entender de que maneira as mulheres se juntam nos seus associativismos guiadas pela agricultura e produção de hortaliças (legumes, pelas músicas e danças nos encontros organizados para celebrar passados e planejar futuros. Esses encontros também se constituem como espaços de transmissão de conhecimentos para gerações mais novas. Assim, encontramos nessas associações diferentes faixas etárias de mulheres do país que buscam autonomia financeira, recursos de poder, e reconhecimento local e nacional.

Em linhas gerais, quando se reconhece a diferença e se aceita conviver com ela, uma pessoa ou grupo cresce e se expande. Esse é um grande desafio, que talvez possa ser superado a partir de novas e necessárias pesquisas que se debrucem sobre o lócus em que as diferenças se apresentam nos imaginários sobre os africanos, em particular guineense. E poder repensar as diversidades culturais e suas multifacetadas visões de mundo, em geral, assim como seu pluralismo é também reconhecer a existência de múltiplas visões que alargam horizontes, experiências e práticas sociais, políticas e econômicas. A inclusão de gêneros e conhecimentos produzidos em diferentes perspectivas e relações podem se apresentar não como uma alternativa, mas como uma possibilidade já real.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU-LUGHOD, Lila. **Dramas of Nationhood: the politics of television in Egypt, Chicago/ London**. The University of Chicago Press, 2005.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. “**Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**”. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 25, p. 301-306, jan./jun. 2006.

ADESINA, Jimi. **Práticas da Sociologia Africana: Lições de endogeneidade e gênero na academia**. 29/03/2012

AMADIUME, Ifi. “**Theorizing matriarchy in Africa: kinship ideologies and systems in Africa and Europe**”, in Oyewùmì, Oyèrónké (ed.), **African gender studies: a reader**, Hampshire (England), Palgrave Macmillan, pp. 83-98, 2005.

ASAD, T. “**From the History of Colonial Anthropology to the Anthropology of Western Hegemony**”. In: George W. Stocking Jr. (ed.). **Post-Colonial Situations: Essays in the Contextualization of Ethnographic Knowledge**: 314-324. Madison: University of Wisconsin Press, 1991.

BÂ, Amadou Hampâté. **O menino Fula**. Tradução: Xima Smith de Vasconcelos. Rio de Janeiro: Palas Athena; Casa das Áfricas, 2003.

BALANDIER, George. **Sens et puissance**. Les dynamiques sociales. Paris, PUF, 1971.

BAMISILE, Sunday Adetunji. **Questões de gênero e da escrita feminina na literatura africana contemporânea e da diáspora africana**. Lisboa, p.01-519, 2012.

BENJAMIN, Walter. “**O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**”. In: **Magia e técnica, arte e política**. Lisboa: Relógio D’Água Ed, 1992.

BERNARDO, Alexandre. **Guiné-Bissau: Um pouco da cultura balanta**. Janeiro, 2017.

BOLONHA, Ludmila Melo da Costa. **O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau**. ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa\ Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas. Março, 2013.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BORGES, Manuela. “**Associativismo Feminino no Atlântico**”. In Havik, Saraiva, Tavim (Org.) **Caminhos Cruzados em História e Antropologia. Ensaio em Homenagem a Jill Dias**, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp.291-308, 2010.

BORGES, Manuela. “**Estratégias femininas entre as bideiras de Bissau. Cidades, comércio, associações e desenvolvimento**”. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2001.

BORGES, Manuela (2006), “**Relações de Alteridades e Identidades: mandjuandadis na Guiné Bissau e a Irmandade da Boa Morte na Bahia**”, Impulso, (Online), 17 (43), p. 91-103. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp43art06.pdf>

BORGES, Maria Manuela. **As mulheres em África: dinâmicas informais de socialização, educação, reprodução e inovação cultural**. Universidade Nova de Lisboa: Revista Educação em Questão, v. 22, n. 8, p. 7-33, jan./abr. 2005.

BUGUL, K. **Riwan ou le Chemin de Sable**, Paris/Dakar: Présence Africaine, 1999.

BUTLER, Judith. “**Problemas de gênero**”: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização, 2008.

CABRAL, Pina João; LIMA, Antônia Pedrosa de. “**Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social**”. Etnográfica, vol. IX (2), p. 355-388, 2005.

CARVALHO, Clara. **Uma antropologia da imagem colonial: poder e figuração entre os manjacos da Guiné-Bissau**. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (Iscte), Portugal, 2004.

CASAL, Adolfo Yánez. **Suportes teóricos e epistemológicos do método biográfico**, In Ethnologia, Nova série, nº 6-8, p. 87-104, 1997.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **A condição da mulher na África tradicional**. III Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais: olhares diversos sobre a diferença. João Pessoa-PB, outubro/ 2011.

CHISSANCHO, C. & USSENE, V. **O Cooperativismo como fator do desenvolvimento econômico e social: potencialidades, oportunidades e desafios - estudo de caso (Metuge, Moçambique)**. Celeste Chissancho. Centro de Promoção de Investimentos (CPI), Valério Ussene. Universidade Católica de Moçambique. Revista Electrónica de Investigação e Desenvolvimento Nº 4, junho/ 2015.

CLIFFORD, James. “**Sobre a autoridade etnográfica**”. In: A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COLLIER Jr., John. “**Antropologia visual**”: a fotografia como método de pesquisa. São Paulo: EPU/Ed. da USP, 1983. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras\\_SemedoMO\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SemedoMO_1.pdf)

COSSA, Segone Ndangalila. **Corpos Ubíquos: Estudo Etnográfico sobre a Construção Social dos Corpos em Moçambique**, Porto Alegre, 2014.

DOMINGUES, Manuela Borges “**A educação informal e as associações**”. A propósito das *mandjuandadis* na Guiné Bissau. In Programa do Congresso Portugal e os Palops.Cooperação na Área da Educação, Lisboa: ISCTEL/IUL, p.35, março/ 2010.

DOMINGUES, Maria Manuela Abreu Borges. “**Estratégias femininas entre as badeiras de Bissau**”, (Dissertação de doutoramento em Antropologia Cultural e Social), Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas 669p. 2000.

DURKHEIM, Émile. **Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse**. Plon, Paris, 1912.

EVANS-PRITCHARD, E. “Introdução” e “Tempo e Espaço” In: **Os Nuer**. São Paulo: Editora Perspectiva, p. 5-21 e 107-150, 1993.

EVANS-PRITCHARD, E. “O sistema político” In: **Os Nuer**. São Paulo: Editora Perspectiva, p. 151-200, 1993.

FERGUSON, J; GUPTA, A. **Mais além da “cultura”**: espaço, identidade e política da diferença, p.6-23, fevereiro/ 1992.

FOUCAULT, Michel. **O poder e o conhecimento**: introdução ao pensamento de Michel Foucault, de Ricardo Luiz de Souza. Salvador: EDUFBA, 201p. 2014. EccoS Revista Científica, núm. 42, enero-abril, 2017, p. 195-198, Universidade Nove de Julho, São Paulo, Brasil.

FREITAS, Joseania Miranda. BORGES, Maria Manuela. “**Perspectivas histórico-educacionais do associativismo feminino na África e no Brasil – memórias solidárias: mandjuandadis na Guiné-Bissau e a Irmandade da Boa Morte na Bahia**”. Revista Educação em Questão, v. 22, n. 8, p. 34-54, jan./abr. 2005.

GEERTZ, C. “**A Interpretação das culturas**”. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

GEERTZ, Clifford. “**A Interpretação das culturas**”. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. “Centros, reis e carisma: reflexões no simbólico do poder” **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. [14. ed.]. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOMES, Patrícia Godinho. “**Amílcar Cabral and Guinean women in the fight for emancipation**”, in Manji, Firoze, Fletcher Jr., Bill (eds), Claim no easy victories. The legacy of Amilcar Cabral, Dakar, CODESRIA / Daraja Press, p. 279-294, 2013.

GOMES, Patrícia Godinho. “**A Mulher guineense como sujeito e objeto do debate histórico contemporâneo**”: excertos da história de vida de Teodora Inácia Gomes. Africa Development, Volume XLI, No. 3, pp. 71-95, 2016.

GOMES, Patrícia, “**As mulheres do setor informal. Experiências da Guiné-Bissau.**”, in *Africa. Puentes, conexiones e intercambios, Actas del VI Congreso de Estudios Africanos en el mundo ibérico*, Las Palmas, Aquario, p.682-701, 2010.

GOMES, Patrícia Godinho. **Na senda da luta pela paz e igualdade**. O contributo das mulheres guineenses. BUALA, março/ 2012. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/mukanda/na-senda-da-luta-pela-paz-e-igualdade-o-contributo-das-mulheres-guineenses>> Acessado em: 14 de agosto 2016.

GOMES, Patrícia. “**La mujer y el poder en Guinea Bissau: la lucha armada, los años 80 y el nuevo contexto político y econ mico**”. In: Nova África, jan. 2009, n.º 24.

GOMES, Peti Mama. “**Ser mulher africana e estudante no contexto de diáspora: alguns aspectos do cotidiano de estudantes guineenses no maciço de Baturité-CE**”. Fortaleza, 2016.

HAMPATÉ BÂ, A. “**A tradição viva**”. In: Ki –Zerbo, Joseph. História geral da África - Metodologia e pré-história da África. 2ª.Ed. Rev. – Brasília: UNESCO, p. 167-212, 2010.

HOUTONDJI, Paulin, “**Investigação e extravasão: elementos para uma sociologia da ciência nos países da periferia**”, *Soronda - Revista de Estudos Guineenses*, Nº8, p.107-118. Bissau: julho/ 1989.

LOPES, Cátia. “**O Papel da Mulher no Microcrédito na Guiné-Bissau**”. Estudo de Caso de Pitche e em Pirada, p. 105-122, 2013.

M. Peirano (org.) **O dito e o feito: Ensaio de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MALINOWSKI, B. “**Objetivo, método e alcance desta pesquisa**”. In: MALINOWSKI. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa**. In: \_\_\_\_\_. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. 1976 [1922].

MAMA, Amina. “**Será ético estudar a África? Considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade**”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, p. 603-637, 2010.

MARTINS, Catarina. **Polifonias femininas das poligâmias. Concerto ou desconcerto?** Riwan ou le chemin de sable de ken bugul (senegal) e niketche. Uma história de poligamia de paulina chiziane (moçambique). *Contra Corrente: revista de estudos literários e da cultura*, nº 7, p. 59-74, 2015.

MAUSS, Marcel. “**Sociologia e Antropologia**”. São Paulo: EPU, 1974.

\_\_\_\_\_. “Ensaio sobre a dádiva”. In *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.

MEAD, Margaret. “**Sexo e Temperamento**”. Direitos reservados em língua portuguesa à Editora Perspectiva. 4 edições - 1 - São Paulo - SP – Brasil, 2003.

MENDES, Paulina. **Entre os “saberes locais” e o “saber universal”**: a modernização das comunidades manjaco e a mandjização do estado na Guiné-Bissau. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, setembro/ 2014.

MITCHELL, J. Clyde. “**The Kalela Dance**”. Rhodes Livingstone Paper, n. 27.

MONTEIRO, Maria Ivone Tavares. **Família e género na perspectiva das mulheres kumbóssas: um estudo etnográfico no Concelho de Santa Catarina, Ilha de Santiago/CV**. Universidade de Cabo Verde, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Mestrado em ciências sociais – 3ª. edição. praia, agosto/ 2013.

NOVAES, Sylvia Caiuby, “**O uso da imagem na antropologia**” † in Etienne Samain, O Fotográfico, São Paulo: Hucitec, p.113-119, 1998.

ODEYÉ-FINZI, Michéle. “**Les associations en villes africaines**”. Dakar: Brazzaville; Paris: L’harmattan, 1985.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “**Olhar, ouvir, escrever.**” In: O trabalho do antropólogo. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

OLIVEIRA, Roberto C. **A antropologia e a “crise” dos modelos explicativos.** In: \_\_\_\_\_. O trabalho do antropólogo. Cap.3. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

OYEWUMI, Oyeronke. “**Conceptualizando el género**”: Los fundamentos eurocéntricos de los conceptos feministas y el reto de la epistemología africana: africanando. Oyeronke Oyewumi\ Revista de actualidad y experiencias nº. 04, 4º trimestre 2010. Disponível em: [www.africanando.org](http://www.africanando.org) > Acessado em: 2016.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PINTO, Paula. “**Tradição e Modernidade na Guiné-Bissau**”: Uma perspectiva interpretativa do desenvolvimento / Paulo Pinto, - 2009. 70 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos) – Centro de Estudos Africanos, Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Porto, 2009.

PINHEIRO, Priscila Tinelli & JÚNIOR, Humberto Ribeiro. **O Cooperativismo e sua importância no processo de desinvisibilização social dos catadores de materiais.** Disponível em: [www.derechoycambiosocial.com](http://www.derechoycambiosocial.com) | ISSN: 2224-4131 | Depósito legal: 2005-5822

POLLAK, Michael. “**Memória, esquecimento, silêncio**”. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-5, 1989.

POLLAK, Michael. “**Memória e Identidade Social**”. Tradução de Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUIJANO, Aníbal. “**Sistemas alternativos de produção?**”, in B. S. Santos (org.), Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista, Rio de Janeiro, 2002.

ROCHA, E. “**Etnografia: saberes e práticas**”. In: PINTO, C. R. J.; GUAZZELLI, C. A. B. Ciências humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Universidade, 2008.

RODON, Silvano Aparecido. **Estranhando o familiar: notas de uma pesquisa etnográfica.** Ponto Urbe Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, 2008.

ROQUE, Sílvia. **Um retrato da violência contra mulheres na Guiné-Bissau.** Versão junho/ 2011.

ROTONDANO, Ricardo Oliveira. **Cultura e ética na formação familiar: a poligamia e a sua repressão no ocidente.** Rev. Bioética y Derecho. Nº 38, Barcelona, 2016. Disponível em: [http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1886-58872016000300007](http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1886-58872016000300007)

SAID, E. **Orientalismo**. “O oriente como invenção do ocidente”. Bueno. - São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTANA, Sara Gomes. “**Para uma narrativa histórica da Arte Africana, o caso da Guiné-Bissau e os grupos de Mandjuandadi**”. Escola de Sociologia e Políticas Públicas. Instituto universitário de Lisboa, 2012 / 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa & RODRÍGUEZ, César. “**Introdução: para ampliar o cânone da produção**”, in B. S. Santos (org.), Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SCOTT, Joan. “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**”. IN: Mulher e realidade: mulher e educação. Porto Alegre, Vozes, V. 16, nº 2, jul/dez de 1990. Disponível em <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2016.

SEMEDO, Odete da Costa. “**As Mandjuandadi - Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da Tradição Oral à Literatura**”. Tese de Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa, Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010.

STRATHERN, M. “**O Gênero da Dádiva: Problemas com as Mulheres e Problemas com a Sociedade na Melanésia**”. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

TEIXEIRA, Ricardino Jacinto Dumas. “**O conceito de sociedade civil: um debate a partir do contexto da Guiné-Bissau**”. Estudos de sociologia. Rev. do Progr. de Pós-graduação em Sociologia da UFPE. v. 15. Nº. 2. p. 161 – 180, 2014.

VELHO, Gilberto. “**Observando o Familiar**”. In: Individualismo e cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

VERONESE, Marília Veríssimo. **Análise de um empreendimento de economia solidária sob a ótica da sociologia das ausências e das emergências**. Ciências Sociais Unisinos 41(2):89-99, maio/agosto, 2005.

“**Mandjuandadi da Guiné-Bissau**”. A Cultura, a nossa Riqueza. (VIDEO). Disponível em: <https://www.youtub2e.com/watch?v=sOvc2fFoxAE>

WEBER, Max. “**Comunidades Políticas**”. Economia e Sociedade. Brasília: Ed. UnB. p. 155-186, 1991.

WIESER, Doris. **Redes de mulheres em famílias poligâmicas africanas entre submissão e subversão**: Things Fall Apart de Chinua Achebe, Xala de Ousmane Sembène e Niketche de Paulina Chiziane. Universidade de Lisboa, 2016.

## Apêndice 1.

### ÁRVORE DE MANDJUANDADI AMIZADE DE BABOCK EM CANCHUNGO

---

#### POSIÇÃO

- Responsável ou conselheira – consideradas, às vezes, a mais velha dentro de grupo ou com mais tempo;
- Rainha e Rei - Uma rainha e um rei, que são escolhidos pela maioria, dentro do grupo *Mandjuandadi*, atendendo ao comportamento respeitável, à honestidade e disponibilidade para exercer o seu papel. No caso da rainha, a mulher tem reputação de ser empreendedora e de confiança entre as colegas. Enfim, tanto a rainha quanto o rei são chefes do grupo, isto é, responsáveis máximas. (DOMINGUES, 2000, p.226).
  - Merinha - compete substituir à rainha e controlar a área financeira, supervisionando o financeiro ou tesoureiro. Existem ainda os cargos de policiais, com responsabilidades na manutenção da disciplina e no controle do comportamento dos associados, quando reunidos. Todos os outros associados são chamados soldados e podem, a pedido, desempenhar funções delegadas pelos dirigentes.
  - Porta-Voz - conduz reuniões e suas fontes de informações. Muitas vezes, minhas dúvidas eram respondidas por ela.
  - Vocalista principal e vice - compõem algumas músicas, cantam e fazem solos, assim como ajudam em coreografias.

## **Composição da COOPERATIVA *Bontche***

### Mesa da Assembleia Geral

- Presidente: Ivone Gomes;
- Vice-Presidente: Linda Na Dap;
- Secretária: Segunda Camará.

### Direção Executiva

- Diretora Executiva: Maria Esmenia Cabral dos Santos;
- Administrativa: Tânia Marisa Sanches dos Reis Cabral;
- Administrativa: Vitoria M'Batna.

### Conselho Fiscal

- Presidente: Ninha Suncar Iala Intchama;
- Porta-Voz: Antonieta Mendes.